



CRÓNICAS E MEMÓRIAS

# HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

---

VOLUME VI

PORTUCALENSE EDITORA  
L. dos Lóios, 91 - PÓRTO



HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

EDITORA BRASILEIRA DE LIVROS  
RUA MARQUÊS DE SÃO CARLOS, 139  
CASA 11 - JARDIM BOTÂNICO - SÃO PAULO - SP

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS  
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO  
BARCELOS 

---

HISTÓRIA  
TRÁGICO-MARÍTIMA

COMPILADA POR  
BERNARDO GOMES DE BRITO



NOVA EDIÇÃO

Publicada sob a direcção de  
DAMIÃO PERES

Professor da Universidade de Coimbra

R. 155837

VOLUME VI

PÓRTO  
1 9 4 3

XII

Viagem da  
nau S. FRANCISCO em 1596

ix

Visgem da

San S. FRANCISCO em 1895

# RELAÇÃO

DA

VIAGEM E SUCESSO

*Que teve a*

NAU S. FRANCISCO

EM QUE IA POR CAPITÃO

VASCO DA FONSECA

*Na armada que foi para a Índia no ano de 1595*

ESCRITA

PELO

PADRE GASPAR AFONSO

*Um dos oito da Companhia que nela iam*

70607  
30907  
H/61

RELAÇÃO

VIAGEM E SUCESSO

Que teve a

NAU S. FRANCISCO

em que se fez o

VASCO DA FONSECA

No corrente que foi para a Índia no ano de 1595

ESCRITA

PELO

PADRE GASPAR AFONSO

Um dos reis da Companhia que neste anno

*Viagem da nau S. Francisco  
no ano de 1596*

---

○ DESEJO e sêde com que isto me pediu quem por muitas vias me podia mandar, como mandou outras muitas cousas os anos que debaixo de sua obediência me teve, e o gôsto com que me ouvia e fazia referir algumas das muitas cousas que por nós passaram, ou nós por elas, estes anos que andamos errando tantos mares e terras, quantas nunca Ulisses imaginou que podia haver para se navegar e errar, me obrigou a lho pôr por escrito e dar conta, para sua consolação e dos mais que a lerem, ainda que em suma e mui cifrada, desta nossa tão larga e trabalhosa peregrinação, com dobrado interêsse. O primeiro, meu, assim por ser cousa tão natural, como diz Séneca, folgar cada um com o fim de seus males, como pelo que Macróbio diz que sentem aquêles que andaram por mares e terras quando são preguntados, de quem os não sabe, pelos sítios dessas terras, portos e enseadas dos mares, respondendo com tanta vontade e pintando todos estes lugares, agora com palavras, agora com o dedo e algum ponteiro, tendo por grande glória pôr diante dos olhos alheios o que êles viram com os seus;

e então lhes dá maior gosto quem lho pergunta, quando por estes mares e terras se viu em maiores afrontas e perigos e escapou deles. O segundo, e mais principal, se, de quem para isso me está convidando, como outro Anfitrião a Teseu, que o não privasse do doce fruto de meus trabalhos, os quais, quanto mais duros foram de sofrer, tanto mais docemente lembram, e por isso lhe contasse os horrendos casos por que passara. E assim quero eu contar parte dos desta peregrinação, tão nova e de si tão meritória, à qual foi Nosso Senhor servido dar fim depois de três anos e dezanove dias, começada para um Oriente e prosseguida por tantos Ocidentes, e acabada enfim no mesmo ponto donde o compasso deu princípio a este círculo tamanho, que, por ser círculo, depois de fechado fica sem princípio nem fim.

Começando, pois, logo do Tejo, e de dez de Abril de 1596 em que nêle demos à véla, uma Quarta-Feira de Trevas, bom pronóstico das em que entrávamos e dos assombramentos que nelas teríamos, onde, por bom princípio, antes da primeira tórre trabalhou a nossa ditosa nau quanto pôde para nos levar à costa, e antes da segunda por visitar os cachopos e despedir-se deles, como quem sabia que os não havia de tornar mais a ver e queria logo dar princípio ao santo exercício da cruz, ou cruzes, as quais com particularíssima devoção ou algum profético espírito lhe tinha no pôrto pôsto algum por último remate de todos os seus mastros, até à ponta do gurupés, o que me a mim, poucos dias antes que partíssemos, deu matéria a uma devota e secreta meditação sôbre os remates de sua viagem. Saiu enfim a nau como pôde, tão carregada de uma banda e tão pouco da outra, que junta esta com outras desordens, se foi fazendo, cada dia mais, tão boiante de uma, que chegámos a tempo em que o costado, com pouco encarecimento, servia de quilha, e a quilha de costado, por particulares interesses de quem as

carrega, porque a estes, nestes tempos, assim no mar como na terra, se busca e dá melhor gasalhado.

Navegando, pois, assim tôdas as naus em conserva entre ambas as fortunas, até passada a Linha Equinocial, sem mais outro alívio que os grandes rebanhos de peixe grande e pequeno que de dia com grandes festas e danças seguem a nau, e com maiores e mais alegres de noite, pela ardência da água e fios ou meadas de ouro que com ela vão fazendo por todos aquêles 47 graus, que é distância de ambos os Trópicos onde êles pela vizinhança do sol se criam, e andam em tão grandes manadas, que é mágua mui grande não ir em cada nau um Santo António que lhes prégasse e os doutrinasse. Bem é verdade que sem estas prêgações e doutrina andam êles por ali tão inocentes, que não é necessário pôr-lhes isca nos anzóis, porque sem ela à porfia caem, enganados com um trapinho envolto no pé do anzol, a que se arremeçam em pulos, para desenfastiar da manchua, que é um peixinho muito miudo que o autor da natureza por aquêles campos cria em grande abundância como hervagem para tanto gado. A pressa com que todo êste peixe corre de um lado e de outro, deixando a nau no meio, é tamanha, que com a nau levar umas asas tamanhas e tão cheias de vento, e êles umas tamaninas, a deixam atrás.

Nestas festas que os peixes vão fazendo às naus, são grandes figuras os que chamam voadores, que são de um palmo, maiores e menores. Não têm mais que duas barbatanas, as quais, começando de junto à goela, vão estendidas, cada uma por seu lado, do comprimento do mesmo peixe. E como por todo o mar se acham pássaros, que de diversas ilhas por êle se espalham, quem os não conhece ainda cuida que também êstes o são. Cousa é ferosa e aprazível ver arrancar um bando dêstes súbitamente àvante de proa, cuidando ser aquêle que dá sôbre êles o leviatão que os vai tragar. Levavam de um vôo

como dois tiros de pedra, ou três, e tão altos que alguns nos caíam dentro na nau cansados, como faziam também alguns pássaros pelos mastros e antenas, cuidando que pousavam nos arvoredos de alguma ilha, deixando-se tomar com tanta inocência sua e obediência aos homens como lhes já tiveram em outro tempo. É esta fraca e desarmada turba de voadores perseguida, no mar, dos grandes, que em tôda a parte se querem manter dos pequenos, e no ar (que a natureza quando lhes deu as azas lhes assinou por couro) das verdadeiras aves, que os desconhecem e não querem admitir nem receber tais moradores em seu elemento, nem agasalhar em sua casa. E assim, fugindo os coitadinhos do fumo, caem no fogo; e fugindo do dente caem na unha. E o pior é que, como os peixes grandes, a quem êles fugiram da bôca, sabem quão fingidas são aquelas asas e quão prestes o coitadinho do Ícaro há-de cair sôbre as águas, o vão seguindo por baixo com tanta ligeireza e velocidade como êle voa por cima, até que derretidas as asas lhes cai a pique na bôca.

Nem acrescentam menos prazer por sua parte os tubarões, peixe fero e carniceiro, os quais têm por devoção não se apartar da nau enquanto está em calma ou corre com pouco vento, para com sua vista aliviar a moléstia dos navegantes, sem quererem por seu serviço mais jornal que a comida; e esta é os jantares que sempre vão de môlho a bordo, presos a seus cabos para se irem descendo, os quais êles vão em tórno da nau visitando e trazendo sem engeitar nenhum por salgado, salvo aquêl que por boa diligência de seu dono foi alado primeiro que lhe chegassem. Para lhes fazer pagar seus contínuos roubos, rapinas e ladroíces, os tomam às vezes com uns anzóis como cambos de ferro, que para isso levam engastados em um palmo de cadeia por razão de uma serra de três ou quatro ordens de dentes que têm, tão fortes e tão agudos que servem aos brazis de ferros em suas frechas.

Põe-se-lhes por isca tudo o que nesta vida se pode comer e o que se acha mais à mão, porque para tudo têm excelente estômago; e como têm a bôca muito por baixo, quando hão-de tomar o bocado viram-se de costas, para que êle mesmo lhes caia na bôca. Prêsos, não há mais touros, assim no mar, como no convés, que é jôgo de que êles ordinariamente servem, pôsto que as sortes são poucas e perigosas; e custou uma um dia bem caro a um marinheiro, a quem deixou bem ferido e enxovalhado.

Andam sempre pelo mar acompanhados de uns peixinhos muito pintados, que chamam romeiros (não sei de que Santos, salvo dos padroeiros das naus que vão pintados na pôpa, que é a primeira cousa que êles visitam). Mas, porque como pobres não poderiam por si fazer estes caminhos, encostam-se aos tubarões, que lhes vêm fazendo os gastos, sustentando-se de suas migalhas, que são muitas e grossas as que de sua mesa sempre vão caindo, por ser larga e mui abastada; porém com todo o recato, por que lhes não aconteça o *Dum captat capitur*. E para êsse efeito de segurança sua, nunca lhes saem das costas, contrapostos à bôca que vai por baixo; e sentem-se êles tão obrigados por esta esmola (virtude própria de pobres, ser conhecidos e agradecidos), que prêso êle se prendem êles, ferrando-se em suas costas, sem ser bastante barafustar e voltar o tubarão tanto, primeiro que o alem acima, para se desferrarem dele até dentro no convés, tendo por acto de muito primor, como com efeito é, a quem seguiram no próspero acompanharem também no adverso e morrerem com quem viveram.

Navegando pois assim, como digo, nos começámos a apartar, como fazem todos, por razão do mesmo interêsse, para chegar primeiro à Índia e vender mais caro, que foi causa de ficarmos sós e sem quem nos desse a mão e de se cumprir em nós ao pé da letra aquilo do Eclesiastes: *Vae soli, quia cum ceciderit, non habet sublevantem se.*

E indo assim em demanda daquele Grão Cabo, e com pássaros dele, que chamam teijões, pousados na água na esteira da nau — com a artilharia já abatida no porão, como fazem todas as naus quando se sentem vizinhas a êle, aprestadas para lutar com seus mares e esperar a salva tormentosa com que êle faz sempre festa e saúde, aos que passam, com tanto estrondo — chegando a vinte e seis graus do Sul, um dia à bôca da noite (ou uma noite à bôca da morte), indo a nau com todas as velas dadas, e elas cheias de todo o vento que podiam recolher (que não seria pouco, pois só a da gávea tinha mil e seiscentas varas, segundo o mestre me disse), e nós todos tão contentes por nos ter entrado aquela tarde o vento que desejávamos, eis que súbitamente quebra e desaparece o leme. E sei eu que a causa foi desobediência pura, que no mar e na terra sempre obra semelhantes efeitos. Já V. R. vê que noite aquela seria para a primeira meditação dos Novíssimos, não imaginando que cousa é a morte, senão vendo com os olhos sua própria figura, cujo prelúdio foi uma confissão que todos fizemos.

O dia seguinte, e alguns mais, se gastaram em deliberar sôbre o remédio, que foram dous mastros ou vergas lançadas por pôpa, ao modo com que se governam os barcos de riba do Douro; e acabado êste se gastaram outros tantos dias no acôrdo da derrota que se tomaria, até final resolução que foi ir em demanda da Baía de Todos os Santos, no Brasil, ainda que contra um expresso Regimento d'El-Rei, porque a necessidade não tem lei.

Tornando treze grau atrás, com temores cada hora de qualquer refrega de vento, assim porque o govêrno era fraco, como porque dando os dous mastros, que nos serviam de dous lemes, por se não poderem sojugar, ainda com bonança, grandes pancadas nos calimes, que é o mais fraco da nau, com qualquer tesão de vento em breve espaço a abriam; mas foi Nosso Senhor servido de nos

prosperar o tempo até à bôca da Baía, onde estivemos tão perdidos, que havia quem, com menos confiança da que à sua piedade se deve, já não pedia a Nosso Senhor que o livrasse de dar à costa, mas, já que fomos dar nela, não fôsse em um arrecife de pedra, que tínhamos por diante, mas em uma pouca de areia, que perto estava, onde sequer escapássemos com as vidas. Porém êle o fêz como bom e piedoso Pai, como nos tinha livrado a noite dantes — na qual, por não sabermos onde estávamos (por vir o piloto mui enfermo e haver quinze dias que não tomava o sol nem carteava), íamos varar em terra — por meio de um navio que à meia noite apareceu junto de nós e rodeou em tórno a nossa nau, sem querer responder às perguntas que lhe fazíamos de quem era ou que queria, até que, dando-o nós por ladrão e supondo que estaríamos junto à terra e perto do pôrto, que é paragem onde esta sorte de gente faz sempre sua vivenda e anda ganhando seu pão com pouco suor de seu rosto, nos fizemos na volta do mar para a vir buscar de dia, como viemos, dando com ela logo à madrugada, tanto de focinhos, que fêz trocar o conceito e nome de ladrão que demos ao navio e tê-lo por anjo que nos veio a avisar e desviar do perigo em que estávamos e naufrágio que poucos passos àvante fazíamos. Assim agora nos quis também aliviar por meio de um vento súbito que de terra nos mandou com que saímos, com tão pouca ajuda dos nossos dous lemes, que em chegando à vista do nosso Colégio — donde, por estar alto e sôbre o mar, se vêem tôdas as naus desde que embocam pela Baía até que lançam ferro — disse o Irmão Francisco Dias, que V. R. bem conhece, o qual sôbre a ciência de architectura, que cá tinha, acrescentou a náutica, com tanta perfeição que é o piloto do nosso navio em que o padre Provincial visita e os Irmãos se mudam de uns Colégios para outros, que aquilo que vinha entrando era nau da Índia sem leme.

Atèqui nossas occupações na nau, e depois na volta, enquanto ela deu lugar, eram confessar, dizer missa sêca aos domingos e dias santos, que nestas naus se ouve com muita devoção e consolação, e para isso as provê El-Rei a tôdas dos ornamentos necessários, ensinar a doutrina aos meninos, que são muitos, e prègar aos grandes. Em todos estes ministérios fez cada um dos padres italianos muito, porque cada um deles tinha muito de Nosso Senhor, mostrando bem o espírito que os trazia à Índia de Itália e o ardente zêlo e desejo que tinham de o dar a conhecer e fazer amar de todo o mundo. Donde nasceu ao padre Jácome de Vicaris, já que o prègar havia de ser em português e estava à conta de um só que o era, alcançar tão cedo de Nosso Senhor tal purificação, como aquela do cálculo ou carvão aceso de Isaias, que em breves dias o fêz, e daí por diante o continuou com muito gôsto, fervor e devoção, assim na doutrina dos meninos, como nas prègações aos homens, que aos domingos e dias santos se faziam, a quem seu muito espírito deixava entender-se de todos com dobrado gôsto e amôr. Porém como os vagares e perplexidades com que andámos em dous climas tão ruins — saindo de um em que estávamos, que começou já naquele tempo a ser tão frio, e tornando atrás ao outro, que é sempre tão quente — junto com a melancolia universal, que em cada um tinha muitas causas gerais e particulares, adoeceu tôda a gente, sem escaparem mais que cinco de quatrocentas e sessenta pessoas que fâmos na nau, adoecendo o pilôto, para ficarmos de todo sem govêrno: o material, por falta de leme a quem obedece a nau; e o racional, por falta de pilôto a quem obedece o leme e manda a via, nem ficar outro que em seu lugar o pudesse fazer com tanta ciência. Adoecemos também nós todos oito que fâmos da Companhia, e todos juntos e tão gravemente que, a tomarmos mais tarde alguns dias pôrto, não sei quantos chegaríamos ao Colégio que naquela ci-

dade temos. Do qual nos vieram nossos padres e irmãos desembarcar em barcos e levar em redes para casa, que são as cadeiras, andas e coches que lá se usam, onde daí a onze dias foi Nosso Senhor servido levar para si dous dos oito, e ambos no mesmo dia vinte e sete de Julho, o padre Jácome de Vicaris e o irmão João Sanches; os mais quis guardar para ver mais mares e mais terra e mais trabalhos.

O que desta terra, que foi a primeira estação das sete que corremos nesta romaria, pudera dizer, terá V. R. lido em muitas cartas que nossos padres e irmãos de lá escrevem e ouvido aos que de lá vêm, e assim não sei eu que outra novidade maior conte dela, que a muita caridade e mais que fraternal amor com que do Padre Reitor Inácio de Zolosa, a quem, por ser vivo, deixo de chamar santo (bênção própria dos Inácios em nossa Companhia, lançada pelo primeiro, ou herdada), e dos mais padres e irmãos daquele Colégio fomos recebidos, agasalhados, curados e regalados por todo o tempo que ali estivemos, que foram cinco meses menos quatro dias. Porém isto não se pode contar nem escrever por novidade, senão por antiguidade, nascida com a Companhia, ainda que por aquelas partes mui crescida e empinada.

O Colégio é mui fermoso e grande, assim no número dos padres e irmãos, como no edificio, com linda e mui curiosa vista sôbre o pôrto, onde por quatro meses do ano, que são os do verão, ou estio, em que nós chegámos, se puderam alugar nossas janelas para a contínua e alegre vista de muitas baleias, que por particulares respeitos seus se vêm recolher êste tempo no recôncavo daquela baía, e o gastam em contínuas festas, saltos e danças, que não fôra pouco impedimento do estudo se não fôra tão contínuo, do que nós lográmos bem enquanto a convalença das doenças passadas não deixava olhar para outros livros, parecendo-lhes a elas que o fazem com

tanto ar e graça, que para que se não perca volta sua que não seja vista, tanto que de lá do fundo chegam à superfície da água, lançam para cima um gracioso e grande borrião, como de uma pipa de água, e, catada assim a atenção aos olhos, se vão levantando e empinando mui direitas para o céu, até que impedindo-lhes a natureza ir por diante e tomar mais do elemento alheio, dão com aquelas grandes tôrres, de carne ou peixe, davesso e as estendem sôbre a água com uma sonora pancada.

Muito mais alegre vista e mais nova nos deu a nós e a boa parte do Colégio um dia uma nuvem descida sôbre a água, de tal feição e postura de bôca, pescôço e corpo, e com tal fervura ou sorvos de água para cima, que pus eu mui pouca culpa à ignorância daqueles que dizem que vêm elas beber ao mar. E depois desta, daí a alguns dias, navegando já para êste reino, vimos no meio do Oceano, bem perto de nossa nau, outras quatro ou cinco juntas, da mesma figura e feição, e na mesma postura e ocupação de matar sua sêde.

Temos perto da cidade uma quinta, que em algumas cousas particulares, como são na verdura do arvoredo todo o ano ( porque o inverno de lá não é de tão má condição como o nosso, nem tão deshumano que dispa as árvores de seus vestidos ), na água de muitas fontes, e em um mais lago que tanque, entre dois montes, cheio de peixe e marisco, na fruta de espinho de tôda a sorte, e noutras naturais da terra, especialmente nos nunca assaz louvados ananases, faz muita vantagem a muitas que cá se têm por boas e dignas de ver. Nem é de maravilhar de tanta frescura e viço da terra, onde, só em cem léguas, que há do Colégio de Pernambuco ao da Baía, me disse o Padre Provincial, que então chegava de lá, que passara quarenta rios, tão caudalosos que nem em jangadas, que são certos paus unidos entre si, se podiam passar os vinte deles, senão de maré vazia, quando, sem a ajuda do mar,

não ficam tão soberbos. Pôsto que as verdadeiras causas desta frescura em tôda a Tórrida Zona são mais superiores, e por isso tão mal conhecidas dos antigos, que por verem o sol todo o ano dentro nela, ferindo-a sempre com raios direitos, ora de um Trópico, ora de outro, lhes pareceu que estaria sempre ardendo, não em sol, senão em fogo, e como tal a tinham por deshabitada, ainda os grandes cosmógrafos, cuja opinião seguiram ambos os poetas Virgílio e Ovídio, dando a cada uma de tôdas as cinco zonas, em que a terra também está repartida, suas propriedades.

Ali vimos o animal Preguiça, de cuja preguiça será pouco tudo o que por cá se terá ouvido, e de que a terra é tão provida, que não foi necessário mais que mostrar eu, em uma aldeia nossa, desejo de ver um destes animais, para me trazerem logo os índios dois do mato. Porque como êles gostam muito das fôlhas de certas árvores, a estas os vão buscar; porém se êle subiu acima alguma hora nesta vida, aí há de estar ainda: cousa é vagarossíssima e molestíssima ver o tempo que há mister para andar quatro passos. E assim não tem necessidade de prisão, porque sua própria preguiça o é bastantíssima, pois nem para fugir de ameaças da morte dá um passo mais apressado; e ainda que tem muito bons pés e mui disformes unhas do comprimento de um dedo, sempre leva o corpo a rastos, estendido pelo chão, porque os pés e mãos não se cansam nada em o trazer às costas e sustentar, com não ser maior que o de uma raposa, antes menos alguma cousa.

Vimos outro animal, a quem os brazis chamam Zatus, ao qual a natureza armou de cossolete, espaldar, coxetes, manoplas, e tôdas as mais peças com que a arte depois aprendeu a armar um homem de ponto em branco; e se Deus e a natureza não fazem cousa de balde, como Aristóteles diz, bem pudera entrar entre seus problemas

êste: ¿ Porque a natureza armaria êste animal com tais armas ou porque lhe estimaria ou guardaria tanto a vida, para lha segurar tanto nas garras ?

Vimos mais uns passarinhos que depois de se enfadarem de ser borboletas e de viver em tão baixo e tão imperfeito estado, com desejo de subir e valer, que nos brutos parece que reina, se passam a outro mais alto e mais perfeito, fazendo-se passarinhos muito lindos e de côres mui louçãs, de que há muitos na nossa quinta, que no modo de voar e tomar pouso não podem todavia encobrir quem foram em outro tempo. Cujá metamorfose ou transformação crerá fàcilmente quem crer a do cão do Japão, que, enfadado também de ser cão na terra, se vai também, a seu parecer, melhorar fazendo-se peixe no mar, que eu vi e tive nas mãos com metade da conversão já feita, em Lisboa, que os nossos padres de lá mandaram no ano de 1576, pouco mais ou menos; o que parece ser mais, porque aquêles não mudam mais que a natureza, e êste a natureza e elemento.

Crera isto fàcilmente S. Basílio, e ajuntara estes dois exemplos, se os soubera, ao seu, com que êle prova a resurreição, na Homília oitava de seu Hexameron, por estas palavras: ¿ Que dizeis vós, pergunto ( diz o Santo ), os que não credes a S. Paulo sôbre a mudança que diz há-de haver na resurreição, se vós vedes tantas aves do ar mudarem também suas fórmãs, como se conta também da-quele bicho da Índia, que tem dois cornos, e êste se converte primeiro em lagarta, depois andando o tempo se faz bicho de sêda, e nem ainda persevera nesta forma, mas, indo-se aquelas moles pelinhas de seus corninhos pouco e pouco alargando à feição de asas, se faz desta maneira finalmente ave.

Crera-o também S. Gregório, o qual na oração quinta de Teologia, falando da variedade de nascimentos e gerações com que a natureza produz os animais, diz o seguin-

te: Dizem que se geram não só as mesmas cousas das mesmas, e diversas de diversas, mas também as mesmas de diversas, e diversas das mesmas. E ajunta logo, como maior maravilha da natureza, que há animais em que a natureza se quiere mostrar tão magnífica e poderosa, que, deixando de ser os que são de uma espécie de animais, se passam e convertem em outra.

Das letras e habilidades dos bugios se sabe cá muito pouco, e muito menos de seus sermões e exortações. Folgara eu muito de entender o seu latim, porque me não houvera de escapar prègação, para saber sôbre que matéria tratava o prègador e que virtudes persuadia a seus ouvintes e a delicadeza de seus conceitos. Só se sabe ser a pessoa do prègador mais reverendo e ser acompanhado ao púlpito, por maior honra e autoridade, de dois acólitos, que servem, durante o sermão, de lhe estarem alimentando a baba, que com o muito zêlo, fervor e corrente de palavras lhe cai da bôca, sem faltar mais que vestir-lhe no cabo uma camisa quente, por lhe não dar algum ar; afora outras mil cousas suas desta qualidade, que podem bem inquietar o siso de seus ouvintes. Entre êles vimos alguns de cheiro, louros e mui fermosos, que em lhes mudando os ares morrem logo, e por isso chegam cá poucos. Lembra-me que dizia o Irmão Fulgêncio Freire, quando por êste reino veio do Cairo, tornando para a Índia, donde fôra levado lá cativo, que vira no mar Rôxo alguns tamanhos como mulas; e nós vimos outros aqui no Brasil tamanhos como ratos.

Deixo as cobras de quarenta palmos de comprimento, a que os índios chamam giboias, que se não foram tão dobradiças podiam servir de mastaréus nas naus ou de traves nas casas. Tragam estas um veado inteiro, sem se lhes atravessar na garganta nem um ossinho de tôda a sua armação, e assim as vi eu por lá pintadas com êles na bôca. E por se manterem de tão boa carne e de ou-

tras semelhantes, que pelo mato acham, se fazem tão saborosas ao gosto dos índios, que quando as êles podem matar, as têm por singular iguaria. E por tal têm também a carne dos lagartos, que lá são monstruosos, a que êles chamam jacarés, e nós podíamos chamar crocodilhos. E o melhor é que os portugueses, ainda que nascidos cá em Portugal com o asco que todos temos a cobras e a lagartos, mudado o clima, mudam também a natureza e perdem todo êste assombramento e acham em sua carne tanto gosto como os índios; de maneira que eu me espantei de ver quanto um se saboreava na posta de um que se matou em um ribeiro onde eu estive uma tarde.

Os camaleões, que têm alguma figura de lagartos, são também muito maiores que os que eu tenho visto em África e em Mazagão, onde estive; mas nem por serem maiores no corpo, e terem maiores estômagos, metem nêles mais alimento uns que outros, contentando-se todos com ar e algumas moscas, que todavia pescam com a língua sutilissimamente, do que eu posso ser testemunha de vista; e quem pesca moscas também pescará outra cousa, se achar que diga com seu estômago. E quando não, não anda tão puro e limpo o elemento do ar e da água, que não possa um, com isso que traz misturado e envolto consigo, sustentar os camaleões na terra e outros muitos peixes no mar por todo o tempo que lhe faltar outro alimento de mais substância; o que não puderam fazer se estiveram naquela pureza com que Deus os criou no princípio do mundo e que lhe tornará a dar fim.

Os índios conservam ainda algumas propriedades do estado da inocência, como terem por escusado o vestido, ainda dentro nas nossas cidades, que os portugueses não estranham por lhes ser cousa tão natural e contínua. Vivem muitos casais em umas grandes casas, como um largo e comprido dormitório, e destas casas tem cada povo mais de dez ou doze, conforme a gente que nêles

habita, sem chaves nem arcas, nem memórias de fechar ninguém suas cousas, porque outro lhas não furte, livre de todos os sobressaltos e temores de acharem nada menos.

O recebimento dos hóspedes, e primeira mostra de prazer logo em chegando, como me a mim receberam em uma destas aldeias, é um pranto desfeito das mulheres, chorando e cantando todos os trabalhos e perigos que poderíamos ter passado. Acabado êste officio, e enxutas as lágrimas com a brevidade com que Cícero diz que se elas enxugam e secam quando se não derramam mais que por cumprimento e cerimonia, se segue todo o mais verdadeiro gasalhado e festa, que nós cá fazemos aos hóspedes amigos.

Cousa é muito para ver um alardo seu e mostra de sua guerra, de que deu uma alegre vista defronte do nosso Colégio a gente de três aldeias, que por ocasião de inimigos franceses vieram guardar um passo junto à cidade. Porque fazem pavor e espanto ao inimigo com as pinturas do corpo, com as plumas de várias côres e finíssimas, com a grita e assaltos em que são ligeiríssimos e contínuos enquanto dura a batalha, sem darem lugar para se fazêr nêles pontaria nenhuma, na grandeza dos arcos maiores que os de tôdas as outras nações, na fúria e fôrça das setas, tamanha que, ainda que o corpo delas é daquelas espigas que as canas lançam depois de vélhas e o bico de pau enxerido nelas, vimos nós uma, que o capitão da nossa nau comprou a um índio para trazer e mostrar por maravilha em Portugal, por lhe vêr passar com ela, de um tiro, duas tábuas de uma porta de não sei quantos dedos de grôso.

Exortam-se a estas guerras, e outras cousas, a que de comum hão-de acudir, todos os do povo com prègações que fazem de noite, andando o prègador pelas ruas rodeando as casas e prègando; e faz êste officio aquêle que

melhor linguagem e corrente tem. Ouvi eu algumas pregações destas, estando entre êles, com tal fervor e eficácia para persuadir, que sem as entender me ia também rendendo e persuadindo a os acompanhar.

Na guerra e na caça são tão destros em seus tiros, que sem pontaria com o olho, que nós fazemos, antes rindo-se muito disso quando eu lhes dizia que a fizessem, não erram um passarinho, como eu vi a um, por me fazer festa, derrubar muitos, um após outro, com tanta certeza que pude eu dizer com mais verdade neste sentido, por êle, o que Ovídio disse noutro por Zelemo: *Quem nula fefellerat ales*. Entre os quais matou a um que tinha a língua como dous dedos maior que o bico, que, se fôra conhecido dos antigos, não escapara a Piério de o pôr entre os seus Hieroglíficos, ou por figura dos que falavam demasiado ou dos que têm mais palavras que obras.

E se é muito para vêr a ligeireza de seus saltos na guerra, nada menos o é na paz o sossêgo de seu corpo na representação de uma festa ou folia, na qual vão um após outro em uma comprida fileira singela, e não dobrada, com tão miúdos passos, que não chega cada um a mais que à medida de um pé inteiro, fazendo certo som com a bôca e alguns outros instrumentos, sem faltar a pancada, a que todos à uma acodem com pé e bôca e som de tôdas as mais cousas que tangem, com o corpo sempre inclinado um pouco para diante e o rosto no chão, com tanta prontidão e ponderação como se fôsse cada um dos da dança cuidando do govêrno do mundo, coroados de fermosas penas em lugar de capelas e outras cousinhas dêste teor, que nas côres não dão nenhuma vantagem às que nós fazemos de flores e boninas.

Em uma destas aldeias recebi estranha consolação, vendo a horas de Ave-Marias ordenar os meninos à porta de nossa igreja, conforme a ordem que de nossos padres têm para o fazer assim, e cada dia uma procissão até à

Cruz, que está um pedaço fora da povoação, cantando a doutrina, entoando dous e respondendo os outros (de que eu não entendia mais que Jesus e Maria), com tanta devoção e ordem que não é necessário na procissão quem governe.

E se muita é a compostura dos meninos na procissão, nada menos é a dos pais e mãis na igreja, à qual todavia trabalham de vir mais cobertos e estar atentíssimos à missa e prègação, que em sua língua lhes vi fazerem algumas vezes os nossos padres. Os quais a têm por mui doce, e tão copiosa que algumas cousas nomeiam os homens por uma palavra e as mulheres por outra, respeitando, parece, a suavidade e delicadeza da pronunciação, a que os homens não chegam.

Antes de contar um caso dos tempos que ali estivemos, contarei outro que tinha sucedido antes algum tempo, que para mim foi também novo e maravilhoso, quando o ouvi e vi pintado, e assim o será para outros; o qual succedeu ao padre Morinelo, italiano, e ao padre Manuel Viegas, português, na praia de Pirateninga, tal que só sua medonha pintura, que nos mostraram e deram, faz horror e pavor a quem a olha. Indo pois os padres ambos, e dous meninos índios, por uma praia, lhes appareceu diante uma fantasma ou figura de homem, negra, com um passo vagaroso, como quem os ia aguardando. Até que enfim chegaram, e cuidou que lhe falaram. Depois se foi aquella figura andando para o mar donde saíram alguns negrinhos e indiozinhos a o receber, e ferrando nêlo o foram metendo pela água até desaparecer; custou a visão bem a ambos os padres. Para a interpretação que alguns me deram das figuras dêste enigma, suponha V. R. a injustiça com que alguns portugueses naquella província fazem entradas pelo sertão a cativar índios e trazê-los para servirem em suas casas e fazendas, que têm cá ao longo do mar, causa da antiga contenda e en-

contros que sôbre isso êles têm com nossos padres, por lho impedirem, acudindo pela liberdade dos índios com a Lei Divina e natural e Provisões Reais, que para isso lhes têm alcançado.

Dizem, pois, alguns intérpretes do enigma e suas figuras ser êste que ia ardendo uma afamada cabeça destas entradas, que pouco que por ali junto era falecida; e quis Nosso Senhor mostrar que os índios, que êle ia buscar e trazer do sertão para o mar, o vieram também buscar a êle e levaram para aquêle mar e lago infernal, e por ser cabeça no crime, levava também maiores lavaredas nela. De maneira que eu não pude com o fôgo divisar na pintura se ia descabeçado. E com tudo isto não quer a avareza desistir desta emprêsa, antes, estando nós lá, andava actualmente no sertão uma grande companhia de soldados para o mesmo efeito; e o pior é que se faz o negócio com a autoridade pública, entrando nisso os do govêrno, paliando tudo com razão de estado, dizendo que de outra maneira se perderá o Brasil por falta da escravaria necessária para os engenhos de açúcar, sendo a verdade o particular interêsse de proverem seus engenhos e fazendas de índios que lhes não custam nada, e não de negros de Guiné que lhes custam muito. Ainda que mais caro custou a tôda esta soldadesca então a emprêsa em que andava, porque de enfermidades morreram lá muitos, e os que escaparam se tornaram com o gasto feito e sem proveito, porque nem um só índio trouxeram, nem ainda acharam; o que tudo o padre Reitor, Inácio de Zolosa, lhes tinha no púlpito prognosticado ou profetizado, antes de se partirem, trabalhando de os apartar e tirar de tão injusta guerra. E foi permissão Divina, e cuidado paternal que êle tem dos seus, porque, acabando êles de chegar, chegaram nas suas costas os principais de vinte e cinco mil almas, que lhes não ficaram mui longe, a buscar padres nossos para os irem trazer e meter no rebanho

daquele grande e bom pastor, e por serem suas as encobriu e livrou dos lobos que com tanta sêde as buscavam.

Agora quero contar um milagre do Bemaventurado Santo António, por ser cousa do nosso tempo, ao menos no castigo de fôrça que se deu a muitos franceses, estando nós ali, por terem dado ocasião ao milagre. Pouco antes de partirmos de Lisboa, o ano atrás de 595, tinham alguns navios franceses saqueado o nosso castelo de Arguim, que está junto a Cabo Branco, contra a costa de Guiné, e pouco contentes com as afrontas que fizeram aos Santos em suas Imagens na terra, embarcaram consigo em uma das naus um Santo António de vulto de boa estatura, para se recrearem no mar, metendo-lhe por seu desfadamento, como hereges que eram, um broquel no braço, dizendo que se defendesse; e assim, jogando com o Santo às cutiladas, o encheram de muitas feridas. Causa maravilhosa! — que com o Santo aprender e usar tão pouco esta arte em sua vida e mocidade pelas ruas de Lisboa, onde com tanta quietação se criou, aqui se mostrou tão destro em seu exercício, que ainda que não era mais que um só contra tantos, se muitas recebia no corpo, cá em cima, no convés da nau, em cuja praça se fazia a festa, muito mais cruéis lhas dava por baixo no paiol, no biscoito, na carne e na água, e pelos arcos das pipas, fazendo-lhes apodrecer um e desamarrar outro, sem êles precatarem. Até que, cansados e enfadados das festas, o lançaram ao mar, fazendo sua derrota para o Brasil, para continuarem por aquela Costa com sua pilhagem; se não quando, daí a poucos dias, se acharam sem mantimentos, nem água, de maneira que os de uma das naus, forçados da extrêma necessidade, se foram entregar voluntariamente ao governador da Baía, que por se entregarem por sua vontade ficaram depois com as vidas até nossa partida. Outros, querendo-se prover pela Costa, à fôrça de armas desembarcaram em duas partes

diversas, e em ambas foram tomados e depois enforcados na cidade. E porque soubessem êles muito bem que assim se sabia Santo António defender e ofender, ao tempo que vinham trazendo uma destas esquadras prêsa para a cidade, por uma grande e comprida praia, viram ao longe um vulto, e indo andando e chegando mais, lhes ia parecendo homem, e chegando de todo acharam ser o mesmo Santo António, com suas feridas, que êles tinham acutilado e lançado ao mar, o qual chegando primeiro que êles ao Brasil, com a ligeireza com que êle veio duas vezes de Itália a Lisboa, e com tanta facilidade, agora pelo mar como então pelo ar, os estava ali esperando, não deitado mas em pé, tão amigo da justiça, então, em livrar os inocentes, como agora em castigar os culpados; cuja vista assim naquela postura causou um grande sobressalto e pavor aos franceses. Parece que lhes quis o Santo dizer ali que êle os trazia, e que para sempre agasalhados como êles mereciam, e em efeito o foram, tinha êle vindo por seu Aposentador diante, e os estava ali aguardando. Está agora esta imagem em uma igreja sua de religiosos da Piedade, curada já das feridas, que nós vimos com muita consolação nossa, por vezes, tão venerada como ela merece.

Criam-se por todo o Brasil uns bichinhos que lá chamam zungas — e nas Índias, onde também abrange esta praga, níguas — invisíveis em seu nascimento, e tais que se não dá fé deles senão depois que, pegados nos dedos dos pés sôbre as unhas e comendo neles delicadissimamente como ouções, vêm a crescer e fazer-se às vezes tamanhos como camarinhas ou grãos de aljôfar, porque tais parecem êles quando os tiram daquelas celas que cada um lavra para si sôbre o dedo. Praga de que, ainda que os que andam descalços levem a pior, ninguém ainda que muito calçado lhe escapa

Dá-se por lá tão abundante o arroz, que o que cá têm os homens por mimo vi eu lá dar por cevada aos ca-

valos. Deixo o bálsamo que na Capitania do Espírito Santo se tira de certas árvores, e a particular e maravilhosa virtude que tem para curar feridas, de que eu pudera dar espantosos e milagrosos exemplos, que deixo por que não haja quem pergunte à cirurgia que mal lhe fêz cousa tão santa, para não usarem dela. E o mesmo dissera de outro óleo, que lá também se tira, que eles chamam de Copaíba.

E com isto nos saíamos do Brasil, e demos à vela para onde Nosso Senhor foi servido, dizendo, com Eneas,

*Diversa exilia diversas quæere terras,  
Incerti quo fata ferant, ubi sistere detur,*

quando saiu de Tróia em busca de diversos destertos por terras desertas sem saber para onde os fados o levavam, nem adonde o deixariam descansar, como nós saímos, inda que contra o parecer de uma celebérrima feiticeira daquela cidade—ficando ela bem sentida de se lhe não darem mais crédito aos seus vaticínios do que se dava aos de Cassandra—a qual, na igreja de Santo António, disse à mulher de um capitão de Mombaça, que na nossa nau ia, que se não embarcasse mais nela, porque a nau não havia de ir (como em efeito não veio) a Portugal, como a mesma senhora logo lá bem temerosa nos disse, perguntando-nos se nos havíamos nós de deixar de embarcar na nau pelo que a feiticeira dizia. Bem é verdade que via eu já o formal e material da nau de maneira, que sem o espírito de S. Paulo, mas com o seu temor, também dizia, antes de partirmos, muitas vezes, o que êle dizia antes que a nau em que êle vinha partisse da Ilha Cândia: «Vejo com quanta perda e dano, não só da carga, mas também da nau e de nossas vidas, há-de ser esta navegação!». Como na verdade o foi, assim a sua como a

nossa, alijando nós também muita fazenda, com bem de mágua minha, que via ir os caixões inteiros e cheios ao mar, e morrendo-nos depois muita gente, e dando enfim a nau à costa na Ilha de S. Miguel, onde morreu queimada pelos que nela af chegaram, voluntariamente, por se não aproveitarem dela os inimigos, com que ali pelejou, por ser ela uma só e eles terem cento e setenta velas.

Queimada assim esta Fénis, porque ela só no mundo (depois que a Índia é nossa) fêz tão desvairada viagem, que, não podendo em três anos chegar uma vez ao Oriente, aonde levava a proa, chegou duas ao Ocidente, e chegou outra vez a nascer de suas próprias cinzas. Tirando um pilôto daquela Ilha de baixo da água isso que ficou por arder, fundou sobre êle um navio para o Brasil, sem fazer êste discurso, onde havia tanta razão para o fazer, que assim como Deus, por culpas dos homens, lançava maldições às cousas que as não tinham, de que êles se serviam, para que lhes não servissem nem aproveitassem, como fêz à Figueira de Jerusalém, assim por algumas culpas ocultas poderia ter lançado outra maldição a esta nau, tão derrotada e tão acossada de todos os elementos — Terra, Mar, Ar e Fogo — para que não servisse nem aproveitasse mais a ninguém, nem se colhesse outro fruto dela mais que perda de todos os que nela o buscassem, como sucedeu a êste pilôto, porque tendo-a carregada para o Brasil de tôda a fazenda que nela se pôde meter, estando êle dormindo em terra a noite antes de dar à vela, se levantou uma forte tormenta que, caçando as amarras e arrebatando a nau, não cessou até dar com ela à costa. Tal fim, como êste, me dizia a mim meu espírito muitas vezes, no Brasil, que ela havia de ter; e eu outras tantas a meus companheiros. Pelo que desejei muito de a deixar, e passarmo-nos a alguma das seis urcas framengas que connosco partiram; mas obrigaram-me a o não fazer respeitos humanos, que muitas ve-

zes obrigam e forçam as vontades a fazer contra o que julga o entendimento.

Logo em saindo do Brasil começou o novo leme, que ali fizemos, a mostrar que, assim como seu antecessor não quisera levar aquela nau à Índia, assim nem êle a queria nem havia de trazer a Portugal, dando muitas pancadas, e trazendo-a por cima dos abrolhos de que fogem os pilotos da Índia, e nós à ida tanto tínhamos fugido, quando com a fôrça dos gerais, que pouco antes ou depois da Linha Equinocial se acham, são as naus lançadas da costa de África, a que até então vão arrimadas, para a do Brasil, que foi a causa do descobrimento daquela província o ano de 1500 por uma armada em que ia por capitão-mor Pedro Álvares Cabral, a qual estes ventos empuxaram para lá com mais fôrça da que êles ordinariamente têm. Por cima dos quais tão temidos abrolhos, ainda de longe, fomos nós correndo um dia com grandes sobressaltos do pilôto, rompendo longas e contínuas manchas de ovas, segundo alguns diziam, do muito peixe que para aquêles baixos desova, que em forma de azeite ou outra espessura se estendiam por cima das águas.

Continuando pois assim, e indo sempre descaíndo com o ímpeto dos Nordeste, cuja monção então è naquela Costa, tornámos aos vinte e seis graus do Sul, donde tínhamos arribado, parte por fôrça, como digo, e parte com vontade, para com volta tão larga dobrarmos francamente o Cabo de Santo Agostinho, sôbre o qual está situado o nosso Colégio de Pernambuco em oito graus de Linha para o Sul, o qual dobrámos aos quarenta dias depois que saímos da Bafa, espaço bem diferente do que uns padres nossos, que chegaram à nossa partida, gastaram nestas cem léguas, que há de um Colégio a outro, não pondo nelas mais que três dias.

O segundo domingo da Quaresma, segundo de Março do ano seguinte de noventa e sete, depois de Cristo Nosso

Senhor se transfigurar a si, vendo quão pouco configurados a êle íamos todos os daquela nau, nos quis á segunda-feira transfigurar também a todos, mas não em glória, mandando-nos um Norte tão furioso e uns mares tão grossos e tão assanhados, que bem mostravam que não era um só, mas muitos os Jonas que dentro iam, os quais por se não renderem, se rendeu a nau, dando tão secreta entrada ao mar, que nunca jámais se soube por onde, mettendo logo em si catorze palmos de água, que nela, segundo diziam, poderiam importar como setecentas pipas. Digo por se não renderem, porque com todo êste perigo e fadiga se não confessaram senão muito poucos, por lhes ter metido o demónio em cabeça que é falta de ânimo próprio, e quebranto do alheio, fazê-lo em tal tempo, para os levar antes intrépidos e atrevidos ao Inferno, que temerosos ao Céu, por não saberem, como ignorantes, quanto alívio dá à nau acudir logo a esta bomba e alijar esta fazenda.

Neste tempo andavam as escotas de uma só vela do traquete na mão, para ajudar a levar e pôr a proa onde o leme não podia, por a nau estar tão alagada por dentro, e por fora os mares por cima dos castelos da pôpa, mostrando-se assim lá do alto tão medonhos aos que no convés andavam trabalhando. Donde se pode bem ver, sendo tão altos os castelos destas naus, quanto mais altos seriam os mares, pois do chão do convés se estavam vendo por cima deles. Nós, que estávamos de pôpa, contemplando o que de nós Nosso Senhor queria, parecendo-nos que nos chamava, nos pusemos de joelhos, para assim naquella postura nos chegarmos com mais reverência, e andarmos aquêlê breve espaço que entre nós e êle havia; e eu, como tenho mais temor, com o Salmo do Miserere na bôca, e cuido que também no coração, com isso me recolhi para o meu camarote, esperando de passar logo daquelle, que então estava alguma cousa triste, para al-

gum daqueles cubículos em que os Bemaventurados tanto se alegraram e tanto triunfam, fiado nas esperanças que David dá aos que servem a quem meus companheiros e eu vínhamos servindo. Porém, após mim entrou um homem honrado a pedir-me confissão, e, começando-se a acusar, deu sôbre nós, ali onde estávamos, um mar tão alto e tão impetuoso, que, quebrando e arrombando algumas cousas, deu ocasião para se cuidar que a nau se arrombara e abrira de todo; e assim apartando-se o penitente de mim, e assentando-se a meus pés desmaiado disse: *Feito é isto, está concluso*. Concluí-lhe eu logo sua confissão, sem esperar por mais matéria, por me parecer muito bem sua opinião, e mui fundada para lhe aplicar com tôda a pressa a forma. Porém como eu, com outros muitos das naus, o não merecíamos, foi a Justiça Divina servida de se contentar com aquêlê assombramento, aplacando os ventos e deixando-nos só com um abismo de água, dentro da nau, e com uma só bomba, e assim foi necessário romper as cobertas, e servir de tudo o que podia servir para botar a água fora, de dia e de noite, por espaço de vinte dias, com a opressão e fadiga que se pode cuidar.

Estávamos, quando nos tomou êste tempo, em trinta e três graus e meio de Norte, tão perto já da altura de Lisboa e abordados com as Ilhas Terceiras; porém, como o vento ficou dali e a nau sem fôrça para aguardar bolearia, nem pudemos chegar às ilhas, nem nos atrevemos a ir demandar o Cabo Verde, Canárias, ou alguma outra parte a que pudéramos ir, por lhe não fazer fôrça nenhuma, senão deixá-la ir a seu gôsto, como a de S. Paulo, para onde ela queria, o que se fizéramos dois ou três dias antes, dissimulando com o ímpeto e vontade que ela tinha de arribar, tudo fôra tornar atrás algumas léguas, que depois ela tornara a cobrar em poucos dias. Tanto vai em saberem os senhores amainar um dia do seu rigor, e

dissimular uma vez em um ímpeto e vontade de quem os serve, perdendo pouco por não arriscar muito. Deixando-a pois ir assim para Índias de Castela, para onde ela e os ventos queriam, a cuja vontade já então nós em tudo obedecíamos, nos pôs a vinte e cinco de Março em Pôrto Rico, junto ao qual estivemos perdidos. Porque como o piloto nunca tinha navegado para lá, indo costeando a Ilha, em busca do seu pôrto, com dois prumos pelos lados, fiado nas muitas braças de fundo que por ambos os bordos fomos achando, e levantando continuamente, eis que súbito caíu um dêles em quatro braças sôbre uma penha, que pela clareza da água e do sol víamos muito clara, e afocinhando a nau pela vasa, botou muito lamarrão acima e toldou a água. Lembrou-me súbitamente a pancada da nau do padre Pedro Martins, e seus companheiros nos Baixos da Judia, e seu naufrágio dêles, onde ficou tanta gente, apartando-se a pôpa da proa e deixando-os todos no mar, como eu esperava que esta também fizesse à segunda pancada; e vendo que do batel que levávamos não havia que fazer caso porque outra gente mais destra, especialmente marinheiros, estava já dentro nêle, lançando-me de joelhos me comecei a aperceber com o meu costumado Miserere, Psalmo próprio de pecadores para tais horas e passos, até que ouvi que a nau saíra e passara. E por donde, Deus o sabe, porque nem quatro braças é fundo para a nau da Índia, e mais tão carregada, nem tais toques para naus mui fortes, quanto mais para a nossa, cujo costado, pelos sucessos passados, vinha já tão destilado e caído à banda, como paredes de casa que com algum terremoto ficaram apartadas e inclinadas, que para não acabar de se aplicar, e dar com tôda a carga e connosco na água, a trazíamos arrojada por cima com alguns calabres de linho. Veja V. R. que cração e tornos de ferro tão fortes para sustentar tal máquina, ainda na paz, quanto mais na guerra, em tão

fortes batarias, como os ventos até então e agora os baixos lhe davam!

Chegando aquela tarde a reconhecer o pôrto, e entrando ao outro dia guiados por pilotos da terra, todavia por ser êle de pouco fundo, e a nau grande, assentou de todo, como quem dizia que não nos cansássemos mais com ela, antes a deixássemos descansar ali para sempre, que o forcejar com ela era por demais, porque ela não queria nem havia de tornar a Portugal.

Esquecia-me referir por graça uma grande questão, que, oito ou dez dias antes de chegarmos aqui, se me propôs na nau, e foi: que por dois ou três dias, a horas de véspera, nos aparecia um peixe de portentosa grandeza, e, rodeando a nau algumas vezes, desaparecia até o outro dia seguinte às mesmas horas. E como semelhante monstro não fôsse visto nem conhecido nunca por nenhum dos que vinham na nau, ainda que tão cursados e experimentados na carreira dêste vasto Oceano, assentaram alguns que era a Feiticeira, de que acima falei, e que vinha dar ordem ao cumprimento da sua profecia; e assim foi consultado, muito de siso, se lhe poderiam fazer um tiro, e disparar uma peça nêle. A que eu respondi *afirmative*; porém êle se soube guardar de executar nêle a resolução do caso, até que nos deixou. Tudo isto é cousa de riso, mas não deixa de dar ocasião a imaginativos de cuidarem porque seguiria êste monstro esta nau, e outro tão feio como êle à do Padre Pedro Martins, antes de dar e assentar sôbre os Baixos, que acima disse, a nau Santiago.

Foi esta Ilha mui rica, e mereceu bem o nome que a seu pôrto se deu, enquanto nela houve índios naturais, que hoje são já acabados, porque como custavam pouco morreram muitos. Era o trabalho que os nossos possuídores da terra lhes davam, por tirarem ouro das minas, igual à sêde do mesmo ouro; e, de Pôrto Rico, ficou pôrto pobre; porque como os escravos de Guiné, de que a gente

agora se serve, são muito mais poucos por custarem mais, ocupam-nos todos em gengivre, que é trato de muito proveito para os senhores, e de nenhum perigo para os escravos, como não são as minas. Nem havia tanto que esta idade áurea, ou de ouro, era passada, quando nós ali chegámos; o que conto por raro exemplo daquêles que confiam mais *in incerto divitiarum, quam in Deo vivo*, sem olhar para a ligeireza da roda em que o mundo os traz postos.

Aqui nos mostraram um homem, e não vélho, ao qual vimos algumas vezes com sapatos sem meias, coberto com uma pobre capa, cuja aba êle trazia sempre lançada a um ombro, como quem se pejava de dar mostra da mais pobreza que debaixo ia; e não era menos que não bisneto, nem neto, senão filho do homem que tivera naquela cidade quinhentos escravos seus, que ocupava em tirar ouro, e tão grosso neste trato, que o pesava por romana e se cortava a carne na mesa sôbre trinchos de ouro. Matéria por certo digníssima de uma boa meditação: Olhai para o pai, e olhai para o filho, cuidando porque daria Deus tão desperdiçado filho a tal pai, ou tão desperdiçador pai a tal filho, e cujos seriam os pecados, porque não esperavam aqui tantas riquezas, que dormissem ambos, para lhes caírem das mãos!

Deixo as mais cousas que desta Ilha pudera escrever curiosas e novas, porque desta terra, e de tôdas as mais que nesta peregrinação corremos, não contarei nunca outra com melhor gôsto da pobreza religiosa e com maior afronta da riqueza mundana. Tem esta Ilha trinta e tantas léguas de comprido. A cidade está situada ao Norte em um torrão de terra de uma légua de comprido, rodeado tudo de água, que lhe entra por duas bocas: uma delas faz o pôrto com bastante fundo; a outra vem fazendo um estreito baixo, até se ajuntar com a do pôrto. Na garganta desta está uma ponte, assim para o mais ser-

viço da cidade para aquela parte da Ilha, como para trazer água de uma fonte que da banda de além arrebenta sobre o estreito, da qual, e de dous rios que vêm desembocar no pôrto pela outra banda, bebe a gente regalada; e a mais é de cisternas de água que chove, porque a fonte está uma légua da cidade por terra, e os rios (cujos nomes são Zoa e Bayomon) estão ainda mais longe, porque não só é necessário atravessar em barcos o pôrto, mas entrar por suas bocas dentro até aonde não chega a maré. Defronte da bôca do Zoa está uma ilha pequena, habitada só de pombas, em tanta quantidade que só quem vir passar cada dia seus exércitos, a pastar cá na ilha grande e terras cultivadas, o poderá crer; e assim custa bem pouco aos caçadores a carregação de pombinhos.

Enquanto aqui estivemos nos ocupámos em prègar, confessar, fazer doutrina, assim na cidade (ainda que todos sem mantéus, e alguns escassamente com roupetas, que o tempo tinha gastado), como pelos engenhos e fazendas, e outros povos pela terra dentro, indo um padre e um irmão por uma parte, e outro por outra, ficando eu com outro na cidade. Fêz-se muito serviço a Nosso Senhor, com estranha consolação do Bispo, que por vezes nos solicitou, e lhe dissemos aquelas cousas apontadas para as comunicar com seus amigos e mandar a Espanha. Foi particular o cuidado que dos escravos tivemos, e o proveito que êles disto tiraram, os quais seus senhores ali não fazem mais que comprar da manada dos navios de Guiné, e os vão lá vender, e lançar nos engenhos e fazendas, alguns sem baptismo e todos sem catecismo. No que se trabalhou muito, catequizando a todos os que se puderam visitar e cansando muitos para os tirar do mau estado, entre os quais alguns, enfermos, ou se não tinham confessado nunca, ou pouco menos; e recebido êste Sacramento, dali a uma e duas horas se foram para Aquêlle cuja providência, só para conseguir nêle o efeito de sua

Divina predestinação, nos poderia e quereria levar lá arribados—em tanto tem êle, e tanto estima, a salvação de uma só alma. Enterrando-os também às vezes depois de mortos, por não haver outrem que o fizesse, dando em tôda a parte a ordem possível, para que, pois nossa estada não havia de ser perpétua, ficassem estas cousas de dura. Resultava daqui muito amor, e mostraram-no bem os efeitos, provendo-nos ao partir dali com muita liberalidade.

O pouco cuidado que os senhores aqui tinham, não só do bem temporal e corporal de seus escravos, faltando-lhes tanto com o necessário para a vida humana, que são êles todos, os que pelas fazendas de açúcar ou de gengivre residem, forçados depois de trabalharem tôda a semana na fazenda para que seus senhores sejam mui ricos, como o era um, que abonando muito sua pessoa falando comigo sôbre esta matéria, e o diferente tratamento que fazia a seus escravos, e humanidade que com êles usava, me disse que lhes dava cada semana uma vaca, deixando à conta dos escravos buscar o caçabe, que lhes serve de pão, por onde pudessem. Esta liberalidade e franqueza (que lhe a êle custava tão pouco, que, talhando-se vacas no açougue e tartarugas na ribeira, mais dinheiro se faz em uma tarturuga que em uma vaca) me dizia êle que não fazia outro em tôda a terra a seus escravos. Donde se seguem necessariamente os contínuos furtos que êles fazem pelas fazendas vizinhas, com menos culpa sua que de seus senhores, que aí os forçam.

E se pouco é o cuidado que os senhores têm do remédio temporal de suas escravarias, muito menos é, e mais para sentir, o descuido que os mesmos senhores têm de seu bem espiritual, sôbre que nós demos assaz de avisos. Porém ambas as culpas castigou Nosso Senhor, no tempo que ali estivemos, mandando uma doença geral de bexigas, com que lhes levou gram parte deles, e ainda de seus próprios filhos, tão forte que houve pessoas de cujo

rosto vivo se tirou uma máscara de sua própria pele, tirando-lhes Nosso Senhor porventura a que lhes dera, por se não contentarem com ela, ainda que mui aventajada, segundo dizem.

Após este açoute lhes mandou Nosso Senhor dar outro por um conde inglês, com uma armada que com pouca dificuldade lhes entrou aquela sua terra, a seu parecer tão segura como outra Betúlia. O qual, entrada a terra, e apregoando logo liberdade aos escravos, fez, com tão alegre alvitre para cativos, que se lançassem logo para êle perto de mil escravos, que pelas fazendas do campo estavam, dos quais levou os que quis, com o mais que achou na cidade, e sessenta e duas peças de artilharia, que pelas fortalezas tínhamos visto, algumas grossas e tôdas de bronze de muita fermosura e preço. Um e outro castigo, por estas culpas com que os senhores por lá tratam os corpos e almas de seus escravos serem gerais, estendeu Nosso Senhor também, e fez tão gerais para que dissesse bem o castigo com a culpa; porque do primeiro, de bexigas, nenhum pôrto dêste mar do Norte lhe pôde escapar naquelas Índias; e do segundo, de cossários, cuidou que só dous, que até nossa partida estavam intactos (esperando cada dia por seu S. Martinho, pelo merecerem também como os outros), em um dos quais, que é a Havana, nós estivemos de vagar, e vimos fortíssimo por natureza e arte, e bem temeroso e receoso por culpa.

Ao tempo que chegámos a este Pôrto Rico achámos prêso um homem honrado por algumas proposições ignorantes, cujo negócio tinha o Bispo cometido a algumas pessoas que por lá tinham nome de doudas, pôsto que uma das que deram seu parecer por escrito tinha igualmente necessidade, ou de cárcere ou de catecismo, porque formal e claramente afirmou, e assinou, que os corpos depois de ressuscitados ficavam puros espíritos. Outro religioso, e prêgador com nome de letrado, e assim

era muito bom o conceito que— disse êle— tinha nesta parte, tocante a suas letras e púlpito, conforme a êles tinha posta sua tenção no feito, censurando o paciente nesta forma: « Não se pôde o réu escusar de herege formal », e provando-o largamente. E por tal estava êle prêso, e sua fazenda confiscada. Chegados nós, no-lo cometeu também o Bispo, como todos os mais negócios seus, enquanto ali estivemos, pedindo-nos que, pois éramos quatro teólogos, o vissemos e consultássemos todos, entregando-nos para isso todo o processo. O que visto, o alimpámos todo com pouco trabalho desta nódoa, e fizemos que o prêgador considerando melhor o negócio assinasse também o parecer, com muita satisfação e gôsto do Bispo, que por razão lhe soltou a pessoa e largou a fazenda, o que êle, por sua honra, e um irmão seu, eclesiástico e rico, souberam bem agradecer por obra nêstes e outros serviços. Como estas pagámos ao Bispo assim outras mercês, como o sustentar dous de nós cinco meses à sua mesa.

Desencalhou-se neste tempo a nossa nau, e trabalhou-se com ela para se lhe tomar a água sem nunca se lhe poder achar por onde entrava em todo o tempo que ali estivemos, nem com querena, virando-a de ambos os lados, nem com buzios, que são mergulhadores insignes e que aturam muito tempo debaixo da água sem respiração, e vivem dêste officio.

De modo que a água, que os olhos não podiam vêr, sentiam os ouvidos correr com grande ímpeto por entre os costados, até que depois de gastar, em se remediar nisso e em outras faltas, cinco ou seis mil cruzados, se resolveu a partir sem remédio, com os mesmos catorze palmos de água, como partiu, depois de estarmos aí outros cinco meses menos quatro dias, como estivéramos no Brasil, que parecia cousa de encantamento, segundo não sei quem dizia. Partimo-nos também em sua companhia,

porém em outros navios, repartidos em dois e dois, deixando a nau por conselho do próprio piloto, que por sua caridade, sem nós lho pedirmos, no-lo foi dar muito de propósito com grande affecto e amor, cujo parecer aprovaram muitos da mesma arte, dos quais uns tinham as vidas dos que nelas iam por mui arriscadas, outros as davam por de todo perdidas.

O navio em que o irmão Jerónimo Maruchili e eu nos embarcámos, em levantando a âncora e largando à vela, voltou sôbre um baixo, de que aquêlê pôrto é bem provido, e assentou. Bom prognóstico, para quem fôra agourento, desta viagem, com que dali saíamos, haver de ser muito parenta das outras que até ali nos trouxeram. Donde nos arrancámos à fôrça de cabrestante, depois de seis horas que nisso lidámos com assaz de trabalho, e com pouca ajuda de maré, que aqui não é mais que uma, e pequena, em vinte e quatro horas, e em outras partes duas, como as desta nossa costa de Portugal, e em outras nenhuma. E com partirmos estas só seis horas detrás, saindo assim todos—e indo em demanda da Bermuda a buscar a altura que falta de graus, em que estávamos, para quarenta—, de oito que fâmos, correu o nosso só tal fortuna, deixando passar aos outros em paz e em salvo, bramindo com tanta fúria os ventos, que não sòmente traziam os mares medonhamente cavados e alevantados, mas por cima deles uma grande e contínua poeira apanhada e alevantada da mesma água, como os redemoínhos alevantam e trazem o pó pelas estradas. E assim a poucos lances levaram os ventos com tão furiosos assopros três velas de traquete, uma após outra, porque com êste só fâmos correndo, sem deixar mais, de tôdas elas, que os farrapos nos envergues. E os mares com quem lutava o laço, o renderam, abriram e entraram em tanta quantidade, que com a quarta vela, que logo com tôda a pressa pusemos, estar cheia e arrebrandando com vento, contudo,

parte pela carga que era muita, ainda que já tínhamos alijado um pedaço, parte pela água, que já andava dentro e estava senhora do navio, e enfim pela força com que os mares o batiam, entalado de tôdas as partes não bulia consigo: para onde uns mares o derrubavam, para aí se deixava estar sossobrado e mergulhado até que outros mais encontrados o viravam para outra, recebendo em cada uma destas voltas água, agora por um bordo, agora por outro, com as antenas e farrapos das velas, que o vento deixara, debaixo da água, que eu via com meus olhos; e quando as pontas das antenas e velas estavam debaixo da água, ¿onde estava então o casco e a quilha?

Bebíamos nestes mergulhos tantas vezes aquêlê amargoso trago da morte tão repugnante à natureza, que chegou ela, com outro semelhante fastio da vida, a dizer com S. Paulo *« Ita ut taederet nos etiam vivere »*, tendo por mais barato acabá-la já de uma vez e rematar as contas; desejando para isso, quanto ela de sua parte podia, que fôsse já algum daqueles mares o último, e com uma morte se livrasse de tantas. Trazia eu comigo um relicário, que de Roma trouxe um dos padres meus companheiros, defunto no Brasil, com muitas relíquias e mui insígnies, e no meio três cruces do Santo Lenho, o qual, quando o navio ia à banda, punha do outro costado, que ficava sôbre a água, como leme de tanta virtude, e não o tirava dali até que êle com sua força não arrancasse a outra ametade, que estava sepultada debaixo do mar; e, mergulhando-se esta, o punha da outra; o que eu com alguma boa inspiração quis trazer sempre comigo, e de propósito com grande confiança, que por se não perder no mar cousa de tanto preço, sofreria Nosso Senhor minhas culpas, e não quereria que nos perdêssemos, como com efeito cuidou succedera aqui, onde o capitão e senhor do navio, com ser criado no mar, animoso e destro naquella arte, desesperou do remédio humano, porque não sabia parte dêste Di-

vino, que dentro levava, por cuja virtude ouviu Deus nossos brados.

Íamos nós os dois a êste tempo bem enfermos em cama — e meu companheiro de enfermidade tão peregrina que lhe fazia vomitar bichos — porque tais foi necessário que nos embarcássemos em Pôrto Rico, seis ou quatro; porém, como não havia em a nau outrem que fizesse o officio de confissões, me houve eu de esforçar e alevantar, trocando a cama, que era assaz dura, pela que o mar me prometia de me dar logo mais branda, para os ajudar a afogar os pecados no sangue de Cristo, primeiro que o mar nos afogasse os corpos, exortando-os a todos a alijar as culpas, que era a maior carga da nau, e fazer as almas mais leves para chegar a terra dos vivos, que era o que só naquele passo se podia esperar. E confessando assim à porta do meu camarote a uns, e animando a outros, um dos quais ajuntava às mais devoções uma pública disciplina, e executando outros actos de Fé e Esperança, depois de eu ter purificado a alguns com o Sacramento da Penitência, cuja matéria êles davam, com a pressa, sem pejo e sem segrêdo, depois de vinte e quatro horas desta fadiga foi Nosso Senhor servido, e o Bem-aventurado S. Bartolomeu, cujo o dia era, de tornar a prender em sua cadeia os demónios, a quem êle naquele dia tinha sôlto e dado tôda a licença sôbre nós, com reservação daquela só cláusula, que levou reservada na alçada que se lhe deu contra Job, que só a vida nos resguardasse.

Presos êles, e desapressado o navio, convertemos todo o trabalho e lida em deitar a água fóra, de que estávamos alagados, e caminhar a tôda a pressa para a primeira terra, que era o pôrto de Plata, na ilha Espanhola, que nos muito servia. Sôbre o qual estando já, o desconheceu o pilôto, por ser pouco destro e prático naquela costa e portos do norte daquela ilha, e passou adiante em busca dele, ficando-lhe atrás, até que caíu em seu

êrro a tempo que já não tinha remédio; e não custou o êrro menos que a perda da nau e da fazenda, de que ia bem carregada, boa parte da qual era gengivre, porque passando àvante em busca de outro, que nem êle sabia, nem tinha amparo de fortaleza alguma, como tinha o que ficava atrás, antes está metido em um sacco de cuja bôca nunca saem ladrões, que o andam dando a quantos navios acham, em breve demos com êles, que por estarem surtos e saberem bem quão seguros nos tinham no sacco, em que nós nos íamos meter, nos deixaram passar. Em cuja bôca lançámos ferro sôbre a tarde, porque dali para dentro até chegar ao pôrto, por espaço de três léguas, tudo é baixo.

Sendo já bem tarde chegaram duas lanchas de franceses a nós, e ficando a tiro puseram gente em terra, a qual vindo passeando com suas armas, se pôs defronte de nós à fala, por ser o canal tão estreito que podia a nossa nau de uma parte e da outra ter as amarras prêsas às árvores. E depois da primeira saüdação, que foi uma breve informação de palavra, donde era o navio, mal satisfeitos da resposta, que foi dizer-lhes que era francês e que andava buscando ventura, tudo em sua língua por trazermos quem a sabia, se tornaram a embarcar em busca dos navios, por verem o nosso tão artilhado que se não atreveram a acometê-lo com lanchas, ficando nós sem remédio humano, porque, indo adiante, caíamos nos baixos, e tornando atrás, nos ladrões; porém não faltou o Divino, por meio de um homem, que no pino da noite se veio a nós nadando, sem saber nadar segundo êle dizia, ajudando-o Nosso Senhor, não sei por que meios, certificando-nos que pela manhã seriam connosco pilotos da terra, como em efeito vieram, e bem cedo, em uma canoa, que são embarcações de um só pau cavado por dentro, os quais governando os navios o iam levando por onde os dous navios ladrões, que nos iam seguindo, se não atre-

viam a dar passo, senão depois que as lanchas, que para êsse efeito levavam diante com seus prumos, sondando, lhes seguravam o fundo. Porém não lhes aproveitou sua indústria, porque nós tínhamos por nós a Deus, por meio do qual, tanto que êles chegaram a tiro, deram logo ambos em baixo; a cuja vista desembarcámos em uma canoa, cantando livre e alegremente. Porém, ainda que a nau escapou dêstes, não escapou, depois de reparada e provida abundantemente de mantimento e refresco, daí a poucos dias, de outro ladrão, que ali dentro a veio tomar, que foi dobrada mercê do Nosso Senhor, que, tendo-a destinada para êsse fim e querendo dar êste açoute a seu senhorio, não quis que nos abrangesse a nós por estarmos já fora dela.

No Brasil, por razão das rijas doenças com que desembarcámos, nos levaram em redes para o Colégio; aqui, por razão de outras iguais, nos levaram em cavalos para o hospital, onde estivémos ambos gravemente enfermos; e eu, sôbre o mal que trazia, caí ali noutro próprio da terra, que êles chamam pasmo, que é tão mortal e de intensíssimas dores, que dá por lá, e se se quiser um enfermo reger pelas regras da medicina de cá, que manda em dia de purga beber água e não vinho, lá o clima daquelle céu e medicina da terra obrigam tão estreitamente ao contrário, que purga sem vinho purga a vida; porém fêz-me Nosso Senhor mercê dela por meio de um cutelo afogeadado com que me navalharam todo o estômago, enxôfre bebido em um ovo, e outras mèsinhas dêste teor, que os médicos daquela terra, que são mulheres, acham em seus Galenos e nos mais doutores desta profissão e aplicam por suas mãos, remetendo-se no mais à Divina Providência. Até que, por não ter mais remédio ali, deixando as curas da natureza, atravessámos a ilha por terra, do Norte a Sul, para nos curarmos pelas da arte na cidade de Santo Domingo, como curámos em seu hospital.

Do que nesta cidade de Baíba, em que desembarcámos, enquanto aqui estivemos, e pelo caminho dela até à cidade de Santo Domingo, por estar sessenta léguas de travessa, que é tôda a largura da Ilha, vimos, apontarei algumas cousas, que de palavra se poderiam melhor pintar e dariam mais gôsto. Primeiramente, para andar estas sessenta léguas, que tem de largo, e cento e sessenta de comprido, por tôda a terra dentro, não tem um homem necessidade de levar bôlsa consigo; e assim, nem há vendas nem estalagens, porque caçabe ou mandioca (que é o mesmo em lugar de pão), carne de vaca para o mantimento, casa para o gasalhado, um modo de leito, em que faça sua cama, se a leva, ou ponha sua roupa e durma, candeia e fogo, se dá em cada fato (como êles chamam às casas em que moram os senhores e a gente que para grangear o gado aí têm), e muitas vezes cavalos para o caminho, sem mais outra paga que um *Deo gratias* à despedida. Antes nos disseram mais que, se cansa o meu cavalo no caminho e tomo outro no campo sem licença de seu senhor e contra sua vontade, que não tenho pena por isso, por estar assim recebido geralmente êste caritativo costume, e, o que mais é, autorizado e confirmado por sentenças.

São estes factos tamanhos, que passando nós e indo apascentando os olhos por êles com tanto gôsto, como êles andavam pastando aquêles largos campos, nos disseram ou mostraram o senho de um, que chegava a vinte mil vacas. Isto digo das que têm ferro e conhecem senhorio, que das outras andam os montes cheios; e assim vale a carne tão barata, que nesta primeira cidade em que saímos valia cada arrôba real e meio português, ou nove ceitis, segundo me confirmou um português rico e honrado, natural de Niza, que aí vivia, a quem eu perguntei, pelo ter já ouvido; e perguntando-lhe mais que fazia o senhor em uma vaca talhada no açougue, me respondeu que um

vintém da nossa terra; e ainda é muito, porque em um dêstes fatos a vimos dar a porcos, e se matavam só para êles, dormindo nós aquela noite bem inquietos, por estarmos fora de casa, temendo que depois de êles concluirem com a vaca, que estavam comendo junto de nós com grande ruído, cuidassem que nós éramos também vacas, e viessem começar ou continuar connosco, que estávamos perto deitados, e fracos para lhes resistir. E assim a matam também para as galinhas, em lugar de alimpadura, e lha dão crua, e cosida por mais regalo, e é cousa muito airosa vê-las estar derriçando pela pobre vaca, que parecem umas Hárpias, e assim se matam só para se lhes tirarem os couros, que quando valem quatro reis, não vão mal vendidos. E é a carne tão gorda como aquela a quem em todo o ano nunca se lhe seca o pasto nos campos, nem água nos rios, nem viu nunca arado, porque lá nenhuma cousa se lavra.

Igual graça achámos na venda de um fato dêstes, porque se dá por cada boi ou vaca em pé oito reais, pouco mais ou menos, e sem mais outro preço fica vendida também a terra em que pasta, que são duas e três léguas, que bastavam cá para fundar alguns morgados; tirando as casas, porque por estas também se hão de dar oito reais, que foi o preço de cada cabeça; e com isso ficam vendidas, ainda que custassem muitos cruzados a fazer. E nesta forma vimos nós um que se acabava de vender com umas fermosas casas, que nos obrigaram a dizer *Bem empregados oito reais!* Fica, com tudo isso, o comprador neste contrato algum tanto gravado, porque tem obrigação de aceitar três ou quatro cadeiras, por vélhas que sejam, e dous cães e dous gatos, cada uma destas peças por outro tanto, como uma vaca. E se no fato havia mais cadeiras, ou cães, ou gatos, sai-se seu antigo dono embora com êles.

E assim como a natureza encheu nesta terra tão francamente a mesa de seu pão e carne, assim para a cozi-

nhar, cozer e assar, a todo o tempo e em tôda a parte, plantou por tôda ela certa espécie de árvores cujo pau levemente roçado acende logo o fogo, do qual nós também neste caminho tivemos experiência e proveito. Nem foi menos liberal nas frutas, umas para sôbremesa, outras para lhe dar princípio; de que as primeiras são laranjas, limões e cidras, e assim nascem pelo monte, como qualquer outro arvoredado, tão vistosas e tão fermosas como nos mais frescos jardins; e as cidras de muito maior grandeza que nenhuma que eu nesta nossa terra visse; e é a terra tão sazoável disso, que prendem de estaca, tomando para isso os filhos ou grelos, que nascem das velhas.

Após esta de espinho há pelos mesmos montes muitas outras e várias frutas: uma delas chamam mameis-sás, como maracotões, amarelas por fora mas muito mais por dentro, na figura e corpulência como grandes nabos, com dous caroços dentro, também grandes. As árvores que os dão são muito semelhantes a loureiros, mui altas e mui fermosas. Outra chamam corações, pela semelhança que têm com um coração em tudo, por fora, e muito mais por dentro na brandura e candura da massa, como Nosso Senhor quere os humanos, de que êle come; outra, chagas, cujo cheiro representa bem o de drogas da Índia; outra, goiabas, que são como camoezas na feição, mas inferiores no sabor, as quais pela grande multiplicação de seu arvoredado se têm por praga na terra, e assim é porque nem a cavalo pelos caminhos podíamos ás vezes romper por elas, pelo que não é necessário aos caminhantes desviarem-se do caminho para lançar mão desta fruta e colher dela, porque ela de si vai caindo na bôca; outra, papaias, a que no Brasil chamamos mamões, e se puderam muito bem chamar melões, na feição, repartimento de talhadas, côr exterior e interior, cujas pevides, que são redondas, têm a mesma acrimônia dos mastruços, sem nenhuma diferença; nascem em árvores, não nos ramos, senão pega-

das ao tronco, e em verdes vimos delas mui fresca conserva. Assim que, de uma maneira ou de outra, merecem bem o nome de papaias, com que estão convidando o gosto de quem passa por junto delas. Uvas, não de vides, mas de árvores que chamam uveiras, há muitas, e tão semelhantes às nossas, que quem as não conhecer lhe parecerá que leva aquela árvore alguma parreira cingida, como as enforcadas dos carvalhos entre Douro e Minho. São as árvores mui grandes, e as fôlhas fresquíssimas, de tal compostura que as vi eu servir de leques para desencalmar. Bem é verdade que, como a natureza se ocupou tanto na fermosura das fôlhas, assim se esqueceu muito do sabor dos cachos. Selvelas respondem às nossas ameixas, mas contradiz sua árvore a natureza das outras daquela terra, e as da nossa: as daquela, em perder a fôlha, que as outras nunca perdem; as nossas, e parece que a tôdas as do mundo, em esperar primeiro que nasça o fruto, e quando chega a querer inchar então começa a sair e arrebentar a fôlha, que, como é mui delicada, quere antes ser coberta de fruto depois de nascida, que nascer primeiro para o cobrir.

Porém a comua e generalíssima de todo o ano, e em grande abundância, não só por estas Índias mas também pela nossa, por todo o Guiné e Brasil, por onde há e nós vimos mais castas e melhores que estas, é a que lá chamam plátanos, na nossa Índia figos e no Brasil bananas. O pé é tão grosso que podia servir de mastro a alguns barcos; em um ano se cria e acaba, onde tem fundamento a questão de alguns, se é árvore ou se é erva, porque para erva é mui grossa, e para árvore fenece muito cedo, porque não dura mais que um ano nem dá mais que uma só novidade; as fôlhas são tamanhas como um homem; dá cada pé um só cacho, e, aonde êles são bem criados, quais nós vimos, tem trabalho um homem em alevantar um só do chão; cada uma das bananas (cada cacho terá

de trinta e quarenta, até perto de cento) é de um palmo, mais e menos segundo o viço da terra e as castas delas, umas muito grandes, e outras muito pequenas, do comprimento de um dêdo; e estas são as melhores. Comem-se cruas, assadas e cozidas, e de outras mil maneiras; nós as trouxemos passadas, e assim dão algum ar de nossos figos. Assim a fruta, com a fôlha, é tão fermosa e deleitável à vista, que merecem muito perdão se erram os que por lá querem que seja aquela a por quem nosso primeiro pai se perdeu a si, e a nós, como doutores antigos querem e dizem que foi. E de muito melhor vontade lhe dera êste perdão quem vir, como nós vimos, que certa espécie delas, quantos cortes lhe dão, não ao comprido senão de través, tantos crucifixos aparecem, e à mostra, e não pouco impressos, para que se lhe não apagasse nunca a memória de pagar o que devia; e na verdade, se as fôlhas de que êle fêz o vestido para se cobrir foram destas, um par só lhe bastava com pouca costura.

No último e supremo lugar de tôdas as frutas quero pôr os ananazes — a que pelas Índias chamam pinhas, com mais acertado nome que nós, pela muita semelhança exterior que têm, inda que são os bem criados muito maiores, e nascem em uns cardos como erva babosa, como alcachofra deles — por ser o auge de tôdas as frutas, assim das de lá, como das de cá, segundo a opinião de alguns, ou universal de todos os que por lá a vêem, cheiram e gostam; porque a todos êstes três sentidos enche e farta, e, o que mais é, que é remédio singular para os enfermos de pedra, pelo qual só merecia que os tais enfermos se desterrassem de suas pátrias e se fôssem viver lá.

Não é menor nem menos maravilhosa a virtude de outra fruta, ainda que se não come, que no Brasil chamam genipavo, e nasce em umas árvores como marmelos, a qual

fruta a natureza não fez para mais que para em tempo de necessidades, que sucedem aos homens, fazer de presente, ou com seu fumo, ou com água que dela se estila, de um homem branco, negro, como nós vimos, e conservá-lo assim por oito ou nove dias, para passar por negro onde lhe fôr necessário. Desejei muito de achar também outra contrária a esta, que assim como esta tem virtude para mudar o exterior de branco em negro, assim a tivesse a outra para mudar o interior de negro em branco, para me aproveitar dela e a dar a todo o mundo, que dela se quisesse servir. Mas parece que a criação desta fruta é de outra natureza mais superior, e por isso nasce em outra parte, senão só na horta daquêle hortelão com quem a Magdalena se enganou.

Deixo outras de menos conta, e com elas os nossos melões e pepinos, que lá são de todo o ano e perpétuos. Enquanto aos pepinos ficam os nossos mui inferiores aos que lá com nome particular chamam de Nova Espanha, cujo pé encostado a alguma grossa parreira, ali encostado dura e frutifica muitos anos, e têm-se lá por tão louçãos, que os põem, como nós vimos, pendentes por armação de sepulcros nas Endoenças; o sabor é muito bom, e o cheiro, especialmente no Brasil, onde lhe chamam curvas, tão suave e tão veemente, que pode competir com qualquer dos outros cheiros que muito se estimam.

Com as frutas podiam também entrar as canasffstulas. Dão-se em árvores mui grandes e que têm muita semelhança com nogueiras, de que há nesta Ilha grande carregação. Não me soube determinar quando estas árvores pareciam mais fermosas, se quando cheias de flor em cachos amarelos, se depois carregadas de fruta, que são as canas pendentes de seus ramos, algumas de três e quatro palmos de comprido, juntas muitas delas de duas em duas, as quais com qualquer leve viração, dando umas pelas outras fazem um suave rugido. Assim da

flor, como dos canudinhos, enquanto pequenos e tenros, se faz conserva mui preciosa, que tem o mesmo efeito que a polpa ou miolo, de que nos cá servimos de pretoja, e sêco, o qual ao colher da cana é líquido e da côr do mel, e tem mais eficácia e virtude.

Vinho, não o dá esta terra, ainda que dá uvas, de que acima falei, e parreiras das que chamamos ferrais, que se dão e logram muito bem. Mas de água foi tão liberal, que a proveu de dois mil rios, além de um lago grande que no meio dela está. Dêstes passámos nós muitos, os mais deixo na fé de quem os contou; alguns deles bem caudalosos, e todos sem barco, nem pontes, porque, se as houvessem de fazer, lá se iria a prata das suas minas; mas de tudo servem os cavalos, pela destreza que nisto têm com o exercício contínuo; antes muitas vezes a própria estrada é rio abaixo ou acima, pelo meio de água, por os montes e bosques não darem outro lugar, como nós andámos uma légua ou duas pelo rio abaixo, bem recreados com a frescura e espessura do arvoredo, especialmente de espinho, que de uma parte e de outra ia caíndo sôbre a água.

Desejei de ter ali por companheiro algum natural de Coímbra, para lhe perguntar, indo assim ambos pela veia da água abaixo, que lhe parecia daquele Cozelhas, com quem nunca entrava inverno, e se teria aquêlê Letes virtude para fazer esquecer dele perpétuamente. A dificuldade está tôda ao entrar e sair, porque naquele passo não servem nem aproveitam outras rédeas. Afora um grande e fundo atoleiro junto da água de uma parte e da outra, causados da freqüência dos caminhantes, e todos a cavalo, dos quais êles se sabem sair, ainda que metam nele todos os pés e parte da anca, como eu vi, sem perigo seu, nem queda do cavaleiro. Por igual sorte tive eu a de outro, que, sendo-lhe necessário nadar o cavalo, por o pego ser mui fundo, não perdeu nunca, nem

o lugar da sela, nem a coma da mão para o reger. Tanta destreza sabe dar o exercício em tôda a arte, como a gente tôda por esta terra tem; na qual não caminha ninguém a pé, antes tão bons cavalos levam os escravos, como os senhores; nem é maravilha, onde êles são tantos, que os próprios senhores e criados matam os de que não esperam proveito, metendo-os para isto em um grande e artificiozo curral, e depois, fazendo-os sair um e um, dão à porta uma lançada a todos os que lhes parece, para que com ela vão êles morrer por onde quiserem.

Em lugar de vinho, que, como disse, não há, lhes serve o tabaco, a que nós chamamos herva santa, ao qual se tem por tôdas as Índias achadas tantas virtudes, não sei se reais, se imaginárias, e particularmente ao que nasce nesta Ilha, pelo que é mais estimado e buscado; e, onde concorre muito de várias partes, perguntam os compradores por tabaco de Santo Domingo, o qual não sòmente se semeia e grangeia para se usar naquelas partes, mas traz-se também por mercadoria para estas, e de tanto preço, que vimos nós desembarcar fazenda, que já estava embarcada, para fazer lugar a esta, e acomodar como esta merecia. E quando é por lá, não há quem o tire nunca da bôca em fumo, ou dos narizes em pó, e infinitos há que nem de ambas as maneiras se fartam dele; só os poderia fartar quem lhes descobrisse invenção (que êles comprariam por muito dinheiro) para assim como metem dentro em si por estes dous sentidos, cheiro e gôsto, o poderem também meter polos outros três, que lhes ficam privados de tanto gôsto. De maneira que o fim dos banquetes mui regalados, e a última iguaria deles, é um prato mui fermoso cheio de tantos rolos ou canudinhos, como êles lhe chamam, feitos daquelas mesmas fôlhas sêcas enroladas, quantos são os convidados. Os quais canudinhos acesos por uma ponta, e metidos na bôca, pela parte que não estão acesos estão chupando o

fumo, reprimindo o fôlego quanto podem, para que o fumo tenha tempo para andar visitando, consolando e amezinhando tôdas as partes interiores. Aos que têm fome serve de pão; aos que têm sede serve de água; os que comeram detemperadamente, e estão fartos, dizem que ficam desalijados; se estão encalmados, que os refresca; se frios, que os aquece; se com maus humores, que lhos bota fora o pó moído e tomado pelos narizes, com o qual pó alguns misturam cinzas para fazer mais forte. Afora outras infinitas cousas, para que dele se servem, aplicado por dentro e por fora. E nesta forma experimentei eu também a sua virtude, applicando-me em um acidente, como única e singular mézinha. E para que a todo o tempo o tenham à mão, não só o trazem perpétuamente na algibeira (e alguns, por fazerem mais honra ao pó, em abutas de preço), mas justamente, quando caminham, fuzil para acenderem as fôlhas e canudinhos, o que fazem com muita destreza, sem para isso parar o cavallo nem perder um passo. Eu mais difficil-tosamente dei crédito a tantas virtudes suas que ao que muitos me disseram: que era cousa ordinária, abrindo-se alguns mortos por algumas ocasiões, acharem-lhes, pela continuação e ardor dêste fumo, tudo por dentro negro e tostado como uma cheminé, e que aos que começam a tomá-lo pelos narizes acontece ficarem as primeiras vezes em êxtase, pela fôrça ou furor com que acomete ao miolo, lidando interiormente o paciente daquela divindade, como aconteceu a um bem rico, que eu conheci, que estava quási morto. E contudo é tanto o apetite dêste pó e fumo, que, estando um morrendo, um pouco antes de acabar me pedia afincadissimamente lhe desse um pouco de tabaco para tomar o fumo.

De tantas virtudes de tão alimentar fumo, na sua opinião, nasce por aquella parte uma celebérrima e mui altercada questão, não só entre os sacerdotes ordinários

mas ainda entre os letrados e religiosos, a qual é: Se pode tomar-se êste fumo antes de comungar ou dizer missa, porque é tanta a doçura dêste veneno, que nem os leigos podem acabar consigo esperar até comungar, nem os clérigos até dizer missa, por se conformarem com o parecer comum dos pouco mortificados, que sentem e dizem que quando o corpo está bem consolado então se consola e afervora mais o espírito. Sôbre a resolução de dúvida tão sutil e tão especulativa, fêz por ordem do Arcebispo, estando nós aqui, um bom médico, teólogo juntamente, que foi de nossas escolas, um longo tratado, que nos mostrou, com muitos e copiosos argumentos tirados de ambas as ciências, pela parte negativa. A qual nos disseram que estava também confirmada e decretada por Sínodo Provincial de Perú. Porém eu cuido que, ainda que fôra geral, não fôra nunca recebido, pelo antigo costume em que estavam postos.

Todos êstes montes e bosques estão cheios destas frutas e de fresquíssimo arvoredado, especialmente palmas, de que nunca cuidava que podia haver tantas espécies no mundo, se as não vira. Além das de tâmaras, que aqui não há, e que podem ter o primeiro lugar por razão de seu fruto, o segundo têm as de côcos, que, onde as há, são postas à mão, mas dão-se altíssimas e viçosíssimas. Começam a frutificar ao oitavo ano, acudindo cada mês com um cacho, de maneira que no cabo de um ano têm doze em diversos estados, uns como avelãs, outros já como nozes, outros como marmelos, etc., até à grandeza e perfeição dos que cá vemos, à qual não chegam mais que cinco ou seis em cada cacho, pôsto que ao rebentar sai com grande cópia dêles. O fruto geral de tôdas as mais são palmitos, que se tiram tamanhos e tão grossos que basta um dêles para desenfastiar uma grande casa; o particular não vimos mais que em duas ou três espécies. Uma dá uns coquinhos pouco maiores que avelãs,

com seu focinho, bôca, olhos e nariz, que no Brasil chamam vizicurum. Parece que quando a sapiência Divina se andava desenfadando no mundo, criando nêle tantas e tão várias espécies de cousas, quis fazer côcos para os homens e coquinhos para os meninos, sem mais outra diferença que a do corpo, de uns grande e de outros pequeno, que o gôsto e sabor do miolo em todos é o mesmo.

Outra dá certa fruta, que êles chamam carôço, que serve de bolota e lande aos porcos, que levam a elas como cá aos soberais e azinhais. Parecem estas umas colunas altíssimas e mui direitas, lavradas pela natureza com tôda a arte, grossas no meio e mais delgadas alguma cousa para a base, e no mais para o capitel, e tão lisas do alto a baixo como se fôsem torneadas e brunidas. São tôdas brancas, tirando o capitel, que é uma fermosa e verde talha, a qual, levando entretécidos os cachos desta sua fruta, está lavrada de fermosa folhagem, do tamanho cada fôlha de um homem, e maiores, às quais fôlhas êles chamam Iagas, e lhes servem para cobrir casas por serem mui grossas e têsas. Por cima de tudo isto, da bôca da talha vão saindo os ramos ou palmas, deixando os pés dentro no colo, como um ramallete, que nela a natureza quere ter para sua recreação, onde a architectura e pintura tinha bem que aprender.

E se bem alegres e fartos são êstes montes por cima, nada menos o são por baixo, porque todos andam cheios de porcos e vacas monteses e muitos cães, que são sós os lobos daquela terra, mas tão medrosos que não pegam em animal grande, senão em vitelas, leitões, e outras semelhantes que por sua fraqueza não tenham resistência; e assim víamos nós uma alcateia tôda dêles fugir de um só dos domésticos e criados em casa; e a partes achávamos também cavalos que na anca e lombo mostravam bem que nem conheciam cela nem cevada por medida. O viço e boa vida de uns pagam outros (como acontece

também aos homens), não só os que por não servirem morrem alanceados no campo (como acima dissemos), mas os que por servirem muito não têm já fôrça nem idade para mais, dando-lhes então uma tão pouco piedosa alforria. Porque na cidade cada dia se mata tanta cópia de gado junto ao mar, cujo sangue e mil outras cousas se lançam nêle, são os tubarões tão grandes e andam tão cevados, que é recreação dos ociosos ir-lhes botar cães e cavalos vélhos, e chamando por êles (tão ensinados os trazem) os fazem acudir com tôda a pressa, tantos e tais, que o pobre do cavalo em breve fica livre de vida tão cansada e aposentado em êstes estômagos; e o cão sucede às vezes ser inteiro do primeiro que chega, pelo levar de um trago, e tal o tiraram do estômago de um (dos que tomam às vezes por remate da festa), assim inteiro como o tinha lambido.

Em tão cheios e abundantes montes, ¿que cousa pode faltar, nem para suas necessidades, nem para suas delícias, aos negros simarrones (como êles lhes chamam aos fugidos) para passar a vida humana com mais prazer e alegria da que tinham nas cidades vivendo em cativo? Os quais em grande abundância por tôdas estas terras, assim firmes, como, o que mais é, ilhas, vivem em suas povoações, sem serem possantes as cidades para os conquistar e reduzir por armas a seu antigo cativo. Vimos nós uma bandeira e companhia de soldados, que se apercebeu e armou mui de propósito, com um honrado capitão, para ir conquistar uma destas povoações, que foi e veio sem fazer nada. Porque se vêm à sua, pelem como leões; se não, fogem como gamos, sumindo-se com mulheres e filhos em continente pelo monte, cuja espesura êles rompem e trilham melhor, descalços, que os que os vão buscar calçados e armados. E por isso uma cidade desta ilha houve por seu partido libertar uma destas povoações de negros, com condição que não recebes-

sem consigo nem agasalhassem mais ninguém, que de novo para elles fugisse; e o melhor é que, como as cidades estão tôdas cheias de tanta multidão de negrigência, porque nem branco nem branca põem lá mão em nada, tudo em casa e fora há-de correr por mão de negros e negras, vêm estes simarrones a elas prover-se de todo o necessário, que lhes lá falta ou desejam das cousas da cidade ou de Espanha, e se tornam sem serem conhecidos nem haver quem dê fé disso; com o que têm seus lugares mui providos. E por este mêdo de lhes fugirem, e outros semelhantes respeitos, são tratados dos senhores com muita largueza e muitas permissões, como homens em parte isentos, semeando e criando e vendendo suas novidades particulares, a ninguém melhor que a seus próprios senhores, como também pelas mesmas razões fazem os que nós temos no Brasil.

Tôdas as árvores, por altas e grossas que sejam, lançam mui poucas raízes por baixo da terra, e à flor dela se remedeiam com singulares invenções; umas lançam pelos lados do tronco, até altura de uma vara ou duas, uns como esteios, como os que se lançam por fora de paredes de algumas igrejas, para que encostadas a elles sustentem sua fraqueza. São estes como umas tábuas de dois ou três dedos de grosso, tão bem talbadas, sem mais outro benefício, que tirá-las dali; além de outros usos que terão, nos serviram a nós, em uma nau, de paveses, sendo acometidos por dois navios cossários.

Outros, que chamam mangres, assim como vão lançando e estendendo seus ramos, assim para cada um se suster a si mesmo vai lançando para baixo uns pendentés, que crescendo pouco a pouco para baixo, direitos como uns fusos, sem fôlha nenhuma, em chegando a terra prendem nela e ficam como estoques, sôbre os quais por seus passos contados se vão estribando e estendendo os ramos, como arcos em seus pilares; e engrossam depois estes

pendentes ou pilares tanto, com ambos os leites, um da mãe, de que nunca desaferram, e outra da terra, em que já têm lançado raízes, que vem homem a não saber qual é daqueles todos o próprio e primeiro tronco por onde a árvore começou, a qual folga tanto com a água salgada quanto todas as árvores do mundo com a doce, e nela multiplicam com tanta espessura e travação, que bastaram para fazer um pôrto, em que nós desembarcamos bem seguros por não darem passagem por si mais que a um barco, e esta às voltas.

São pois cousa tão maravilhosa estas poucas raízes que as árvores por cá lançam por baixo da terra para sua firmeza, que entre as maravilhas que os primeiros descobridores daquelas Índias trouxeram para contar aos Reis Católicos, em cujo tempo se elas acharam, foi esta uma; a qual ouvida pela Rainha D. Isabel, respondeu aquê, que agora é tão celebrado apotegma ou dito naquelas partes: que pois as árvores nessas terras tinham poucas raízes, os homens seriam de pouca verdade. E profetizou bem na opinião de todos os que lá vivem, e na nossa que o apalpamos.

A enxertia do arvoredado nesta terra e no Brasil, e em todas as mais que corremos, é mais maravilhosa que tudo, porque sem mais corte de ferro, nem garfo, nem outras mezinhas, para escusar todos estes trabalhos aos homens, a fazem os pássaros, com a semente que de umas árvores levam, no bico ou no estômago, e põem sobre as outras, ou o vento que arrancando-a de umas a vai espalhando e semeando por cima das outras, inda que sejam de diferente espécie, que não é pequeno alívio para caminhantes que nunca se viram em tais pomares. Dêstes exemplos, e de muitos outros que pudera contar, em que toda aquela tórrida zona mostra bem com quanto maior viço, grossura, altura e espessura cria seu arvoredado, que as outras quatro, ainda as mais temperadas, se deixa bem enten-

der como será possível e verdadeiro o caso que lá sucedeu a um Irmão nosso, português, por nome Lourenço, que ainda neste tempo vivia, segundo lá soube perguntando por êle, com muito desejo de o ver por haver anos que eu já sabia que lá assistia. O qual, em suma, é êste: navegando êle, sendo moço, com seu pai para as Índias de Castela, e fazendo naufrágio em parte de muito alto e travado arvoredado, levado da curiosidade e mocidade entrou tanto por êle, e de tal maneira se emboscou, que totalmente areou e perdeu o tino (como acontece às vezes a alguns pilotos ruíns no mar), e com êle perdido gastou mais de dois anos sem se poder desemboscar, antes emboscando-se cada vez mais, porque até os dias eram para êle noites, por não poder ver o sol, tão sombrio ia tudo por baixo, se se não subia sôbre as árvores para assim, vendo onde nascia ou onde se punha, demarcar como pudesse seu roteiro e ir fazendo seu caminho, acabando-se-lhe neste tempo o vestido, de que a podridão de lugares tão húmidos por uma parte, e a espessura que o ia rompendo por outra, não deixaram pedaço, ficando como Adão naquêle seu Paraízo; no qual lhe não faltaram também serpentes, por respeito das quais se subia a dormir sôbre as árvores, mas nem isso lhe valia, porque, acabando de subir uma tarde a uma, achou já tomada a pousada e gasalhado por uma grande serpente, a quem agradeceu muito deixá-lo descer em paz e ser tão pouco humana e caritativa que lhe não quis dar um pedaço de lugar em seu estômago para descansar e se aquentar nêle por aquela noite; por cujo medo, como eram muitas, veio a tomar outro acôrdo, e êsse foi dormir dentro em rios, quando os achava, encostado a seu bordão, e, por falta de vestido ainda que igual no bordão, mais pobre que outro Jacob a passar o Jordão. Outro dia o espantaram duas feras e medonhas serpentes, que vinham pelejando com um tamanho ruído que parecia vinham

quebrando e espedaçando todo aquêles arvoredo, até que, chegando a êle, passaram e deixaram a peleja, pondo-se ambas a olhar para êle, e êle para elas, qual dos três igualmente assombrado da novidade que via e tinha diante de si.

Sustentava-se por todos êstes anos de frutas, de que a natureza enche aquêles bosques com mais franqueza que os nossos; e porque não sabia quais delas podiam ser peçonhentas, não comia senão as daquela espécie que achava picadas dos pássaros. Indo pois assim navegando por terra, e subindo-se uma tarde sôbre uma árvore, como tinha por costume, para ali com a vista do sol cartear e marcar seu caminho, sem mais astrolábio nem carta, que o céu, nem compassos, que os olhos, pareceu, depois de estar em cima, ver-se em um campo plano e chão, que confinava e continuava aquêles arvoredo por ali com algum prado; e deixando-se ir andando por cima, chegou, depois de andar algum espaço, a um medonho precipício, onde se desenganou que andava sôbre árvores, e que era o viço da terra tanto que nasciam umas sôbre as outras, sem mais enxertia, e sabiam para sua conservação fazer de seu ramos e folhagem uma tão espessa laçaria, que parecia um prado e enganava a um homem, e abrindo, como pôde, ou cova ou caminho por baixo, se desceu dos ares por que andava e continuou sua perdição por terra, até que Nosso Senhor o pôs em povoado. E êle para lho saber agradecer, entrou em nossa Companhia, e nela vive com muita edificação.

Porém, deixando o seu caminho e tornando ao meu: depois de tanto pão, carne e fruta, como tenho dito, não faltava mais nestes montes que o peixe; e até disso são bastecidos, não só de muitos e mui grandes cangrejos, e tantos que é cousa de muito gôsto vê-los fugir dos pés dos cavalos — em grandes bandos, para suas covas, que têm como coelhos, debaixo das árvores — com uma tenaz sem-

pre levantada em alto, que cada um deles leva prestes contra quem quiser acometer aquêles seu tão forte esquadrão.

Nos rios (de que todos êles vão entalhados e regados), além do ordinário pescado em grande abundância, se criam por êles e pelas lagoas muito teoteas, mui semelhantes a grandes cágados, que é iguaria mui regalada, e por tal no-la deram algumas vezes. Não falo no que o mar cria, que como mar sobrepuja tudo, no qual por tôdas estas terras são inumeráveis as tartarugas, de ordinário como adargas meãs, mantimento ordinário de gente comua. Tomam-se vivas e guardam-se em estacadas, que têm feito dentro no mar como viveiros, donde as tiram à véspera do dia que as hão-de talhar, de tarde; e virando-as de costas, ficam assim junto da água aquela noite sem mais guarda, e muito seguras de fugir, porque, não podendo naquela postura chegar com as mãos ao chão, não se podem virar por si. Tira-se-lhe de dentro a cada uma um formoso cêsto de ovos, mui diferentes dos das galinhas em três cousas: a primeira, em serem muito redondos; a segunda, em não criarem por fora aquela casca dura; a terceira, em não endurecerem nunca, por mais que se cozam, ficando sempre a gema líquida.

Cousa mui diferente é o manatim, a que nós chamamos peixe-boi, do qual vimos na cidade de Santo Domingo, uma mãe e um filho vivos; não têm mais semelhança de boi que uma pouca no focinho, tudo o mais é uma *rudis indigesta-que moles*; podia só o filho dar de comer a um par de centos de homens e sobejar para convidar a outros poucos; e com ser tamanho, ainda mamava, porque por não deixar a têta foi tomado também com a mãe, cousa nova e muito de notar em peixe estranho, e que eu nunca tinha lido nem ouvido de outro, que diante de nós a estiveram ordenhando e tirando leite dela, como se fôra vaca; e muito mais nova e maravilhosa ainda: o

lugar das têtas, que são os cotovelos dos braços, com singular advertência da natureza, que não falta no necessário, porque pondo-lhas nos peitos puderam mal servir aos filhos, nadando a mãe, e muito peor estando pastando, como ela costuma vir pastar junto à terra com os peitos sôbre ela. Conseguinte cousa ao leite dêste peixe deve ser parir seus filhos já formados, que é também cousa rara em peixes, e que eu não sabia mais do que dos tubarões, que nós por vezes vimos na Costa de Guiné abrir e lançar ao mar os filhos que dentro tinham, e êles irem logo nadando, do tamanho e feição de leitões, que alguns também comiam e tinham por tenro manjar.

Guisa-se êste peixe-boi com tudo o que se lança em uma panela de vaca; e é tão semelhante sua carne, que com nós trazermos para nossa matalotagem alguns barris dele, salgado, do Brasil, e como o comeremos muitas vezes até Pôrto-Rico, todavia dando-lho aí fresco a dous padres que foram em missão pela ilha, lhe pareceu a um deles que tinha obrigação, por ser sexta-feira, de dar, como deu, uma fraterna correição aos da casa em que estavam agasalhados por comerem carne em sexta-feira, até que o desenganaram do que era e êle caiu em êrro.

O mesmo me aconteceu a mim logo ao princípio, não uma, mas algumas vezes, com a carne das tartarugas, estando à mesa do Bispo da mesma ilha, onde elas vinham tão bem guisadas, e de tal maneira, que eu, por lhe não dar outra fraterna, depunha com assaz de trabalho o escrúpulo, parecendo-me que naquelas partes teriam os Prelados mais largas dispensações; e assim a comia por carne, até que por tempo vim também a cair no que era.

Porém, com tôda esta abundância de peixe, não sei por que razão, ainda na Quaresma, se não podem na cidade de Santo Domingo apartar da carne, talhando-a públicamente no açougue três dias cada semana, sem mais outra escusa que custar, como êles dizem, muito

caro o peixe e não poderem os senhores de outra maneira sustentar os muitos escravos que na cidade os servem, aos quais dão melhor tratamento que o que acima disse que davam os senhores de outra ilha aos que tinham por suas fazendas no campo; porém a mim me parecia então, quando a via talhar em tempo tão santo, que se o espírito naquele tempo se esquecera bem da carne, como devia, também o corpo a aborrecera e enjeitara.

No meio dêste caminho passámos pela cidade de Veiga, que é a primeira e mais antiga de tôda a ilha, e pelo conseguinte de tôdas as mais que por tôdas as Índias estão fundadas.

Chegando nós a esta cidade, chegavam também a ela, como fazem juntamente todos os anos por aquêl tempo, exércitos de patos, que da terra firme, por ser frigidíssima, vêm passar o inverno na temperança e quentura desta ilha, atravessando cento e noventa léguas do mar, que há de terra a terra; são tão semelhantes aos nossos, que quem os não conhecer os terá pelos nossos, como eu tive alguns que se tomaram vivos; uns são todos brancos, e outros pardos, os quais (por evitar contendas, a que a semelhança por uma parte, e por outra o desejo de ser só na posse de algum bem, contra a natureza do mesmo bem, que deseja sempre, como diz S. Dionísio Areopagita: *Bonum ex quo omnia subsistunt & sunt*, comunicar-se a todos, sempre deram causa) seguindo o conselho, que Abraão e Lot tomaram por evitar as que entre seus pastores sôbre os pastos se alevantaram, de repartir a terra tôda em duas ametades e tomar cada um para sua parte, um para o Oriente, outro para o Ocidente, que na parte e limite dos brancos não se verá nenhum pardo, nem na dos pardos algum branco. E assim pastam os campos com suma quietação, sem guerra consigo, nem guerra com os homens; e como tais ficavam por êles, indo nós caminhando em grandes bandos e muito

seguros, porque quem quere aves para a sua mesa e carne mais delicada ali tem as galinhas do mato, de que os montes andam cheios, que no corpo são galinha e no sabor perdizes.

Junto a esta mesma cidade há minas de prata, que actualmente se beneficiavam, de que vimos uma pouca finíssima, cujo senhor tinha descoberto um artificio de que se aproveitou diante de nós, só por nos dar mostra dele, para que o valor e beneficio dêste metal, que é assaz trabalhoso e vagaroso, se abreviasse de maneira que o que gastava seis meses inteiros (esperando todos êles que o azougue acabasse de chamar e incorporar em si tôda a prata, dando para isso em todo êste tempo mil voltas àquela massa trigémina de barro, azougue e prata) se faça, como êle fêz, em vinte e quatro horas, e com muito menos, ou quási nenhum, dispêndio do azougue, que pelo modo ordinário se gastava infinito, perdendo-se todo aquêle que uma vez se lançava na massa e desfazendo-se em fumos, com esta nova e fácil invenção depois recebidos em um modo de alambique se convertiam em azougue, como os fumos da flor e das rosas em água. E não rendeu o artificio menos de sessenta mil cruzados, ainda que não para êle, senão para quem êle o mostrou, o qual adiantando-se com tão bom alvitre lho levou, e ensinou no sêrro e minas do Potosi, recebendo para si e gozando-se do prémio dos trabalhos alheios, como acontece cada dia, do que o inventor estava assaz sentido e magoado. Ao qual eu não podia dar outra consolação maior que a que Virgílio tomava para si pelo furto dos seus versos, lembrando-se das aves, das ovelhas e dos bois, de cujos trabalhos e indústrias se logram outros.

Mais avante, chegámos e pousámos junto a uma serra de cujas minas se tiravam várias tintas em pedra. Da azul nos deram mostra, e a que quisemos trazer. Lavram-se mais desta serra muitas pedras de cevar, do ta-

manho que cada um as quere cortar na pedreira, de que trouxe uma tamanha, até que enfadado do pêso a deixei, e muitos outros metais mais baixos. Enfim prata, de que além das minas vélhas se descobriu então em outra parte uma, que diziam exceder às do sêrro de Potosi, pelo ensaio que logo se fêz dela; e tinha bem necessidade de ser tão rica, para que com tal serviço, que o inventor dela, que foi um clérigo, fêz ao braço secular, tivesse, como logo teve, favor nêle contra o Eclesiástico, de quem andava mui atropelado por pouco devoto.

Tôda esta ilha de Norte a Sul, em que, pelo trabalho que nossas enfermidades nos iam dando, gastámos de trinta de Agôsto até vinte e dois de Novembro, andámos com cavalos e despesa de um homem honrado por nome Fernando Varela de Granada, que tomou tanto à sua conta o regalar-nos e mandar-nos servir na enfermidade e na saúde, e trazer-nos consigo e à sua custa a Espanha (como trouxe) e sustentar-nos por ano e meio sãos e enfermos, que fôra cousa comprida se eu o quisera especificar e relatar por extenso, com tanto mimo, que tocar alguém em nós era tocar nêle; e baste só dizer alguma cousa das mercês e honras que por espaço de cinco meses nos tinha feito em Pôrto-Rico, com nos levar consigo a Santo Domingo para donde se embarcava, e fazendo nisso tôda a fôrça que um pai podia fazer por remediar um filho perdido já de sua casa, e indo-se embarcar passou pelo hospital, que era a nossa, para nos dar por si a última e mais firme bateria, que naquela manhã nos deu, além das que pelo tempo atrás tinha dado, dizendo agora, e acrescentando de novo, que olhássemos bem o que nos importava embarcarmo-nos com êle, prometendo-nos que nos daria câmeras de pôpa até Espanha, e que isso o forçava a não se ir embarcar primeiro, por nossa causa, para nos fazer esta última lembrança, ou requerimento; até que—não podendo alcançar de nós o que tanto desejava,

que nós fôssemos com êle, por algumas razões que a isso nos obrigavam, como era não deixar a nau da Índia em que tínhamos partido de Lisboa e em que estávamos obrigados a tornar se ela se remediasse e reparasse bastante-mente — se embarcou.

Vendo pois, agora, que nós, muito em que nos pese, lhe tornávamos a cair nas mãos, arribados à mesma ilha em que êle estava, tanto que soube que nós tínhamos tomado pôrto em Baiaba, de que êle então estava trinta léguas pela terra dentro, e que nêle estávamos enfermos, triunfava de prazer, porque já não podíamos fugir a quanto seu amor desejava de nos fazer, mandando logo cavalos e gente por duas vias, e dinheiro para todos os mimos pelo caminho.

De maneira que todo o trabalho, que nós como pobres e peregrinos assaz enfermos houvêramos de ter em buscar cavalos e companhia e tudo o mais necessário para homens tão enfermos se porem a tão comprido e trabalhoso caminho, êsse tivemos em escolher a qual das duas companhias daríamos êsse gôsto de ser ela a que nos levasse, porque cada uma delas nos queria levar por diferentes caminhos, por onde elas tinham vindo, para nos fazer particulares gasalhados nos lugares, que para isso deixavam prestes. E não foi pequena a contenda, porque em ambos nos estavam esperando em duas casas mui honradas e ricas, com cada uma das quais os que nos vinham buscar queria satisfazer, e nós com ambos, mas não era possível pelo mesmo caminho. Porém, temperando e satisfazendo ambas as partes, por não prejudicar ao direito que ambas tinham e alegavam, assim por outras razões, como por uma das companhias ser mandada primeiro e a outra chegar primeiro, nos fomos todos juntos até à cidade de Monte Christi, que no meio do caminho estava, onde, por se nos agravar a enfermidade, e por êste respeito nos determos alguns dias em uma das casas que

por nós estavam esperando, teve lugar a senhora da outra, inda que vivia algum tanto desviada da cidade, que era uma honrada e rica matrona, para nos vir visitar, com grandes queixumes de termos deixado o caminho de sua casa e o vagaroso gasalhado e cura que nela nos desejava fazer, como dissera a quem nos fôra buscar, quando por sua casa passara, como de certo soubemos que dissera. Só me ficou por inquirir se era isto caridade particular e amor que esta senhora tivesse á nossa Companhia, ou geral a todos os pobres; por ambas as vias obrigava muito a Deus, e pela primeira muito a nós, de cujos oferecimentos não quisemos aceitar nada, porque Nosso Senhor queria que sem isso sobejasse tudo.

Deixo aqui as visitas da gente desta cidade, e mui particularmente dos portuguezes ou de quem com elles tinha alguma liança, buscando todos com estranho amor com que nos aliviar as enfermidades, assim enquanto estivemos ali, como ainda para o caminho, entre os quais se quis aventajar uma que fôra mulher de um portuguez que com estarmos tão bem agasalhados, e com tanta grandeza, não só não podia acabar consigo que nós deixássemos de nos servir de suas cousas, enquanto ali estivémos, mas queria que nos fôsem elas servindo pelo caminho, como foi um pavilhão que nos mandou e quis que em todo o caso levássemos, dizendo que por aquela terra não caminhava ninguém sem elle, por amor dos exércitos de mosquitos que por ela havíamos de achar, como com efeito achámos.

Caminhando pois assim, e chegando já perto da cidade de Santiago, não sei quantas léguas, onde este senhor, que nos mandava buscar, nos estava esperando, chegou a nós um correio seu de cavalo com tôda a pressa, com remédios para um novo acidente que soubera eu tivera no caminho; e estando já uma légua da cidade, chegaram outros dois de cavalo, por um dos quais, que de-

pois de nos acompanhar um pouco voltou pela posta, soube quão perto vínhamos, pôsto que não com tanto vagar, nem tanto de passo quanto êle quisera e nos mandara dizer por um dêstes correios, porque logo suspeitámos que tudo isto eram traças para nos fazer ao entrar da cidade alguma afronta, e esta foi saír-nos a receber com tôda a gente principal a cavalo, e com êste acompanhamento nos levou às casas que para nós tinha armadas, e nelas camas, e todo o mais serviço respondente a isto.

E porque lhe era necessário partir-se desta cidade para a de Santo Domingo, que distava dela trinta léguas, como por cartas de sumo amor nos tinha significado, esforçando-nos nelas a caminhar quanto nossas doenças o sofressem, para chegarmos a esta cidade e nos vermos nela primeiro que se êle partisse. E como nossas doenças não davam então lugar para nos levar, como desejava, consigo, nos deixou cinqüenta ducados em dinheiro, dizendo que não deixava mais, porque esperava em Nosso Senhor que a enfermidade seria tão breve, que nem de tudo isto teria necessidade. Porém, como o amor nunca jâmais pode viver livre de temor, antes é tão medroso que sempre se teme de mais do que na verdade há que temer (como bem disse o Poeta), duvidando depois se teríamos nós necessidade de mais, por se livrar assim daquele escrúpulo, e a nós de cuidado, nos deixou mais ao despedir um crédito, para um homem em cujo poder ficava parte da sua fazenda nos dar todo o mais dinheiro que nós lhe pedíssemos sem término, o qual o ficou também fazendo em sua ausência, com tanto gôsto, pelo que sabia que lho dava, que de nada do que nos deu quis receber assinado, cousa entre os homens tão pouco usada, ainda que conhecidos, amigos e parentes, quanto mais entre êle e nós que nada disto tínhamos, antes nos havíamos em breve de apartar para nunca mais nos vêr; ou porque a sua caridade fôsse também tão grande, que quanto perdesse o

desse bem ganhado e entesourado nos pobres, como nós, ou porque o conceito que êle tinha da nossa Companhia era tal, que, quando lhe fôsse necessário assinado, em nossa palavra o tinha; ou por ambos êstes respeitos juntos, o que tudo se pode presumir dos queixumes que êle fazia de nos não quereremos servir de suas próprias cousas, que também oferecia e dava; até que, não sofrendo mais as enfermidades, nos partimos, e chegámos à mesma cidade onde êle tinha já lançado tal fama dos hóspedes por que esperava, quanto lhe pareceu necessária para lhe não estranhar ninguém trazer tanto tempo tanta carga às costas; onde enquanto ali estivemos, ainda que a pousada era no Hospital, a mesa era sua, por não sofrer êle que nós cumpríssemos com as obrigações da pobreza mais que na casa.

Daqui se pode inferir tudo o mais até Espanha, trazendo-nos consigo na mesma nau, em uma muito boa câmara que para nós se fretou com grande preço. E porque em Cartagena se ofereceu repentinamente um caso que parecia nos forçava a apartar, nos disse que mandássemos à sua casa por cem ducados para nossa matalotagem, pois não havia de ser a sua, que nem nós aceitámos nem foram necessários, porque pouco depois cessou o inconveniente; e assim viemos todos juntos, até que desembarcando-se connosco em Cales, e acompanhando-nos pela cidade até o Colégio, antes de buscar aposento para si, nos meteu e deixou na portaria, que era o término que êle tinha pôsto, e me dizia e repetia muitas vezes nas Índias. Pague-lhe Nosso Senhor o excesso que teve em nos fazer bem, e muito mais o que tinha em nos acreditar e dizer tanto de nossa Companhia por tôdas as cidades e terras por onde nos trouxe.

Na mesma cidade de Santo Domingo nos quis mostrar Nosso Senhor por muitas outras vias quão liberal é sua Divina Providência com todos os que padecem por

seu amor, e quanta conta tem deles, porque chegando nós à porta do Hospital, antes do presidente daquela audiência real nos ver, chegou um recado seu, que nos fôssemos para sua casa, porque nela tínhamos já prestes a pousada mandando que nos dessem por razão fortíssima não ter mulheres em sua casa, por ser casado em Espanha. Êste é irmão do nosso padre Osório, que compôs alguns sermões. O mesmo quisera um português de Borba, que aí está, muito rico. Além de outras pessoas, que desejaram também de tomar nossa sustentação à sua conta, se não estivera atravessada pelo que já nos trazia à sua, que era nesta parte a escusa com que satisfazíamos a todos e no que tocava à pousada, que, onde havia Hospitais, essa fôra sempre dos peregrinos da Companhia, agradecendo por então em geral, e depois em particular, a oferta a todos, conforme a qualidade de suas pessoas.

Visitámos logo o Arcebispo, que era frade francisco, para lhe mostrar nossa patente e haver dele licença para prègar. Êle nos recebeu com todo o gasalhado, e, como era letrado e fôra cá em Espanha catedrático de teologia, e estava quando entrámos actualmente estudando, na qual occupação gastava boa parte do dia, nos meteu logo na matéria. O que resultou da prática foi despedir-nos com muito gôsto, dizendo «Oh quem tivera com quem praticar assim cada dia um pouco!», e mandando logo nas nossas costas um pagem seu, português, com um official que nos tomasse a medida de todo o vestido interior e exterior, que chegou a duzentos ducados; além das camisas que ao depois nos mandou também com paternal cuidado, que não só não esperou que lhas nós pedíssemos, antes estranhou muito termos passado por outro Prelado e consentir-nos andar assim tão pobremente vestidos, occupando-nos êles em serviço seu e de sua Igreja. E porque achou muita graça nos nossos barretes redondos, que ainda levávamos, depois de se rir um pouco da forma

deles, disse que o meu barrete havia de ser o próprio com que se êle sagrara, que êle tinha mui guardado, o qual mandou logo vir, e, fazendo-mo pôr, me fêz ficar de todo castelhano por fora. Também quisera que a mesa fôsse sempre a sua, desejando e pedindo-no-lo muitas vezes. E, porque isto não pôde ser pelas mesmas razões que o negáramos ao Presidente e outros, reservou pelo menos para si os dias que eu prègasse na Sé ou em outra parte visinha, nos quais forçadamente quis que fôssemos seus convidados, e que, acabada a prègação nos recolhêssemos em sua casa, onde tinha dado ordem ao mesmo pagem, da cama e de tudo o mais que havia de ter prestes, dizendo-me que escolhia e deputava aquêle pagem seu, português, para meu serviço, porque, pelo ser também, o faria êle com mais gôsto.

Acabados de vestir nos meteu um dia em sua livraria, que em quantidade e qualidade era mui boa, e grande parte dela nova, com algumas obras e livros de padres, e franquiou-no-la tôda, com licença geral para levarmos para o Hospital tudo quanto quisêssemos, emprestado, só com dizer que o levávamos, ou deixar recado em casa não estando êle aí, porque êle o não andasse buscando. Tirando umas partes de Santo Tomaz, novas, que êle tinha duplicadas ou dobradas, de umas delas nos fêz logo doação absoluta, dizendo que teólogos não podiam estar sem Santo Tomaz. O que tudo isto foi necessário para as prègações que êle depois quis, por todo o tempo que ali estivêmos, achando-se presente a tôdas, e ainda às doutrinas que aos domingos e dias santos fazíamos junto à sua casa por êle assim o querer, e com êle muita gente honrada, por seu respeito, além dos meninos e negros; do que êle recebia tanta consolação, que dizia que agora se sentia descarregado e desobrigado da carga episcopal. E porque, entrando a Quaresma, nos deu êle e o Cabido, além de outras, uma semana que está

à sua conta em certa igreja da cidade, e o Presidente outra na capela real, as quais prêgações ambas ali são de igual honra e proveito para os prégadores, que dele se podem e costumam lograr, vendo-se certos religiosos exclusos do que êles cuidavam que era seu por direito, sentiam-no tanto, que até no púlpito se queixavam, dizendo *«Quitais aqui el pan a los hijos y dais lo a los estraños»* e outras tão escusadas como estas, que não serviam mais que de mostrar que os fins de seus sermões podiam ser mais espiritualizados, não tendo nêles mais ôlho que ao bem das almas, e de nos afeiçoar mais as vontades de todos e mui particularmente do Presidente e Arcebispo e então mais quando viu que nos não quiséramos aproveitar um dia de uma boa ocasião, tendo a um seu prégador debaixo da lança, edificando-se muito do perdão que lhe demos podendo-lhe meter bem o ferro.

E porque deles, e dos mais que o podiam melhor fazer, ficava o cárcere desamparado aquella Quaresma, lhe demos nós cada um outra semana, cousa tão nova naquella terra, que fazia crescer o número dos presos aquêle dia. Estava nêle um sentenciado à morte com tôda a brevidade na Quaresma, pelo crime que dentro nela cometera, com justo juízo de Deus; e porque também se não teve respeito ao tempo e lugar sagrado a que se acolheu, tirando-o ou arrancando-o do altar a que estava aferrado, com estar à vespera do dia em que havia de padecer se não queria confessar, e trabalhámos com êle até se render. Para outros condenados a galés e outras penas, se houve perdão. De tudo cuido que se serviu Nosso Senhor. Parte do fruto espiritual, e de boa importância, colhemos nós; e não foi pouco gôsto nosso saber que êste santo exercício de ensinar a doutrina aos meninos e negros pelas ruas no-lo furtara, aquella Quaresma, em outra cidade, um religioso de muito ser e grande púlpito, e Pro-

vincial actualmente, que desta cidade neste tempo fôra visitar um convento que por cá tinha.

O Presidente, em tôdas as honras e mercês que nos fêz o Arcebispo, só quis ser primeiro e derradeiro; em outras, só e singular, como foram ter-nos, antes que nós chegássemos à cidade, já prestes dentro em suas casas uma para nós pousarmos, dar-nos cada semana uma prègação na capela, reservar também para si os dias destas prègações, para neles sermos seus convidados, já que lhe desmanchámos a traça de o ser sempre, meter-nos no número dos poucos que são convidados para sua mesa o dia que êle come públicamente, que são as Páscoas do ano, porque nelas quere El-Rei que o Presidente e os Ouvidores, ou Desembargadores, que são cinco ou seis, comam juntos, por certos respeitos, e que os gastos da mesa se façam à conta de sua fazenda real; e assim respondem as mesas bem à bôlsa de que se tiram suas despesas, e o tempo que nelas se gasta, que não sei se serão três horas, ao muito que nelas se põe, não para comer, senão para ver, porque a elas vem tudo o que a natureza cria e a arte transforma de umas naturezas em outras, de maneira que ficam sendo poucas tôdas as transformações e metamorfoses que Ovídio soube inventar.

E o melhor é que quando eu a primeira vez, como novo que estava naquele negócio, vi alevantar a mesa, nem me fartava de dar graças a Deus, não tanto pelo que comera, como por me ver livre daquele fadário e de estar tanto tempo perdendo tempo. Se não quando, alevantada a toalha, aparece debaixo outra toalha igual à primeira, como mesa que se começava a pôr, como em efeito pôs, como se nenhum de nós tivera comido e nos assentáramos então, provendo-a logo de facas, guardanapos, garfos, saleiros e todo o mais serviço necessário para uma mesa, e após isso começando de salada correram outra vez as iguarias com tanta abundância, variedade, concêrto e ordem,

como antes na primeira mesa correram, para magoar mais os amigos dos pobres, que podendo repartir com êles liberalissimamente dos sobejos da primeira e dar-lhe tôda a segunda em que ninguém já tocava, a vêem servir tôda, ou de ostentação, ou de sustentação de ricos, porque posta tôda a iguaria à mesa não serve de mais que de cada um tomar o seu prato, e, chamando um pagem, o mandar levar a quem quiser; porém sempre o primeiro lugar é das mulheres dos mesmos Ouvidores, mandando uns às mulheres dos outros; e assim ficam todos banqueteados, os maridos cá e as mulheres em casa.

A estas mesas são convidados os Arcebispos, Provinciais das Religiões, ou em sua ausência os Superiores. Neste número quis o Presidente que nós entrássemos sempre, avisando-nos êle por si que nos tais dias não esperássemos pelo recado que êle manda aos outros, sem o qual não vem ninguém. E para que nós víssemos bem a vontade com que êle o fazia, quis que um dia dêstes fôssemos nós sós convidados, sem mandar recado a outrem ninguém. Deixo o número dos pagens, de que à vespera de Natal nos encheu a casa, carregados de consoada tão rica na matéria e tão artificiosa na forma, que se podia dizer dela o que o poeta disse da Casa do Sol: *Materiam superabat opus.*

Deixo o não se contentar com se vir confessar dentro a nosso aposento no Hospital, em secreto, como fêz a primeira vez, mas o querer também fazê-lo em público no meio da Sé, bem cheia de gente, alevantando-se da sua cadeira assaz rica e autorizada e fazendo-me assentar nela, e êle de joelhos aos pés com assaz devoção e humildade, virtudes e exemplo que eu estimava mais que tôdas as honras. Deixo a paga que êle queria que nós aceitássemos das prègações que em sua capela fizemos, por não saber que nosso Instituto nos proíbe receber paga por elas, mandando-nos dizer que mandássemos receber a es-

mola dos sermões, por estar já tirada da caixa real; e dando nós por resposta a proíbição dos Institutos, replicou que ao menos aceitássemos um cális que se nos mandaria fazer, e cá em Espanha o déssemos a qualquer Colégio que quiséssemos. Respondemos com agradecimento devido à vontade com que por uma via ou por outra nos queria fazer mercê; porém que, entre prata cunhada e prata lavrada, não havia mais diferença que na figura.

Deixo outras muitas cousas, que destas se deixam bem entender, em que êle mostrava sua benevolência e amor, e o crédito e conceito que tinha de nossa Companhia, movendo com isso a tôda a gente principal da cidade a que todos desejassem de nos fazer outro tanto. E remato-as tôdas com o sêlo que lhes êle pôs, oferecendo ao nosso mui Reverendo Padre Geral um Colégio, que af está fundado por um homem que naquela terra quis ser um novo Mecenas. Tem o Colégio suas classes feitas, capela, pátio, três mil ducados de renda; e o que mais me espantou do fundador foi deixar particular renda cada ano para prêmio das composições e poesias dos estudantes, com tantos desejos e esperanças de haver aquêle seu Colégio de vir à Companhia, que uma das cláusulas da escritura de sua fundação diz: «Dar-se-á certa esmola desta renda até virem padres da Companhia»; cujos estudantes, como ali nos viram, começaram a recorrer a nós, abrindo já com devoção o caminho às confissões a miúdo, como se fôssem já nossos, sôbre o qual Colégio quis êle que nós escrevêssemos também a nosso Reverendo Padre, ajuntando nossa carta à sua para mais o mover a o aceitar.

Desta maneira correu sempre desde a primeira hora que entrámos na cidade por terra até a derradeira que saímos dela por mar, porque estando para nos embarcar mandou a nossa casa um mercador rico, que corria com suas despesas e gastos, que nos desse todo o dinheiro que nós quiséssemos e pedíssemos, o qual, como era português

e mui afeiçoado nosso, estendia largamente a mão, não querendo faltar juntamente à vontade de quem mandava. Do que nós, como íamos por outra parte tão acomodados, não quisemos aceitar senão pouco mais do que bastava para embarcar nossa pobreza, porque não ficasse êle com menor conceito da temperança da nossa Companhia do que o que nós levávamos de sua magnificência.

Está esta cidade situada bem na garganta de um rio, corre por um lado rio acima e por outro ao longo da costa, que vai correndo tão alta e tão alcantilada, que a mim me fazia mêdo olhar de cima para baixo. E assim está bem segura de a entrarem, nem pelo rio, por ser ali muito estreito, nem pelo mar, pela muita altura da rocha. Porém quão forte está por estes dous lados, tão fraca está pelos outros dous da terra, porque por um tem um fraco muro, e por outro mato, sòmente, e arvoredos. Da fortaleza passará à outra banda qualquer tiro de fogo; o rio é tão alcantilado que as naus que dão querena têm a prancha em terra, e tão fresco quanto a natureza e arte, juntas ambas e de mão comua, podiam fazer. Nós fômos por êle acima umas oito léguas, rodeado todo de uma parte e de outra de quintas naturais e artificiais, que nós não divisámos senão pelas casas, porque em tudo o mais não se pode conhecer qual é ali a quinta e labor da arte, e qual o da natureza, porque entre elas ambas não há outros valados nem limites; o que não quere uma cultiva a outra, e ambas se estendem até vir beber no rio, sôbre o qual, por não caber na terra, derrubam tanto seu arvoredos, que não era pequeno trabalho do que ia ao leme desem-brenhar-se daquela espessura, onde o rio tinha menos largura. A arte planta nas suas gengivre, canaviais de açúcar, e outras cousas como estas; a natureza, laranjeiras, limoeiros, cidreiras, e outras frutas próprias suas, além de outro arvoredos, que ela não cria para mais que para verdura, sombra e frescura,

Defronte quási da cidade, da outra banda do rio, parece esteve alguma, que devia ser cousa grande em tempos antigos, segundo o mostra a fermosa casaria que nos mostraram, que Deus ainda sustenta em pé, pôsto que em parte arruïnada, porque, assim como no rasto que deixou de Sodoma e Gomorra quis (diz o Apóstolo S. Judas) deixar um exemplo do fim em que pára a deshonestidade, assim parece que no rasto desta alta e soberba casaria quis deixar também outro exemplo do fim em que pára o jôgo, que nela tanto floreceu e tanto ouro e prata sorven.

O sabermos aqui nesta ilha um castigo que Nosso Senhor deu a um homem, cujas culpas desejámos remediar em outra em que tínhamos primeiro estado, nos fêz fazer advertência como, com êle e com outros, que depois nesta e em outras terras fomos notando, e diremos como chegarmos a elas, sabe êle castigar, proporcionando a pêne muito bem à culpa. Era pois aquêle homem tentado, ou, para melhor dizer, desenfreado na bôca, quando o não fôsse também em mais, entrando muito pela honra de Deus, tirando-lhe néscia e temerariamente alguns de seus atributos; e não sei se parava aqui. Êste indo em companhia de outros muitos que sabiam bem de suas culpas ver uma baleia que dera à costa, arremeçando por festa o cavalo em que ia, arte de que êle muito se prezava, o derrubou o cavalo e se desenfreado tanto com êle, que lhe tirou a vida a coices e a bocados, sem lhe poder ser bom nenhum dos presentes, para que bôca tão pouco racional fôsse bem mordida e bem comida por bôca de um irracional, e entendessem todos que aquela baleia não viera ali a vomitar naquela praia a Jonas, senão a tragar outro e levá-lo para o abismo.

O segundo, aqui também nesta ilha, foi um official grave de Justiça, que, entrando sem nenhum respeito em uma igreja em tempo que se estava prégando, tirou com muito escândalo do povo, e contra forma de direito, um

delinqüente que a ela estava acolhido, que em breve foi justificado. Êste indo depois pela terra dentro devassar sôbre os que tinham trato com franceses e ingleses, estando uma noite em sua casa, uma légua do mar, deram sôbre êle os mesmos piratas guiados por alguns da terra, e entrando-lhe em casa com igual respeito ao com que êle entrara na de Deus, não para o tirar mas para o justificar dentro nela, como em efeito houveram de fazer se êle se não acolhera, deixando o vestido por se não embaraçar, e fôra meter até o pescoço em um rio, onde escapou, deixando dois mil ducados em dinheiro, fora o mais que foi levado em seu lugar.

O terceiro, nesta mesma cidade, era causa de muito menoscabo de um mosteiro e da honra de suas religiosas, sem lhe aproveitarem muitos avisos e prêgações, onde êle era o mais chegado ouvinte, mas aproveitava pouco ter em uma igreja o corpo e em outra parte o coração, e assim permitiu Deus que morresse arrebatadamente com alguns sinais de impenitência e manifesta reprovação Divina, sem receber o Santíssimo Sacramento, pôsto que, com suma ignorância de um ministro que se prezava de letrado e prêgador, com repugnância e resistência do enfermo, lhe foi metido na bôca e feito por fôrça levar para baixo, sem outro aparelho nem preparações melhores que algumas jaculatórias, ou brevíssimas orações e suspiros, dirigindo tudo ao santuário que nesta vida freqüentava, amava e venerava, para que manifestasse a bôca quem levava no coração. E assim quem vivendo infamou a casa de Deus, morrendo deixou infame a sua, com ser illustre, apregoando a gente plebéa públicamente que Foão fôra ao inferno. Pregão bem diferente do que os meninos de Pádua deram na morte de Santo António, dizendo: *Morto é o Santo, Morto é o Santo!*

A principal ou total mercadoria e carga que neste pôrto, e nos mais de tôda a ilha, se dá às naus, é couros,

gingivre, canafístula, tabaco, o que tudo vale aqui mais que pela terra dentro, porque os couros se embarcaram êste ano a sete ou oito reales, o gengivre a cinco ducados o quintal. O refrêsko para os navios custa mais barato, porque muito dele dá a natureza de graça, não só a fruta, mas as árvores inteiras, como deu para a nossa embarcação, cujos marinheiros achavam mais breve pôr o machado aos pés das laranjeiras para lhes colher as laranjas à vontade em baixo, que subir acima e andá-las colhendo com mais vagar pelos ramos.

Estando, pois, nesta ilha desde o terceiro de Agosto de 597 até quatorze de Junho de 598, em várias cidades e povos dela, parte enfermos e parte sãos, esperando embarcação, nos partimos em uma fragata para Cartagena, trezentas léguas de travessa, pouco menos, em busca da frota que ali vem naquele tempo carregar para Espanha a prata e ouro de Perú e terra firme, tocando-se ao saír, que era ao princípio da noite, com muita devoção os sinos da cidade e mosteiros, à oração pela nossa fragata; o que deve ser costume naquelas partes, quando saem embarcações em que vão pessoas a quem a cidade tem afeição ou obrigação, porque também no-lo fizeram ao sair do pôrto de outra cidade.

Esta oração, como era feita com tanta devoção, e por muitos servos e servas suas, foi Nosso Senhor servido de ouvir e aceitar, porque saindo daqui com determinação de tomar o de Santa Marta na costa da terra firme e fazer af uma escala, chegando à terra se nos cerrou o tempo e no-la cobriu de maneira (inda que foi à conta de alguns lavatórios que os mares davam ao convés, alevantados do vento, mais alto do que a fragata sofria) que a não pudemos ver, nem saber onde estávamos, senão quando, por encontrarmos no mar madeiros e árvores que o grande rio da Madalena trás do monte e alija ao mar, entendemos que estávamos àvante, desviando-nos Nosso Senhor

do pôrto que ali íamos buscar, por não irmos cair dentro nêle nas unhas de um ladrão que aí nos estava esperando com alguns navios já tomados, como pouco depois de passarmos soubemos de certo.

O particular desta cidade de Cartagena, fundada em terra firme, e continente com o Brasil, do qual, e do pôrto da Baía, tínhamos saído ano e meio havia, e agora tornávamos a entrar no pôrto desta cidade novecentas léguas acima para o Norte, é ser uma Babilónia pequena; e cuidoo que, se o mundo durar muito, o será também na grandeza. Bem é verdade que os muros daquela para guardarem melhor tanta riqueza eram de ladrilho e betume, e os desta não são mais que de areia, e tábuas que tenham mão nela, a cuja fábrica nós assistimos, que antes nem êsses tinham, e contudo na riqueza de ouro, prata, esmeraldas e pérolas, que em seu pôrto entram e saem cada ano, já hoje lhe faz muita vantagem.

Porém, porque em tudo o mais lhe fique mui semelhante, naquele seu cális tamanho de ouro, que tem na mão, dá a beber também *De vino prostitutionis suæ*, com tanta devassidão, que não se aproveitou da primeira queda e primeiro *Cecidit*, que deu em tempo de Draque, saqueada por êle muito a seu prazer; da qual queda estão ainda hoje os vestígios nos esteios da Sé, que estão escorados cada um com três ou quatro mastros, porque não caíam êles, nem a igreja, que com a artelharía que nela assestou fêz estremecer, por lhe acudirem devagar com o resgate, que a cidade deu por si. E pode ser que já caíra, se a não tiveram as muitas, grossas e contínuas esmolas que faz a pobres, e obras pias; porque nela é pequena esmola um pêso, ou uma pataca (que é o mesmo), de que também nos coube a nós a nossa parte, porque a primeira que se nos deu nela, sem nós a pedirmos, foram dezassete pesos e meio, e a derradeira cinqüenta, também sem a pedirmos; além da ordinária sustentação,

que algumas pessoas nos quiseram dar contínua, e tanto à porfia que era necessário para cumprir com elas aceitar uns dias de umas e outros de outras, com igual gôsto de todos, em especial de um português honrado de Faro, de grão crédito naquela terra, que fêz quanto pôde por (além da sustentação para a qual deu algum tempo duas patacas cada dia) nos agasalharmos também em sua casa.

Este nos dizia por vezes que era tanto o ouro (de que elle tinha algumas barras grossas em casa, que um dia nos mostrou) em Saragoça do novo Reino, que está um pedaço daqui pela terra dentro, onde elle também tinha trato, que não havia perigo em cair por lá um papelico dele em pó pelo chão, porque, quando se barria para se apanhar, sempre se colhia mais do que caíra. Só da gente que por lá se derrama, e o vai buscar, torna sempre a metade, porque costuma ella, por ser enfermíssima, barrer também as vidas aos que lá vão fartar com elle sua fome e sede; e com tudo isso sobejam os que a isso se arriscam.

Aqui nos mostrou outro português esmeraldas, de que tinha em casa uns vinte mil cruzados, que no mesmo Novo Reino se tiram em muita quantidade, e a madre em que se criam, que parece uma pederneira na côr, donde saem tôdas oitavadas pela natureza, com tanta perfeição que quem se quiser servir delas nesta figura pode escusar todo o benefício da arte; e saem da sua pedreira tamanhas como o apetite as pode desejar.

Porém nós tivemos por esmeraldas de maior preço a mais fina e ardente caridade que ali vimos de nossos padres daquelas partes; porque, sabendo o Padre Reitor do Colégio de Panamá — que é o primeiro pôrto do mar do Sul, e estava de nós noventa e sete léguas, as dezassete por terra, até Pôrto Belo, porque tanto tem por ali aquella cinta de terra, que divide ambos os mares, o do Norte, e do Sul, e oitenta por mar até Cartagena — que nós estávamos chegados a esta cidade, terra tão destemperada e

quente, nos escreveu uma carta com que não somente nos convidava, mas ainda forçava com muitas razões, a nós irmos descansar àquele Colégio, e esperar nêlo a frota que aqui esperávamos, pois necessariamente ela havia de ir a carregar a Pôrto-Belo, que não distava mais do Colégio que dezassete léguas. E tanto mais perigo havia de não vir frota êste ano, ou, ainda que viesse, de invernar, e que, invernando, ¿onde podíamos nós estar tanto tempo melhor que naquela nossa casa, onde nos serviriam e regalariam? E enfermado (como se êle temia que nós enfermássemos), nos curariam com todo o cuidado, e estaríamos lá livres da inquietação e pouca segurança que a cidade em que estávamos tinha, esperando cada dia que baixassem aqui também os ingleses, que tinham entrado e estavam em Pôrto-Rico, seguindo as pisadas do Draque, que daquela cidade veio a esta o ano que a tomou; e outras cousas desta qualidade, que bem mostravam quão em seu ponto está lá a fraternal caridade da Companhia e a virtude da hospitalidade, que com ser Colégio pobre, segundo me diziam, e a terra caríssima, oferecia tão liberal e gratuitamente regalos para um ano, com tantos desejos e argumentos para nos convencer a os aceitarmos; o que não fizemos, assim por razão do mar, que entre nós estava, cuja passagem, ainda que é sempre costeando, é às vezes vagarosa e enfadonha, como por esperarmos que cada dia chegasse a frota, como com efeito chegou.

Pagámos-lho lá com lho agradecer muito por cartas, como êle merecia; e cá, sabendo em Cales de nossos padres quem era e que necessariamente havíamos de passar por sua casa no Pôrto de Santa Maria, com dar estas novas a seu pai, que ali vive, e é português, do qual o filho devia de ter aprendido de menino, assim outras virtudes, como em particular esta da caridade e hospitalidade, porque me disse que tivera já naquele pôrto em sua casa agasalhados um número muito grande de padres nossos

que aqui se vieram embarcar para as Índias. Folguei de saber que tinha o padre ametade, e a melhor, qual é a de pai português, mas não quero determinar qual das duas ametades teria mais parte na caridade do filho. Bem quisera eu sentenciar por aquela, a que mais me obriga o sangue, senão tivera recebido nas Índias tão grossas peitas de outra, como tenho confessado.

A prata corrente desta cidade de Cartagena não é cunhada; compram-se e vendem-se nela as cousas necessárias para a vida com a balança na mão. Vieram-me, quando isto vi, saudades de Moçambique, de que estive-mos tão perto, onde se faz o mesmo com ouro em pó. Há neste uso mil abusos, ou mil enganos, com que os que vendem engrossam muito; e porque a balança e pesos falsos é engano grosseiro e perigoso, usam além desses de um que eu soube por mui boa via, tão delicado e tão sutil, que, com a balança e os pesos estarem justos e afilados, só com a tomar em sua mão pesa e inclina para onde elles querem, e vai a parte enganada.

Não há moeda de cobre por nenhuma via, e assim a menor que se leva à praça é meio real de prata pelo qual se dá pela mais pequena de nosso cobre. A terra é calidíssima, e assim andam os corpos, como se por todos seus poros estivessem saíndo ou entrando agulhas. Serve esta quentura de um bem, já que a roupa lá é tão cara, de a escusar tôda na cama, porque cuido eu que quem a sofrer, por pouca e leve que seja, fará uma singular penitência e se ensaiará bem para o Purgatório, e se fôr com caridade e por êsse respeito, com uma só noite de cá pagará muitos dias de lá; e contudo o comer, cousa geral em tôdas as Índias, há-de vir à mesa coberto de hagi, que é a sua pimenta vermelha, que lá há de muitas castas e feições. E porque os grãos ou cabeças dela, que vêm entre a carne já cozida ou guisada, trazem já quebrada sua virtude (como elles cuidam, porque nós, os hóspedes, nem

assim a podíamos suportar nem aguardar), mandam pôr outra crua em pratos pela mesa, como em saleiros, que mastigam e comem com todo o gôsto, como se êles tivessem as línguas e gargantas ladrilhadas, cousa que nós cá não queremos tocar nem ainda com a ponta da língua.

Por isso se gasta tanto desta sua especiaria, que em partes estivemos nós onde se comprava ou gastava mais dinheiro nela que na própria carne que com ela se cozinhava, porque a arroba de carne comprava-se por real e meio português, e na pimenta para a guisar sempre se empregavam três reis ou mais, segundo o apetite que cada um tinha. E por essa razão é a mais aceita hortaliça que vem à praça, sem faltar nela de pela manhã até à noite, antes nas ceias se carrega tanto mais a mão em algumas partes, que o ordinário guisado que nelas fazem, pelo muito hagi que leva tomou dele o nome e se chama Hagíaco; e então se deitam a dormir mui consolados em suas camas, quasi debaixo da Linha Equinocial, como se houvessem de dormir ao sereno debaixo dos Polos. E mal contentes ainda os estômagos com o fôgo e ardor de tanta pimenta, têm por tão pouco escusada a quentura do vinho, que se vendia aqui neste tempo o almude a vinte e sete patacas. Só o porco, que por estas nossas terras, e nas mais frias, é quente, naquela tão quente é tão frio e temperado que é ordinária galinha dos enfermos de cama e febres, no hospital, para os quais víamos nós matar cada dia um em amanhecendo, e dar cozido ao jantar, não só sofrendo-o, mas mandando-o assim a medicina de lá.

Semelhante na riqueza é a Margarita, ilha vizinha, onde a moeda corrente é pérolas (com balança também na mão), das quais tôda a ilha em redondo está cercada ou calçada porque ao pé dela em redondo vai cingida de grandes ostreais em que se elas criam, em tanta altura de água, que às vezes custa a vida aos mergulhadores; e se tiram nela em tanta abundância, que só dos Quintos

registados trazia esta nossa frota para El-Rei quatro caixões de cinco ou de seis palmos de comprido e dois de alto, pouco mais ou menos, dando-lhe a natureza àquela terra para defesa de tanta riqueza os mais novos muros que jámais se viram, que são uma forte espessura, em contôrno, de tunas, que são as que nós chamamos figueiras da Índia, senão que têm aquelas umas puas ou espinhos, como grandes abrolhos, tão espessos e agudos, que bastou esta muralha até agora para a fazer impenetrável a todos os inimigos, que com tantos desejos a visitam e saúdam de longe. Da qual também levou mui affectuosas saudades o conde inglês que este ano ganhou Pôrto-Rico e o saqueou (como acima disse), arremetendo duas vezes para ela.

Mas, tornando a Cartagena, há aqui a erva do anil, que com ser mercadoria tão rica, tem muito pouca ou quasi nenhuma fábrica, mais que deitada ela fora da água, em que algumas horas esteve de mólho e deixou sua virtude, bater depois aquella água até que faça pé, e esse é o anil. Há outra erva, que elles chamam viva, que também tínhamos achado em outra parte, cheia de tanto amor próprio, e tão sentida, que, em lhe tocando levissimamente, se arrufa, murcha logo e quebranta com grande ímpeto; porém daí a pedaço, como lhe passa aquella pirassa, torna a erguer-se e ficar como dantes, ensinando assim que o melhor remédio para curar os arrufos de muitos é deixá-los estar quanto quizerem arrufados, que elles se desarrufarão por si sem mais mimos nem afagos.

Debaixo de uma árvore nos assentámos ao longo do mar uma tarde, de que há grande cópia entre aquêle arvoredado, que nas fôlhas, fruta e cheiro, se estivera entre maceiras de algum pomar, as colhera e comera por tais qualquer pessoa, e comêramos nós também porventura, se não estivéramos já avisados que daquelas maçãs se não logravam mais sentidos, que a vista e o cheiro, e não o

gosto, por finíssima peçonha. Representou-se-me ali Eva, como se estivéssemos ambos olhando para a árvore a fruta, parecendo-nos a ambos *Pulchrum oculis aspectu-que delectabile*. Só ouve diferença em não consentir eu com a tentação de comer, que também tinha, por estimar mais a vida do corpo, do que ela estimou a da alma, julgando o contrário do que ela julgou, que ainda que tinha tudo o mais, todavia *Non erat bonum lignum ad vescendum*.

As canas são tôdas cheias por dentro, e puderam servir de lanças, algumas tão grossas que terão dous palmos de roda, que é pouca maravilha para o canudo de uma da espécie das nossas; servia na nau a seu dono de caldeirão com que tirava água do mar para as cousas de seu serviço. Das canas pretas, que nós chamamos da Índia, há grandes matas, e servem de forrar as casas e outras cousas. Há muito bálsamo, de que então valia o arrátel a dous pesos e três. As canoas, que são barcos de um só pau, daqui, e das terras vizinhas, são de portentosa grandeza. Parece que não tem ainda a natureza das cousas perdido por cá nada daquele vigor com que Deus as criou, porque só esta resposta pode tirar o espanto aos que de cá vão, e a pergunta que fazem: ¿onde se pode achar árvore tão grossa, tão comprida, e tão uniforme? Levam duzentas peruleiras, que são vazilhas de um almude, dez ou doze remeiros, fora os passageiros e mais fato; quando vêm à vela do mar em fora, fazem aparato e representação de navios de maior porte, e assim me teve enganado a mim uma por algumas horas.

Aqui vimos obra feita de lã de carneiro, de Perú, com que nos enganámos alguns, cuidando ser de sêda. Têm os tais carneiros corpo e fôrça para servirem, como servem, de carga; e, acabada a jornada, se vendem também, e se come a azémola e bebe a carga, o que é ordinário no Sêrro de Potosi, para onde vão réguas de três e

quatro mil deles carregados de vinho e outras vitualhas, para provisão de cinqüenta mil pessoas que na fábrica e labor de sua prata se ocupam continuamente, onde não vale à natureza tomar por cofre de suas riquezas o centro da terra, que tanto abaixo vão as minas.

Muita vontade tive no Brasil — vindo em 13 graus do Sul a contínua verdura e frescura do arvoredo, sem nunca perder a folha, como tôdas as outras terras que estão dentro dos Trópicos, zona tórrida, contra tôda a igno-rância dos antigos, que cuidavam e diziam que tudo por aqui ardia — de lhes mostrar o mimo e temperança daquela terra e lhes perguntar se se podia ali viver. E muito mais aqui, estando com dez graus de Norte, de lhes mostrar uma serra de neve daqui trinta léguas, e outras muitas pela terra dentro até chegarmos à cidade de Quito, situada ao meio grau da Linha, e vemos nela alvejando uma serra, qual no inverno está a nossa da Estrêla, coberta tôda de neve, e saber que razão êles davam a esta nova filosofia.

Sucedeu neste tempo aqui a um homem, o mais rico por ventura da terra, sem lhe aproveitarem tôdas suas riquezas, para comprar com elas uma só hora de salvação, açoutando uma escrava sua, fera e cruelmente, por cousa em que Deus sabe se a mulher e senhora tinha mais culpa, como o mundo dizia; e vendo-se a pobre ir desfalecendo entre os açoutes, pediu ao senhor lhe mandasse dar confissão, que morria; levou êle então de um pau, e dando-lhe com êle na cabeça disse: *Vês aqui a confissão*; e assim a matou. E como era possante, e escrava sua, enterrou-se tudo no Tribunal humano, mas não no Divino, porque daí a poucos dias, estando êle actualmente ocupado em grave ofensa de Deus e do próximo, no mais público lugar da cidade arrancou para um homem, que nunca em sua vida para ninguém tinha arrancado espada e a não trazia mais que por ornato, e de boa consciência,

de que eu posso ser boa testemunha; e com ser na metade da praça e na metade do dia, e haver tantos olhos *a la mira*, que os viam estar firmados um contra o outro, caíu êle súbitamente morto de uma estocada, sem haver testemunha que jurasse que outro lha dera e o matara, e sòmente juraram a postura em que os viram. E assim acabou o senhor sem confissão, que negara à escrava, para que a pênna dêste rico ficasse proporcionada à culpa, como S. Crisóstomo acha ficou a daquele glutão, porque negara a Lázaro as migalhas da sua mesa.

Chegada a frota, e carregada a prata e ouro de Perú e terra firme, nos partimos o primeiro de Novembro de 98 para a Havana, para aí tomar a frota da Nova Espanha, e virmos todos em companhia. Começámos e acabámos bem o passo desta travessa de quatrocentas léguas; porém no meio dela — onde a natureza fêz uma fermosa sementeira de baixos, restingas e ilhéuzinhos, ou caíes, como êles lhes chamam, por razão dos quais se não navegava por ali senão de dia, atravessando as naus, como é noite, que é postura em que elas dão mais cansados sonos e mais carregados sonhos, ainda no pôrto quanto mais nos arrabaldes de tais terras — estivemos tão perdidos todos, como ficou uma fragata à vista de todos uma madrugada em que o pilôto-mor quis que começássemos a caminhar antes da luz, contra expresso regimento de El-Rei, que há para se não andar por cima de fundo tão sujo, chegando a tantos graus, senão de dia, indo a fragata cair sôbre um dêstes baixos tanto com a proa já em cima, que nem a remos se pôde desviar, e a nós desviou-nos a providência Divina, que neste e em todos os mais perigos quis dar sempre a mão, e por nosso meio a tôda a frota, avisando-a com uma peça, por irmos diante, que estávamos sôbre os baixos, que descobrimos antes de amanhecer, ainda às escuras.

E os pilôtos não contestaram que baixos seriam aquêles, em que a triste, bem cheia e bem rica, ficava inteira, sem fazer água nenhuma, sôbre uma restriga de areia, como soubemos dos que dela se salvaram, pôsto que a gente com muitos barcos que lhe acudiam se salvou tôda tirando dous homens, que se não quizeram salvar sem salvar com que viver, cujo pêso os fêz morrer. Após isto, fazendo-nos já junto do pôrto da ilha muito contentes, nos achámos muito atrás sôbre os Baixos do Catoche, junto à costa de Nova Espanha, levados sem o nós sabermos, com as fôrças das correntes e ventos, onde as galinhas e refrêscos da terra, que um patacho foi tomar, é tanto mais gostoso quanto mais barato, ou, para melhor dizer, de nenhum preço. Parte dêste refrêscos é mel em muita quantidade, que nós trouxemos, como o nosso; porém as abelhas são como moscas e sem ferrão, e assim lhe chamam alguns moscas. Bem desejei de virem muitas destas connosco, pois são tão benéficas, e degradar para lá tôdas as que cá temos, tão aborrecidas de todos. Apartados outra vez da costa, e montando àvante, chegámos em vinte e cinco dias a Havana, onde o pouco que daquêle ano faltava se gastou em reparar os navios e acabar de tomar a prata e cochinchila que aí estava da Nova Espanha.

Nesta infinidade de baixos e ilhéus, e dos mais com que a natureza tem salpicadas tôdas estas Antilhas, deve de nascer aquela erva, a que os navegantes chamam sargaço, e de que também aquêle mar fronteiro toma o nome, chamando-se Mar de Sargaço, por andar coberto dela, que achamos os que vimos da Índia e do Brasil, e de Índias e de outras partes de doze graus àquem da Linha, até junto às Ilhas Terceiras, sem os pilôtos até agora saberem onde ela possa nascer e andar em tanta abundância, como em grandes mantas (como êles chamam) pelo mar, com suas raízes, flores e fruto, que é uns grãos

pequenos, e com tanta frescura como se daquele elemento tomara ela tóda sua sustância, como as outras ervas a tomam da terra, porque com nós navegarmos alguns menses por entre êle, e tirarmos muitas vezes alguns pés e ramos, nunca vi algum sêco.

O particular desta ilha Havana, que no comprimento é tamanha como tóda Espanha, como se uma fôra medida pela outra, inda que estreita, porque a maior largura sua são quarenta e três léguas, é ser chave das Índias (e estas são as armas e brazão desta cidade), porque ainda que se possa entrar nas Índias por outra parte, o sair delas há-de ser por aqui por um seu canal, que chamam de Bahama, tão estreito e tão perigoso, que sentem os homens umas cem léguas que êle tem de comprido, até desembocar no mar largo, que todo o mais é golfão daí até Espanha; e com razão, porque nêle estão sepultadas e se sepultam cada dia muitas naus, muitas vidas e muitas riquezas; e nós, por um dia ou dous que tardámos, ficáramos também sem falta com tóda a frota, e doze ou treze milhões de ouro que trazia, sòmente registado. Desembocam por êste canal tódas as águas daquele grande golfão mexicano, com tanto ímpeto que não consentem por nenhuma via entrar por êle nau alguma. E assim fica mais misteriosa a navegação destas Ilhas porque as águas com suas correntes não consentem entrar por aqui e os ventos não permitem sair para outra parte; e por razão desta contrariedade são forçadas as naus a ir entrar por lá com os ventos e vir sair aqui com as águas.

O pôrto é uma enseada bem larga por dentro, mas mui estreita na bôca, onde tem duas fortalezas, cada uma de sua parte, e ambas sôbre penha viva, senão que de uma das partes é esta penha tão raza e tão igual, quanto os olhos se podem estender ao longo do mar, como se a natureza quisera lagear aquela praia com regra e com nivel. Da outra parte se levanta um monte de pedraria

tão alto e talhado tão a pique, que pode mui seguramente escusar tôda a vigia dos inimigos por aquela parte do mar; e por parte da terra, por onde pode ser combatida, tem tais muros e cava, que se Arfaxad, Rei dos Medos, depois de ter edificado a sua Hecbatanis e fortalecido com muros de trinta côvados em alto e de setenta de largo, vira esta e a possuía, então se gloriara com mais fundamento, e se dera por seguro de todo.

Tem esta Ilha ainda um povozinho, a que também demos alguma doutrina, por relíquias dos índios antigos, que todos (como disse já) são extintos em tôdas estas Antilhas habitadas de castelhanos tirando na Dominica, que, com ser ilha pequena, se conserva intacta porque à fôrça do arco e frecha se soube até agora, não só defender de todo o comércio e entrada da gente, mas ofender de maneira, que, com tôdas as frotas das Índias irem ali demandá-la, assim por razão da altura por que lhes é necessário navegar, como pela aguada que aí fazem, êles o fazem de maneira que lha fazem lamber, com o mêdo da frecha, de corrida e com a mesma pressa com que os cães a lambem do Nilo com mêdo dos crocodilos; e, o que mais é, que estando cem léguas de Porto-Rico, e não tendo outras embarcações senão canoas, atravessando tanto mar, lhes têm com seus assaltos feito despovoar todos os engenhos de açúcar da parte do Oriente, sua fronteira. Não sabia eu, até chegar a esta terra, que, para beber um púcaro de água com muito gôsto, tivessem os deliciosos achado mais invenções que estas, uns fazendo adegas dela, como se faz do Tejo, purificando-a e assentando-a, outros serenando-a, outros metendo-a em poços e cisternas frias, outros com a própria sustância da neve. Por cima de tôdas estas invenções passa a que aqui vimos usar, com terem muita e muito boa água, e essa é fazerem umas grandes pias de pedra em forma de gral, nas quais os mais regalados a lançam, e sustentadas no alto

estão como suando e estilando por todo o fundo, com ser muito grosso, e lançando-a com grande maravilha em gotas dentro na talha que para isso lhe põem debaixo, donde a tiram, e bem coada por onde se não coa o ar; o que é bom segrêdo da natureza e licença que ela dá para se lhe perguntar se quis ela porventura que a água daquela terra fôsse mais delgada que o ar, pois sai com tanta suavidade por pedra em que o picão entra com tanta dificuldade.

Estando nós aqui, mataram também outro homem, mas com diferente aparelho do que o de quem acima fiz menção, porque, estando êle bem fora disso, à tarde do dia dantes se veio confessar connosco e tratar de sua salvação, com muita consolação minha, como se lhe inspirasse Deus o que lhe havia de suceder o dia seguinte; e fazendo-se logo justiça do matador, o confessei também, com tanto aparelho e disposição de sua parte para receber perdão e graça, que posso bem presumir que estão ambos na Glória, e bem amigos. Com igual desejo da salvação de outro dispôs a Divina Providência que perdesse, não a vida, senão a fazenda tôda, porque tendo muita própria e alguma alheia, não se querendo desferrar desta ainda que soubesse ir ao Inferno, como êle dizia resistindo aos bons conselhos que sôbre isso lhe dávamos, deu Deus tal ordem, com a súbita e total perda de ambas que ficou mais leve para subir ao céu sem aquêle pêso, que puxava tanto por êle para o Inferno. Inda que eu mais me teria ao pouco pêso de uma criancinha que aqui baptisei no colo da mãe, por mo ela pedir a tôda a pressa, e deixei morrendo.

E com isto nos saíamos de tôdas estas partes e terras, e de suas frescuras, e mui particularmente das desta, onde vimos um campo de mangericões, e havia outros, que a natureza ali cria, tão altos e tão cerrados, que nos custou assaz trabalho romper por êles, pisando com os

pés o que cá não ousamos de tocar com as mãos e só chegamos levemente ao rôsto. E tornemos ao mar para passar nele a terceira Quaresma. São elas mais sêcas, com serem no mar, que tôdas as do sertão, por sêcas que sejam, porque nunca a esterilidade delas na terra chega a tanto, que ao menos não haja pão e água para o mais perfeito jejum; e nestas do mar muitas vezes falta o pão, como nos faltou a nós, e a água é sempre por regra, com o que, ainda que são mais trabalhosas para o corpo ficam mais descansadas para o espírito, pelos poucos inimigos que encontra, que lhe façam guerra e o tentem de gula, e outras muitas ajudas exteriores que ajudam e muitas vezes forçam a levar por diante sua abstinência, ainda que rigorosa.

Partindo, pois, desta ilha a dezasseis de Janeiro de 1599, na volta de Espanha, desembocámos por aquêle seu tão famoso como perigoso canal de Bahama em sessenta horas (porque nêle até os instantes se contam por particular dispensação da filosofia), com tão bom tempo, que nos parecia um rio; cousa nova para êle, e maravilhosa para nós, achá-lo de tanta graça e tão boa veia, que nos deixasse a nós só passar em paz; mas a causa era terem-se ausentado dali todos os ventos, para maior descuido nosso, e irem-nos esperar todos juntos e muito calados, como em cilada, fora da bôca, e aí em desembocando se arremecaram todos a nós, ou cada um a seu navio, porque cuidou que eram trinta e dois, outros tantos como são os rumos da Agulha, tomando cada vento seu navio à sua conta, para não dar conta a ninguém dele, apartando-o logo para êsse efeito de todos os mais, com tanta fúria e ímpeto que todos desapareceram por então e de alguns não soubemos parte. Entre os quais, que cuidou foram catorze, faltou também a Capitânia, na qual nós estivemos ao partir quási embarcados, que trazia dois milhões, com muita e mui honrada gente, a qual por se

salvar a si, segundo cuidávamos, meteu a nossa nau em tanta afronta que foi necessário matarmos-lhe o nosso frol, encondendo-lhe tôda a luz que na pôpa levávamos, para que, perdendo-nos de vista em trevas tão escuras, nos deixasse, e por se salvar a si, que parece andava já lidando com a morte, não nos perdêssemos ambas; porque em tais tempos e em tais noites esta se tem pela mais acertada caridade, e mais bem ordenada, sem haver ninguém que queira chegar com ela a tanta fineza que arrisque sua vida por salvar a do amigo.

Passada a tormenta, e tomando quem pôde, e ficou sôbre a água, o caminho, nos fomos ajuntando alguns, uns um dia, outros outro, assim como nos fomos descobrindo e aparecendo, entre os quais foi logo a Almiranta, sem mastros e sem varandas, que êles ao quebrar e cair levavam consigo, e quási sem velas, e, o que pior é, sem de que as fazer, ou remendar as que ficaram, que podiam servir melhor de redes. E chegando nós a ela, nos pagou os actos de compaixão e caritativas ofertas que lhe fizemos com nos mandar, como superiora que em ausência de Capitânia ficava, fazer prestes, por ser já quási noite, para arribar o dia seguinte segunda vez a Pôrto-Rico, do qual havia ano e meio que tínhamos saído, que seria a quarta arribada na ordem ou desordem de nossas viagens. E bastou êste tão alegre ponto para dar tôda aquela noite matéria a uma bem larga e bem affectuosa meditação, mas foi nosso Senhor servido que pela manhã, com as ajudas ou esmolos que lhe nós demos, e depois outros galeões que se foram ajuntando, contribuindo cada um com o que podia, se esforçou a vir, como veio, o melhor que pôde.

Do successo e perigo destas, e da perda das catorze naus que faltaram e de todo desapareceram, se pode cuidar o que nós correríamos, tomando-nos a nós em sumo descuido, não só com os mastaréis mas com a artelharia

tôda em cima, (que era muita e mui grossa, tôda de bronze, e abocada com suas portinholas abertas, sem poder já então calar nada abaixo nem cerrar) com dobrada fadiga da nau e perigo nosso pela maior impressão que os ventos e mares faziam nela pela tomar neste estado, de que eu não quero nem posso dizer, por não saber pintar tantas e tão medonhas tormentas, tão diferentes no número e tão semelhantes na figura e imagem da morte, que em todos os actos desta tragédia entrou sempre pela principal figura, falando com grande espanto.

Uma só cousa direi: que tendo-me achado em tantas e tão furiosas, em que as naus faziam de si tudo o que os ventos e mares lhes mandavam, posta à parte tôda a obediência e sujeição ao leme, nunca vi, senão então, tremer a nau, como pontualmente treme um homem quando está com grandíssima sezão de frio. E se alguém me dissera que tremia então o mar, como muitas vezes treme a terra, fâcilmente me persuadira, pôsto que nos tremores da terra não é pequena consolação poder um homem fugir de casa para o campo, e ali não havia para onde fugir, porque o mais seguro era a mesma casa tão perigosa.

Deixando, pois, o mais que nesta tormenta passou, e em outra depois, que a gente do mar teve por maior que esta, e outras menores, que Nosso Senhor não quis que servissem mais que de avisos para purificação de consciências, cuja pureza êle tanto ama, ganhada e conservada ou por penitência ou por inocência, como nos quis mostrar no favor que fêz a uns e negou a outros, no successo de quatro que em todo êste discurso nos caíram ao mar, dous à ida de Portugal para a Índia e dous agora das Índias para Portugal, dous nocentes e dous inocentes. Os nocentes, com saberem nadar se afogaram, sem lhes podermos ser bons, trabalhando muitos por isso, e assim se foram afastando de nós, com os olhos em nós, e nós nêles com muita lástima, pôsto que me consolou muito

ver ir um, que caiu de proa, ao passar ao longo do costado por baixo do castelo da pôpa onde eu estava, com as mãos ambas postas como quem as queria levar assim mais ocupadas em salvar a alma que remar com elas para salvar o corpo, ao qual nós ajudámos com as orações que a compaixão natural naquele tempo ensina a fazer mui effectuosas. Os dous inocentes se salvaram, com um deles ser tamanino, que escassamente começava a andar, mas como não tinha pêso interior de culpas, não tinha quem puxasse por êle para baixo, onde se elas vão pagar; caindo também em proa, veio sôbre a água até a pôpa, onde o foram tomar e alar por um bracinho. O outro andou tanto sôbre a água, até que outra nau que vinha atrás chegou a êle e o tomou.

Deixando, pois, as cousas que digo, e muitas mais que quem não cuidou, tantas vezes, que chegasse a quem lhas ouvisse mal as podia notar, nem lhes servia para as contar, chegámos enfim, pela bondade de Nosso Senhor, à Ilha de Cales a 10 de Março de 599; o que foi a sexta estação porque as conto eu assim: a primeira, a Baía, no Brasil; a segunda, Pôrto-Rico, nas Antilhas; a terceira, na Ilha de Santo Domingo; a quarta, Cartagena, nas Índias, costa de terra firme e continente com o Brasil; a quinta, a Havana; a sexta, Cales em Castela; e a sétima, enfim, Évora em Portugal; à qual antes que chegássemos fomos agasalhados e festejados um dia em Moura pelo capitão-mor que fôra das naus em que partimos dêste reino para a Índia, contando êle com muito gôsto a todos sua boa viagem e felice successo, como chegara à Índia, tornara e estava já havia ano e meio descansado e rico em sua casa; e nós, com muita paciência, a nossa, a qual não só não indo adiante, como êle, mas tornando sempre, depois que nos apartámos em vinte e quatro ou vinte e cinco graus do Sul, dele para trás, não tínhamos ainda depois de três anos chegado à nossa. À qual tanto que

chegámos, por haver rebates de pestes, fui eu logo mordido dela, para que pudessem dizer com maior razão, se vissem ferrada de mim tal víbora, do que o disseram por S. Paulo os bárbaros da Ilha de Malta, vendo-o ferido da outra, acabando de escapar do mar e de tantas tormentas.

E se algum me perguntar se vi por estas estações e romarias muitas relíquias e muitos corpos de Santos, e se ganhei muitos perdões, e se venho também santo, digo que Índias e Santos são contrários, e ainda contraditórios, e por tais os tinha nosso Beato Padre Francisco, quando da Índia mandou em uma carta sua aquêlê conselho ao Padre Mestre Simão, por estas palavras: «Irmão meu, Mestre Simão, rogo-vos que não consintais que parente vosso venha com officio d'El-Rei à Índia, porque êste verbo *Rapio rapis* conjuga-se cá por todos os modos». E pudera o Beato Padre com muita razão, se quisesa, ser mais geral e falar de mais pessoas e mais verbos. E assim não achei, nem vi, por todos estes santuários, geralmente senão pecadores, e êsse venho.

Para ser tão comprido fiz primeiro a salva, e fôra-o mais se quisesa apontar tudo o que por tantos mares e terras fâmos vendo e notando, especialmente se dêstes mares e terras quiséramos passar ao céu e às observações que nêle fâmos fazendo, como nos efeitos que causa a vizinhança do sol, assim nas terras como nos corpos humanos, o qual nós tivemos aquém e além da Linha seis vezes por zenite de nossas cabeças, sem fazer sombra alguma mais que a que as plantas dos pés lançam para o centro da terra.

O número das estrêlas do outro Polo, a própria figura e fermosura e feição do Cruzeiro, assim chamado pela muita semelhança que tem com o de que se servem as igrejas no Offício das Trevas, situado com suas guardas, que são duas resplandcentes estrêlas, na Via Lactea,

para que não falte aos que vivem naquele hemisfério estrada nem guia de estrêlas para vir em romaria a Santiago. Como se arma e desarma cada noite, e o que dura assim armado; quanta distância tenha do verdadeiro Polo, donde nasce, que vendo-se em boa altura dos que vivem em dezassete e dezoito graus de Norte, todavia se lhes põe e desaparece de todo, como se nos punha a nós por todo o tempo que vivemos em ambas estas alturas, onde estão Pôrto-Rico e Santo Domingo. Está esta Ilha em 18 graus, e aquela em 17, na qual víamos juntamente o Norte da porta e o Sul de uma janela que a mesma casa tinha nas costas, servindo-nos de relógio para nossos exercícios; de que altura se começa a ver dos que dêste Polo navegam para aquêle, e quando se vêem ambos juntos, até que êste lhes desaparece; e enfim a misteriosa mancha que tem junto de si, com que parece que Deus quis avisar aos que resplandecem como estrêlas, que com qualquer descuido em seu movimento se cobrirão logo de manchas. Os pontos em que o sol nasce e se põe quando anda naqueles Signos Austrais, tão diferentes dos em que nasce e se põe nos que lhe respondem quando anda nestes Boreais, de mais consideração para matemáticos; o que tudo vai a agulha mostrando, pôsto que até agora nunca ela quis descobrir a ninguém o segrêdo porque em umas alturas não chega ao Norte, em outras passa, e em outras aponta fixa e diretamente a êle, que êles chamam Noroestiar, e Nordestear; mas não quero que canse ninguém em o ler, pois Nosso Senhor nos fêz mercê de não cansarmos nós também em o padecer, debilitando pouco o corpo e esforçando muito o espírito.

Seja pois epílogo, e recopilação de tudo, três anos de peregrinação, gastados em cinco naus pelo mar, e cinco hospitais pela terra; três naufrágios, três arribadas, três enfermidades, e pudera eu também acrescentar três mortes, que eu tivera muito bem empregadas na Companhia

para glória e serviço de Nosso Senhor em tais actos de obediência. Ao qual dou muitas graças por me dar, por cima de todo o trabalho e cansaço que aqui pode resultar, o da ida, que é a que Vossa Reverência, por quem escrevo, sabe, novo esforço para outros tantos trabalhos, ainda que antes de lhes começar a dar princípio soubesse que haviam de ter o mesmo fim, e que depois de andar tôda a noite à roda com tanta fadiga, me havia de achar outra vez pela manhã com Santo Ambrósio às portas de Milão, cuidando com Santo Inácio: *Nunc incipio miles esse Christi*, agora começo a ser soldado de Cristo. E para que este espírito nunca falte, peço a V. R. também continuação na particular memória e parte que sempre tive em suas orações e sacrifícios, em os quais de novo me encomendo. Rematando esta peregrinação com a mesma sentença com que Cassiano rematou a sua, que fêz por Tebas, província e grande parte do Egipto: *Hoc sane omnes, ad quorum manus peregrinatio ista pervenerit, moneo ut quidquid in ea placuerit Deo, nostrum vero sciant esse quod displicet.*

XIII

Batalhas e sucessos  
do galeão SANTIAGO e da nau CHAGAS





TRATADO  
DAS  
BATALHAS E SUCESSOS  
DO  
GALEÃO SANTIAGO

*Com os holandeses na Ilha de Santa Helena*

E da nau Chagas com os inglêses  
entre as Ilhas dos Açores

*Ambas Capitâneas da carreira da Índia; e da  
causa e desastres porque em vinte anos se  
perderam trinta e oito naus dela.*

ESCRITA

POR

MELCHIOR ESTÁCIO DO AMARAL

TRATADO

das

BATALHAS E SUCESSOS

do

GALEÃO SANTIAGO

Com os Relatos de João de Santa Helena

e de João Chagas com os Ingressos  
entre as Linhas das Açores

Por João Baptista de Oliveira Martins e  
João de Santa Helena e de João Chagas  
com os Ingressos entre as Linhas das Açores

ESCRITA

em

MELHOR ESTILO DO IMPERIAL

## A DOM TEODÓSIO,

CONDESTABRE DE PORTUGAL, Duque da cidade de Bragança, e de Barcelos, Marquês de Vila Viçosa, Conde de Ourém, Senhor das Vilas de Arraiolos e Portel.

ENTRE trinta e oito naus da Índia (Excelentíssimo Príncipe) que êste reino perdeu em obra de vinte anos, houve em algumas sucessos tão famosos e dignos de notar, que me moveram a relatar parte deles neste breve Tratado, que com o devido acatamento ofereço a V. Excelência por me parecer que tanto sentirá eclipsar-se à nação portuguesa (com tais perdas) a glória com que floreceu nesta navegação e conquista que empredeu (principalmente no tempo do felicíssimo e invictíssimo Rei D. Manoel, vosso visavô) quanto estimará todos seus bons sucessos. E que não só aos que escaparam dos que refiro resultará gôsto de seus trabalhos, vendo que chegaram à notícia de V. Excelência, mas eterna memória dos que nêles acabaram gloriosamente. Receba V. Excelência com sua costumada afabilidade esta pobre Relação de minha mão rude e indouta, para que fique ela amparada e desculpado meu atrevimento. Deus guarde a V. Excelência. De Lisboa, 30 de Novembro de 1604.

*Melchior Estácio do Amaral.*

*Tratado das batalhas e sucessos  
do galeão Santiago com os  
holandeses na Ilha de Santa  
Helena no ano de 1602*

---

CAP. I — De como partindo no ano de 1601 nove naus de Lisboa para a Índia arribaram. E da volta que fêz a capitânia Santiago, da Índia, e pareceres que nela houve de não tomarem a Ilha de Santa Helena.

**N**o ano de 1601 mandou El-Rei Nosso Senhor que além das três naus de viagem da carreira da Índia, de que naquele ano ia por capitão-mor D. Francisco Telo, se apresentassem seis galeões para passarem à Índia com socorro de gente, munições e dinheiro, de que sua Magestade entendeu que aquêlê Estado carecia, ou pela perda que houve nêlê no assalto do Cunhale, ou pelos respeitos que a isso moveram ao dito Senhor. E ordenou que dos seis galeões do socorro

fôsse por capitão-mor António de Melo de Castro, que já duas vezes tinha ido por Capitão-mor das naus da dita carreira. E porque se não puderam aprestar tantas naus para saírem juntas em uma maré as foram lançando assim como se puderam aviar.

Safu António de Melo a 11 de Abril com cinco galeões de sua companhia, com sua capitânia por nome Santiago, e levou consigo as frotas de Guiné e Brasil, que largou em suas paragens, seguras de cossários que havia muitos na costa. Os quatro galeões eram S. João, Salvador, S. Mateus e Santo António. Safu em vinte de Abril D. Francisco Telo com duas naus das suas três: S. Jacinto, capitânia, e S. Roque. E a 27 do mesmo Abril saíram os galeões Nossa Senhora da Bigonha, da companhia de António de Melo, e S. Simão, da companhia de D. Francisco. E nesta forma foram lançadas êste ano de Lisboa nove naus para a Índia. Porém como não partiram em Março, que é a natural monção desta carreira, tornaram a arribar cinco da Linha, onde à monção se adiantou D. Francisco com as suas três naus, e o galeão Bigonha da companhia de António de Melo, e S. Mateus, que, pôsto que saíu com êle, por muito zorreiro ficou sendo o último de todos.

Passou António de Melo com os quatro, de que a Goa chegaram só três, com tôda a gente bem disposta, pôsto que a capitânia esteve perdida no Parsal de Sofala.

O galeão Santo António na paragem das Ilhas de Tristão da Cunha encontrou-se com a capitânia, e depois de se saüdarem, e que iam todos bem, se apartou dela para sempre, porque deu à costa em Socotorá, e pereceu quási tôda a gente; e o Capitão Manuel Pais da Veiga, que escapou, se embarcou para Goa com sua mulher, filhos e uma cunhada. E alguns que escaparam do naufrágio não apareceram mais; dizem que o mar os comeu. Os três que chegaram a Goa foram muito festejados pela

falta que a Índia havia, quanto sentido não chegaram lá as mais naus.

E porque o galeão capitânia, Santiago, se não fêz para a carreira da Índia, senão para armadas do reino, e era franzino para carregar, lhe lançaram em Goa um entre-costado; donde se partiu para êste reino dia de Natal em que se começou a era de 1602, metido no fundo do mar com carga, como costumam partir daquelas partes as naus de sua carreira (mal irremediável e que tão caro custa a muitas delas).

Trazia êste galeão, só no porão, quatro mil quintais de pimenta; e no corpo da nau e debaixo da ponte e em cima dela, na tolda, no capiteu, sôbre o batel, no sítio do cabrestante, e no convés, eram tantos os caixões de fazenda e fardos ao cavalete, que não cabia uma pessoa nêle. E até por fora do costado, pelas postiças e mesas de guarnição, vinham fardos e camarotes formados, como tôdas estas naus costumam. De tal maneira que se não podiam nela marear as velas, e dezoito dias se não pôde andar com o cabrestante. E sobretudo se embarcaram nêle perto de trezentas almas, entre nautas, oficiais, alguns soldados ordinários e escravos, e como trinta pessoas fidalgos e nobres, convém a saber: O padre Frei Félix, prègador, da Ordem de Santo Agostinho, que foi Prior em Ormuz, D. Pedro Manuel, irmão do Conde da Atalaia, D. Filipe de Sousa, D. Manuel de Lacerda, Francisco de Melo de Castro, filho do capitão-mor, Rui Pereira, Simão Ferreira do Vale, Duarte Barbosa de Alpoem, Álvaro Vêlho, João Falcão, Fernão Hortiz de Távora, Pedro Mexia, e outros. Vinha tal o galeão, que por não poder navegar ordenou o capitão-mor, com parecer dos mais, que o que se havia de alijar com qualquer pequeno tempo, se alijasse em bonança, que se não escusava para o galeão ficar marinheiro; e assim se fêz, obrigando-se todos às avarias do alijado porque era de marinheiros e grumetes

pobres. E caminhando na volta de Moçambique, como trazia por regimento, o não puderam tomar, com o vento contrário para isso e bom para seguir viagem; em tal forma, que, com todo o pano em cima e velas de gávea, passaram o Cabo da Boa Esperança em vinte e cinco de Fevereiro, com tanta bonança e prazer qual até aquêl tempo não passara nau outra alguma; de tal modo que parece que, enfadada a fortuna de sua prosperidade, os apressava pelos chegar ao termo infelice em que cedo os veremos.

Quando se viram desta banda, cumpridos os desejos da boa esperança, começaram a aperceber as armas e artilharia, fazer cartuchos e outros atavios de guerra, para qualquer successo dela, pela nova que havia na Índia de serem passadas à Sunda muitas naus holandesas, com quem receavam encontrarem-se. E com êste receio, e se verem desta banda do Cabo com tanta brevidade e prosperidade, desejaram todos seguirem sua viagem ao reino sem tocarem a Ilha de Santa Helena nem outra alguma, por terem saúde e mantimentos e água para o poderem escusar, e entenderem que podiam ser em Lisboa até Maio o mais tardar. E propondo-se isto ao capitão-mor, António de Melo, com algumas razões que davam para o persuadirem a isso, êle lhes respondeu: «Senhores, bem conveniente fôra para nós seguirmos nossa viagem ao reino sem ferrarmos a Ilha de Santa Helena, e assim entendendo, e entendi em Goa, sôbre que fiz muitas instâncias ao Viso-Rei Aires de Saldanha e aos do Conselho daquele Estado para me não obrigarem ir a Santa Helena, e não foi possível outra cousa, por ser precisa ordem de Sua Magestade tomar pôrto nela e esperar até todo Maio pelos dois galeões de minha companhia, para daí todos três irmos a buscar a costa de Portugal, onde há cossários; com outras ordens que me deram em um regimento assinado pelo Viso-Rei, que eu não posso, em que queira,

deixar de guardar pontualmente». O qual regimento, entre outras muitas cousas que não servem para este lugar, continha em suma o seguinte: que a derrota fôsse à Ilha de Santa Helena, como Sua Magestade mandava, levando o galeão a ponto de guerra, e que achando algum navio surto o acomettesse, se lhe parecesse que seguramente o podia fazer, de modo que não desgarrasse o surgidouro; e que, chegado à Ilha, surgisse na primeira ponta dela, a que chamam o Esparavél, porque estando a baía tomada de naus de inimigos ficava seguro de poderem ir a êle, por sempre o tempo ser por cima da terra, contrário a quem estivesse dentro, que não podia tomar a dita ponta; e não estando naus de inimigos na baía, também ficava melhor no dito pôrto, para dele defender a entrada da Ilha a quem a viesse demandar de fora; e que depois da nau bem amarrada seria bom mandar em terra fazer uma estância com duas ou três peças de artilharia, bombardeiros e gente, a cuja sombra ficaria a nau melhor defendida, e para ofender a quem viesse demandar o pôrto; e que, acontecendo ajuntarem-se tôdas as naus da companhia, parecia que não deviam de deixar o dito pôrto do Esparavél, ainda que a aguada se fizesse com mais trabalho, pois que dele se podiam defender e impedir aos inimigos que não surgissem na Ilha; e que, acontecendo que no dito lugar e na baía estivessem surtos navios com que não fôsse lícito arriscar-se a pelear com êles, passasse de largo seguindo sua viagem para o reino, na forma do regimento; e que, surgindo em terra em Santa Helena, mandasse vigiar a terra e ermida por pessoas inteligentes, e que fôsem ao alto da serra descobrir rasto de inimigos, etc.; e que, acontecendo que apparecessem mais naus que as de sua companhia (que era indício certo de serem inimigos), se fizesse à vela, na forma que assentasse com os officiais, fidalgos e mais pessoas, o que conviesse para mais segurança da viagem,

não se desviando da altura limitada; e que, se se encontrasse com alguns navios de inimigos, deixava em seu entendimento o como se haveria com êles. Com o qual regimento se conformou e quietou o capitão-mor e defendeu do que se lhe propôs, resolvendo-se que não podia deixar de observar e tomar a dita Ilha, por mais inconvenientes que disso se receassem (que no que Sua Magestade ordenar em seus regimentos não tem alguém arbítrio). E foi forçado conformarem-se todos com êles e governarem à Ilha de Santa Helena, levando ordenadas as armas e os ânimos para todo o successo, aprestando artilharia, e xaretando-se, e todos os mais apetrechos necessários e convenientes à guerra. E o capitão-mor nomeou para o cuidado e defesa de alguns lugares do galeão as pessoas que lhe pareceram suficientes para cousa de tanta importância, como foi D. Pedro Manoel para o convés, Rui Pereira para a proa, e Simão Ferreira do Vale para a tolda. Com o qual concôrto os deixaremos ir caminhando, por tratarmos do inconveniente e adversário que já os está esperando na dita Ilha.

CAP. II — Quais eram os inimigos que na Ilha de Santa Helena encontrou o galeão Santiago, e do propósito com que nêle estavam

**N**AQUELE mesmo ano de 1601 em que El-Rei nosso Senhor mandou socorro à Índia com armada dos galeões (como está dito), saíram do rebelde Estado de Holanda três esquadras de naus para a costa de Sunda, de uma das quais ia por general Cornelius Sebastianus, holandês. E saiu da cidade de Médio-Alburgo, por ordem de Maurício e do Conselho daquele Estado, a assentar amizade e pacífico comércio com El-Rei da Sunda. E que voltariam cedo com alguma pimenta, e o mais boiantes que pudessem trabalhariam de se achar na Ilha de Santa Helena até meado Fevereiro, o mais

tardar, onde esperariam alguma nau nossa da carreira da Índia, e trabalhariam pela tomar, rendendo-a às bombardadas e não abalroando nunca com ela. Com este desígnio e regimento fez volta Cornelius da Sunda, tão cedo que antes de quinze de Fevereiro estava já na Ilha de Santa Helena, surto com três naus, trazendo consigo dous embaixadores d'El-Rei da Sunda a visitar Maurício e a seu negócio. Eram as três naus tôdas de um porte, a capitânia das quais tinha trinta e duas peças de artilharia de bronze, e cada uma das outras trinta peças, em que havia canhões de sessenta quintais, que atiravam pelouros de vinte e de vinte e quatro libras de ferro coado; eram navios de guerra feitos para isso, e a primeira andaina de artilharia grossa jogava por baixo da ponte ao lume de água por estarem boiantes, e não trazer cada um mais que dous mil quintais de pimenta. Tinha cada nau perto de cem homens que faziam officio de soldados, marinheiros e bombardeiros, como é costume daquela nação, com que fazem grande vantagem aos nossos navios. Eram todos hereges calvinistas, e pela maior parte, sem se enxergar entre elles mais que só um católico. Estavam providos de muitas invenções de armas e polícias de guerra, e de tão grã cópia de munições de respeito, que, depois de três dias de batalha com o nosso galeão, contaram na sua capitânea os pelouros que lhes sobejaram de bombardada e acharam seiscentos e tantos só de cadeia e de picão, de ferro coado, afora os redondos; segundo o que, parece não traziam outro lastro senão pelouros. A sua praça de armas e convés de artilharia era tão desembaraçado, e as portinholas tão bem rasgadas, os reparos das peças tão bem obrados, e tudo com tanta conta e razão, que borneavam a artilharia para a pôpa e proa com muita facilidade, apontando tanto ao lume de água, que, tendo uma destas naus depois da batalha um batel a bordo, o pescavam com a peça de meio a meio, e tudo

mostraram de indústria por mostrarem aos nossos o como andavam apercebidos.

E o nosso galeão Santiago, que em pôpa vem caminhando a encontrar-se com estes inimigos, não traz mais que dezassete peças de artilharia, em que entram quatro berços e dous sacres, e a maior peça é uma meia-espera. E tudo sôbre ponte, onde mal se pode bornear nem jogar, com muito empacho de caixaria e fardos e as portinholas estreitas, que ficavam de pior condição com a grossura dos dous costados. E não trazia mais que trinta pelouros de picão e cadeia. Apontei isto para que se veja com quanta vantagem estes holandeses se encontraram com êste galeão, e o recato e o aparelho com que convém aos nossos, e naus da Índia, andar, pois se pode esperar encontrarem-se outras vezes com êles, e saibam a grande vantagem com que os buscam. Acharam estes inimigos na ermida de Santa Helena a carta que, poucos dias havia, deixara nela a mal afortunada nau S. Valentim, que vindo de arribada de Moçambique foi tomada de ingleses, ancorada em Cezimbra no mesmo ano. E sabendo pela carta que a nau era passada por Santa Helena, receberam grande desprazer, segundo depois contavam, magoados de lhe escapar aquela prêsa. E fizeram com grande presteza sua aguada, lenha e o mais que da Ilha podiam esperar, para estarem tanto a ponto que sem dilação se pudessem fazer à vela a acometer qualquer nau que se lhes oferecesse, antes de botar ferro nem se poder acostar à terra. Traziam consigo artífices de pintura e escultura, para debuxar e estampar os portos, terras e trajas das gentes, onde aportassem, e um destes deixaram em Santa Helena, segundo se colige do que digo no capítulo em que trato desta Ilha em particular.

CAP. III — Da chegada do galeão Santiago à Ilha de Santa Helena, e da batalha que nela teve com os holandeses.

COMO os que se vêem em grande prosperidade devem com razão andar cercados de receios da adversidade, vinha o nosso galeão Santiago correndo em pôpa, com tanta brevidade e próspero tempo, que nunca outro passara o Cabo de Boa Esperança, de maneira que em quatorze de Março, amanhecendo, em uma quinta-feira, houve vista da Ilha de Santa Helena, para tôdas as naus da Índia tão deleitosa, e para êste galeão tão forçada e pouco alegre, quantos eram os desejos que todos nêle traziam de a não ver nesta viagem. E assim como gente possuída mais de justos receios que do gôsto de ver terra, se esqueceram do alvorôço com que todos a vinham ferrar nos anos atrás; e os que melhor sentiam o negócio não lhes parecia terra, senão prodígio de sua desventura. Contudo, fazendo bom rosto à fortuna (a que a gente da Índia, e da carreira dela, já anda costumada), aprestou cada um as armas e aparelhos de guerra que lhe tocavam; outros trabalhando de botar o batel fora, outros safando amarras e âncoras, foram buscar a terra pela parte do norte, e chegaram a descobrir a ponta do Esparavél, que demora ao Noroeste; e vindo na volta dela viram que no pôrto de Santa Helena (e alguns dizem que na aguada vélha) estavam ancoradas as três naus, que causaram a todos a turbação já tanto atrás antevista, tendo por sem dúvida serem inimigos. Uns diziam que voltassem para o mar e que não tomassem o Esparavél, outros tinham outras opiniões. A todos satisfez o capitão-mor e os aquietou, dizendo que o galeão era navio muito pesado e vinha carregado no fundo do mar, e não podia fugir àquelas naus que estavam boiantes, e o tinham visto não só do pôrto aonde estavam, mas desde que amanhecera, com vigias que deviam ter nos cumes

dos montes; e que fazer volta era acrescentar ânimo ao inimigo, cuidando que lhe fugiam, mórmente quando êle pela ligeireza das suas naus os havia logo de alcançar; que se encomendassem a Deus e houvessem bom ânimo, e se fôsse lançar ferro onde o regimento mandava.

O inimigo, quando viu o galeão ir na volta do Esparavél, pareceu-lhe que, por lhe estorvar a presa, se daria ali fundo ou fogo, acolhendo-se a gente à terra (como já tinham feito os da nau Santa Cruz na Ilha das Flores, acoçada dos ingleses). Despediu com presteza uma lancha ao galeão com um trombeta, e êle levando as amarras se foi fazendo à vela com a sua Almiranta, deixando a terceira nau pacífica no pôrto, ou fôsse (como êles depois disseram) que eram de outra esquadra e não traziam ordem de pelejar com as nossas naus, ou para estar de sobressalente e não deixar naquele espaço em que êle ia na volta do mar (até ferrar o Esparavél) desembarcar no pôrto a gente do nosso galeão no seu batel. Fôsse como quisesse; a sua lancha chegou perto do galeão, no qual entendendo-se que o vinha reconhecer, e a gente e artelharia, lhe bradaram da pôpa que falasse de longe; e assim o fêz, perguntando que nau era aquela. E juntamente do galeão lhe perguntaram que naus eram as suas. Responderam que de Holanda e que vinham do Achém, e isto se entendia mal, porque era de longe, pôsto que alguns dizem que fizeram cumprimentos da parte do seu capitão-mor; outros dizem que chamaram ao nosso capitão-mor, que fôsse lá, que o chamava o seu general. E não duvido dos cumprimentos fingidos; porque era sua tenção entreter o galeão, e segurá-lo que eram amigos, pelo temor que tinham que fizesse de si. E que fôssem os cumprimentos fingidos bem se viu na presteza com que se desamarrou, e veio forçando os mastros por ferrar o Esparavél, levantando-se do pôrto, pacífico, em que estava uma grande meia légua, e pretendendo-se melhorar

no surgidouro, com bandeiras e galhardetes largos, tocando trombetas, com tôda a artilharia abocada e a gente coberta, que são sinais claros de batalha e de inimigos. E não é concluyente a razão que alguns querem dar, que se levantaram as duas naus por temerem que o galeão os fôsse abalroar, porque isso estava na sua mão deles, quando isso fôra ou o galeão passara o Esparavél, em que havia tempo de se levantarem, e bastara ir na volta do mar, pela ligeireza das suas naus; e mais êsse inconveniente ficava na sua nau surta, que se não buliu do pôrto. Mas a sua tenção era batalha, e isso esperavam ali. E não era o galeão bem ancorado, quando êles surgiram com êle, melhorando-se no surgidouro de tal maneira, que o mestre do galeão, Simeão Peres, bradou pelo capitão-mor que mandasse atirar àquela nau, que não convinha consenti-la ancorar naquele lugar.

O capitão-mor, como a batalha já estava descoberta, entendendo que o inimigo o não vinha buscar ali com tanta presteza e em tal forma para paz, senão para guerra, lhe mandou atirar uma peça, que não era bem disparada, quando o inimigo, que vinha a ponto, com bota-fogos acesos, em lançando ferro e juntamente disparando o galeão sua artilharia, não perdeu ponto, assim de uma nau como da outra, de tal maneira, que se travou uma mui cruel batalha de parte a parte, estando a tiro de arcabuz e de mosquete, de que os nossos usaram todo o dia, mas com pouco efeito por não aparecer dos inimigos pessoa alguma descoberta a que fizessem pontaria. O nosso capitão-mor, vendo que, na forma em que estava, muita da sua artilharia não pescava as naus dos inimigos, mandou dar um cabo em terra pela pôpa do galeão, pelo qual, alando-se, o atravessou de maneira que sentindo o inimigo o dano que recebia da nossa artilharia se fêz à vela na volta do mar, e tornou a surgir de maneira que se desviou da pontaria da artilharia, recebendo menor dano

e ficando uma delas pela proa. E pelejando com esta vantagem todo o dia, desfazendo e desaparelhando o galeão, houve de parte a parte muitos mortos e feridos, entre os quais um foi Francisco de Melo de Castro, que tendo pelejado do convés e da xareta com seu arcabuz, e vendo que era de pouco efeito, andava no convés ajudando a pelejar com artilharia, quando dando um pelouro em um bombardeiro, e espedaçando-o, os outros desamparam a peça que elle estava borneando. E acudindo a ella Francisco de Melo, animando aos que se arredaram, deu outro pelouro pelo próprio lugar, e rompendo o costado lançou tantas rachas, que o feriram cruel e mortalmente de treze feridas abertas e lhe quebraram o olho direito que logo perdeu; e estando no chão amortecido, D. Pedro Manoel, que não estava longe dele, o quisera encobrir de seu pai, e não o pôde fazer, porque, como elle a todo o successo acudia logo, viu seu filho no chão, e cuidando estar morto levantou a voz e disse: «Senhores, não haja turbação; se meu filho está morto, cubram-no, que acabou em seu officio; e cada um acuda a seu negocio».

Não cessavam os nossos de buscar todos os meios de ofender os inimigos, usando de muitos cartuchos, que traziam feitos, e naquele dia gastaram cento e tantos deles, esperando também a terrível trovada de muitos e reforçados pelouros do inimigo, que de continuo disparavam, sem cessar momento, fazendo estrago grandíssimo no galeão e em sua enxárcia, passando por onde lhe achavam vão, de tal maneira, que iam parar na rocha, com tanta fúria como se nada tiveram passado. E passando um destes pelouros pelo convés, em que estava Duarte Barbosa com a espingarda na mão, lhe deu nela e levou metade em claro, deixando-lhe a outra metade nas mãos, não perdendo elle neste passo o acôrdo que para tal tempo convinha ter pronto, como quem não era aquella a pri-

meira em que se achou. Outro pelouro fêz uma cousa no convés do galeão digna de se saber, porque passou o costado, e juntamente um fardo grande de caniquins, de meio a meio, e foi dar na habita com tanta fúria, que deixando nela uma grande mozza côncava tornou atrás, e, dando em outro fardo junto ao fogão, saltou e foi dar na cabeça de João Carvalho, marinheiro, e o atordoou, mas não lhe fêz nada, porque ia já fraco; por onde não parece que há muito que fiar de fardos de caniquins, para segurar de semelhantes pelouros, como alguns têm que bastam. Acabava um bombardeiro estrangeiro chamado Mestre António (por lhe não correr uma peça a seu gôsto) de dizer *«Pliegue a Dios que venga una bala y me quiebre estas plernas»*, quando, não eram ditas as palavras, chegou a bala e lhas quebrou e o matou. O piloto tinha seis escravos, e parecendo-lhe que estando espalhados pelo galeão não estavam muito seguros, ajuntou-os e meteu-os na habita muito juntinhos; veio um pelouro, começando no primeiro acabou no derradeiro, espedaçando-lhos todos seis de um golpe. A um soldado da Índia, criado d'El-Rei, que vinha a certo requerimento, deu um pelouro e lhe levou meia cabeça fora, sem mais falar palavra.

Particularizei estas mortes pelo diferente successo delas; além das quais houve outros mortos e feridos. E os inimigos não estavam sem dano e mortes, porque só de um tiro do galeão morreram três juntos. E nesta forma, êles pela prêsa, e os nossos por sua defesa, a batalha se continuou das oito horas da manhã até à noite, que à sombra daquelas altas rochas lhe ficava mais obscura e os obrigou a silêncio. Não faço particular menção dos fidalgos e soldados que neste dia se assinalaram, porque como não vieram às mãos não houve lugar de cousas particulares; baste que todos em geral mostraram grande valor com sobeja constância e ousadia, pelejando com

seus mosquetes e arcabuzes, e ajudando a todo o mancio da artilharia, não perdendo ponto de tudo o que em tal batalha e estado lhes era possível, cheios de mágua de não poderem chegar com os inimigos aos cabelos. E pôsto que mais não fizeram, que pôrem seus peitos, sem mais outra defesa, à fúria de tanta e tão contínua e reforçada artilharia, mostraram bem seu valor e a prova de quem eram, pois que, podendo-se escusar de tam provável perigo, lançando-se à terra a que estavam pegados, pôde mais com êles a obrigação de cavalaria que o temor da morte que viram presente, mais cheios de pesar e cólera pelo mau aparelho que tinham para ofender aos inimigos, que tristes pelo dano que recebiam deles.

Cerrada pois a noite, se deu fundo aos mortos e se curaram os feridos com todo o amor e caridade possível, reformou-se a enxárcia, que estava despedaçada, trabalhando todos nisso e em outras cousas necessárias à sua defesa; até que, rendido o quarto de prima, parecendo ao capitão-mór que os inimigos lhe tinham naquele sítio muita vantagem, com tanta e tão reforçada artilharia que não sòmente jogavam por cima da ponte mas por baixo ao lume d'água, que possível era que no largo do mar picado não usariam e lhes seria necessário fechar as portinholas mais importantes, e que ali por suas naus serem tam veleiras, que, cada vez que quisessem, se podiam melhorar de sítio mais acomodado à ofensa do galeão, do qual os não podiam ofender, estando ancorado a pé quedo recebendo baterias, e que de outra maneira seria andando à vela, acrescento a isto uma razão particular (que me pareceu não declarar, deixando lugar aos curiosos de a poderem inquirir) que muito o obrigava a fazer-se à vela e seguir seu caminho, e pelejar no mar, em que se ajudaria melhor da sua artilharia de uma e outra parte, que assim surto lhe mal servia, deu conta disto a algumas pessoas, que para aquêlê particular lhe

pareceu no estado em que o negócio estava, e que em seguir seu caminho se conformava com seu regimento, que assim lho ordenava se naquela baía achasse inimigos com quem lhe não parecesse pelejar. E a esta opinião do capitão-mor ajudou também o meste Simeão Peres, dizendo ser acertada, que ainda que os inimigos os seguissem até o Brasil, se os não metessem no fundo (que era só o que se podia recear) ia pouco em os desaparecerem vinte vezes, porque tantas se atrevia a reformar a enxárcia. Finalmente, rendido o quarto de prima, se desamarrou o galeão. E porque o inimigo, como foi noite, se tornou logo ao pôrto, donde pela manhã se desamarrou, não se havendo por seguro do galeão seu vizinho o poder de noite abordar de algum modo, que era o de que o inimigo muito fugia e se temia, e temeu sempre, e o que os nossos muito desejavam. E ao tempo que largaram a amarra foram ficando sôbre a ponta do Esparavél, virando sôbre o pôrto, largaram vela, e picando a espia, que estava na rocha, puseram a proa nas naus do inimigo, que vendo vir o galeão se alaram tanto para terra, e com tanta presteza, que ficaram por balravento, e os não puderam abordar, com assás mágoa dos nossos, a que não foi possível outra cousa senão seguir sua viagem, que se escolheu por meio mais acertado.

CAP. IV — Da acção com que a navegação de Guiné, Brasil e do Oriente pertence mais à Coroa de Portugal, que a outra alguma; e quando teve princípio; e da tirania dos holandeses; e que ilha é Santa Helena, quando e por quem foi descoberta.

**E** NQUANTO vai o nosso galeão caminhando, e os inimigos após êle, paremos um pouco neste lugar; vejamos com que acção pertence a conquista e navegação de Guiné e Brasil e Índias Orientais mais à Coroa de Portugal que a outra alguma. E quando e por quem

teve princípio; e que ilha é esta de Santa Helena, quando e por quem foi descoberta. É cousa digna de consideração ver os milhares de anos que a Divina Magestade teve oculta esta navegação, havendo tão curiosos e grandes matemáticos e cosmógrafos, e como a reservou Deus para a nação portuguesa, que para isto foi criando de tão pequenos princípios naquele bemaventurado século de mil e duzentos, em que levantou o magno D. Afonso Henriques, primeiro Rei da família e povo português, verdugo fortíssimo dos Mafomistas, ao qual nosso Redentor Jesus Cristo appareceu no Campo de Ourique, estando para dar aquella memorada batalha a cinco Reis Mouros, que com todos seus poderes e com milhares de mouros o tinham cercado, tendo elle mui pouca gente portuguesa, e acovardada da multidão dos inimigos. E entre os mais colóquios, que com elle teve Nosso Senhor Jesus Cristo, foi dar-lhe expectativa da navegação e conquista, que ora possui esta Coroa, nestas palavras, que entre outras lhe disse; — «Apareço-te Afonso ✠ para fortalecer teu coração nesta batalha e para fundar os princípios deste reino sobre uma pedra firme. Confia que não só nela alcanças vitória, mas em tôdas as que pelegares contra os inimigos da cruz. E se este teu povo te pedir que entres nela com o título de Rei, concede-lho; e não duvides porque eu sou o que dou e tiro os impérios e reinos. E em ti, e em teus descendentes, quero fundar império para que meu nome seja levado a gentes estrangeiras; e para que teus successores saibam o fundador deste reino, farrás umas armas do preço com que eu comprei o género humano e do com que fui comprado pelos judeus; ser-me-á este reino santificado, puro na fé, e amado de mim com piedade; e nem dele nem de ti se apartará em algum tempo minha misericórdia, porque lhe tenho aparelhado grande pedra e os escolhi para meus operários para terras remotas, &c.»

Como tudo isto, que aqui sumariamente abreviei, com outras cousas, consta do auto que o próprio Rei D. Afonso fêz escrever e assinou nas côrtes que celebrou na cidade de Coímbra, em trinta de Outubro de 1132, em que afirmou com juramento que todo o sobredito lhe dissera Nosso Senhor Jesus Cristo no dito Campo de Ourique. E quem mais por extenso quizer o dito auto, achá-lo-á na Crónica de Cister e na Genealogia dos Reis dêste reino, que eu não toquei aqui mais, por brevidade, que o tocante a meu propósito. E ainda que não estivera jurado por um Príncipe tão católico e santo, se vê tudo cumprido aos portugueses, obreiros escolhidos pelo Senhor para terras remotas. Para o que lhes reservou esta navegação e conquista do Oriente, Guiné, Etiópia, Brasil e Ilhas adjacentes, tendo-a para isso oculta a tôda a outra nação 5372 anos, que havia que criara o Mundo, e 3717 que fôra o dilúvio universal, até o qual tempo não havia na Europa notícia de mais que das Ilhas das Canárias e mar Atlântico, onde se não ia senão no verão e em naus grandes. E chamavam-lhes Ilhas Afortunadas, pelo muito que haviam que fazia quem ia e vinha a elas. Porque reservava Deus êste bem para êste povo português, como reservou, indo-o para isso criando nestas ribeiras do mar Oceano, de tão pequenos princípios, ampliando-o e favorecendo-o de modo, que lançaram dêste reino e ajudaram a lançar de Espanha os pérfidos maomistas, até passarem apôs êles à África, onde lhes tomaram muitas cidades, algumas das quais lhes largaram depois, por seguirem a emprêsa da navegação e conquista para que eram criados. Até que foi servido que saíssem os portugueses, seus obreiros, com os sementeiros de sua santa palavra Evangélica, e fôsem denunciar seu Santíssimo nome pela redondeza da terra, e aos mais remotos limites dela, inspirando no Sereníssimo Infante D. Henrique, Mestre da Sua Ordem e Cavalaria, filho do valo-

roso Rei D. João o Primeiro, descendentes do Santo Rei D. Afonso Henriques, que começasse a dar princípio e a abrir a oculta estrada do Oceano até o Oriente e dilatados impérios e reinos dele. Inspiração divina e digna de tal varão, princípio das promessas do Campo de Ourique, porque, abraçado o Sereníssimo Infante em um santo propósito da propagação de nossa Santa Fé Católica, aviou uma embarcação conveniente, em que os primeiros que enviou, não ousando engolfar-se no mar, se tornaram sem fazer nada, pasmados de tão largo golfo e navegação tão oculta.

Segundou o Infante por outros descobridores, que chegaram até Serra Lioa e Ilhas de Cabo Verde, distância das Canárias de 244 léguas, no ano de nossa redenção de 1420 e do dilúvio 3717, que há hoje 184 anos, e havia 288 que Cristo Nosso Senhor apparecera no Campo de Ourique a El-Rei D. Afonso Henriques, e já havia dez anos que o Infante tinha enviado os primeiros navegantes. E assim há 194 que os portuguezes se começaram a engolfar no Oceano. E no ano de 1433, treze anos depois de descoberto o Cabo Verde, lançaram mão desta empresa João Gonçalves e Tristão Vaz, que se houveram nela com tanto valor, que rompendo por tôdas as difficuldades e temor (que naquêl tempo occupava a todo o ânimo neste negócio e com razão), descobriram tôda a costa de Guiné e Etiópia, e ora atropelados do mar, ora dos ventos, chegaram até o mar da Índia, cuja nova foi tão festejada, e tão grata à Santa Igreja Romana, que o Santo Sumo Pontífice Martinho Quinto no ano de 1441 deu sua apostólica benção e faculdade ao Sereníssimo Infante por tão insigne obra, incorporando à de Portugal tudo o que se descobrisse das Canárias até o último da Índia. A qual graça depois confirmaram amplissimamente os Santos Sumos Pontífices Romanos. E tendo o Infante gastado nesta empresa cinquentá annos, o levou Deus a gozar do

prémio de suas virtudes; e El-Rei D. Afonso seu sobrinho continuou depois esta conquista enquanto viveu, e muito mais El-Rei D. João o segundo, que nisso meteu muito cabedal, em cujo tempo descobriu Cristóvão Colombo a terra do Novo Mundo, achado antes pelo grande Américo Vespúcio, do qual tomou o nome, que tem, de América. Sôbre o qual novo descobrimento houve as dúvidas entre Portugal e Castela que concluiu o Papa Alexandre, Espanhol, com a linha que lançou de Polo a Polo, quatrocentas e setenta léguas a Loeste das Ilhas de Cabo Verde, applicando à coroa de Castela tudo o que a linha demarcava à parte ocidental, e à coroa de Portugal o que demarcava ao Oriente, da qual demarcação lhe coube a terra do Brasil. A El-Rei D. João o segundo sucedeu El-Rei D. Manoel, em cujo tempo esta navegação e conquista teve felicíssimos sucessos, e foi achada e descoberta a terra do Brasil por o capitão-mor Pedro Álvares Cabral, indo para a Índia com doze navios de armada, no ano de 1500, a três de Maio, dia da Santíssima Vera Cruz, que na costa daquela grã província foi arvorada, e pôsto o seu Santo Nome, que depois se mudou ao que tem, por respeito do pau brasil de tinta, que nela foi achado. Está esta terra do Brasil dois graus da Equinoctial, e corre sua costa para o Polo Austral quarenta e cinco graus, em que há 1050 léguas de costa de mar, fora o sertão que tem quinhentas e dez léguas no mais largo. É esta província triangular, vê pelo sertão os altos montes do Perú, dista sua costa do Cabo de Boa Esperança mil e duzentas léguas de mar; tôda é terra sadia e excelente.

Do que fica dito procedeu a acção com que a nação portuguesa tem a dita navegação e conquista, e os títulos que a coroa dêste reino tem do senhorio de Guiné e da conquista, navegação e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia, adquiridos com grande despesa de armadas,

e pelas armas e muito derramamento de sangue portuguezs, e principalmente favorecidos por Nosso Senhor Jesus Cristo e escolhidos para isto por sua Divina Magestade para obreiros da seara de seu Santo Evangelho, por elles levado e prégado pela redondeza da terra e mais remotos limites dela, onde é conhecido e reverenciado o Santíssimo nome de Jesus. No que se vê cumprido o glorioso colóquio do Campo de Ourique, clara e indubitável verdade do que o dito Senhor Rei D. Afonso Henriques jurou nas côrtes de Cômbra. E assim, se os hereges e piratas preguntarem (como elles preguntam) quem deu esta conquista mais aos portuguezes que a outra nação, se lhes responda que nosso Redentor Jesus Cristo e a sua Santa Madre Igreja Romana, esposa sua sagrada; e que os portuguezes têm seus títulos em pedra firme, da palavra de Jesus Cristo Nosso Deus, que não pode faltar. E se querem mais prova desta verdade, vejam o triunfo da Santa Igreja em todo o Oriente, com tanto fruto e glória de Nosso Redentor, como lá tem feito o Sagrado Evangelho, semeado pelos filhos dos gloriosos S. Francisco, S. Domingos e Santo Agostinho, e outros religiosos que passaram àquelas terras remotas, onde muitos derramaram o sangue, recebendo coroa de martírio e glória pela Santa Fé Católica. Têm também triunfado muito a Santa Igreja no Oriente depois que a êle passaram os padres da Companhia de Jesus, verdadeiros obreiros desta sagrada seara, e apóstolos de Seu Santo nome e Evangelho, que com sua Santa doutrina têm feito pascar os infernos, com a grande conversão de infinitos milhares de almas, que com sua prêgação reconhecem pelo mundo o Santíssimo Nome de Jesus, e recebem pela sua mão o santo baptismo, não só no Oriente até à China, mas na Etiópia e em grande província do Brasil, entre o mais bárbaro gentio do mundo; e pode tanto a doutrina da Companhia de Jesus, que não só vão reduzindo aquela

bruta gentildade à Santa fé Católica, mas à polícia humana, que entre elles não havia. De maneira, que parece que está bem provada, contra as perguntas que fazem os piratas, a acção com que os portuguezes têm esta santa conquista.

E pelo conseguinte se prova contra os holandeses, rebeldes contra seu Rei e Senhor e contra a obediência da Santa Igreja Romana, a pouca e nenhuma acção que elles têm para irem ao Oriente, nem para tomarem os portos descobertos pelos portuguezes, e muito menos para lhes tomarem suas naus, nem para debuxarem e estamparem a ilha de Santa Helena, que muito festejam em quantas tábuas a estampam. E pois os cossários, a quem ela não pertence, tanto a festejam, só pelo que ela em sua paragem importa aos que nela portam, me pareceu não passar por ela depressa, sem tratar de seu sítio e propriedade, por quão afamada é pelo mundo. E para melhor se entenderem algumas cousas, que dela toco, mandei estampar a planta dela, não pelo frontispício sòmente, como fizeram os holandezes, mas com tóda a regra da cosmografia, com tódas suas pontas, enseadas e ribeiras, na forma que se vê estampada no cabo dêste capítulo (1), advertindo que se pressupõe nela que se vê a ilha tóda a uma vista, por cuja razão estão todos seus montes e rochedos, de que é cercada e formada à parte interior, que de outra sorte não se lhe pudera ver mais que o frontispício, se se houvera de mostrar fragosa.

Esta ilha está dezasseis graus e dois terços do Polo Austral, tem duas léguas e quarta de comprimento, Norte-Sul, e de largo légua e meia, tem o pôrto/a Loes-Noroeste abrigado das monções, que fazem a costa mais tormentosa. Dista esta ilha de Lisboa 1100 léguas, e 2000

---

(1) Gomes de Brito não publicou a planta a que aqui se alude.

de Goa, e do Cabo de Boa Esperança 520, e 540 do Brasil, e de Angola 370, e 1100 de Moçambique, e da Mina 375. Foi descoberta no ano de 1502, que há hoje cento e dois anos, em vinte e dois de Maio, dia de Santa Helena, pelo Capitão-mor das nossas naus da Índia, João da Nova, vindo de torna-viagem; e tantos anos há que a coroa dêste Reino está de posse dela, e que os portugueses nela foram lançando porcos, cabras, coelhos, perdizes, de que tem quantidade; tem galinhas maiores que as de Guiné; tem muitas pombas e rôlas; tem muitos gatos bravos, que fazem ser menos os coelhos e perdizes; tem muitos ratos e formigas, e não tem mais bicho algum. Tem algumas parreiras de uvas; tem todo o ano figos berjaçotes, bons, grandes e melosos, e que em uma noite amadurecem; tem limoeiros, laranjeiras, limeiras, romeiras. Pelos vales e fundas ribeiras tem muitas árvores, muita parte das quais são ginjeiras bravas, e outra (a que alguns querem chamar délios) que fazem a figura de salva, na fôlha, e distilam de seus troncos uma resina que é tida por benjoim, e alguns a trouxeram de lá por êsse, e venderam por tal. Tem umas ervas de tinta azul, como as que há em Cabo Verde, que dão tinta finíssima, com que tingem os panos que de lá vêm, que nunca des-tingem. Tem pelas planícies multidão de nabiças de comer. É fragosa, e muito mais o parece porque é deserta e não tem estradas; suas ladeiras são de pedras sôlta, que se vão umas após outras fâcilmente. De todos seus montes manam fontes de muita e excelente água, que a fazem fresca e provida de muitas ribeiras, de que tôda é cercada. Uma das quais, da parte do Sul, se converte em salitre, de que se pode fazer carregaçào, e já foi trazido a Lisboa, e vendido para pólvora, na nau capitânia de João Gomes da Silva, no ano de noventa e sete. Tem muitas lagostas e alguns caranguejos, e nenhum outro marisco. O pescado são xarêus, garoupas, sargos, bo-

diões, cavalas e moreiras; tudo fácil de pescar, e em grande abundância. Tôdas as madrugadas infalivelmente chuveja nesta ilha, e como nasce o sol faz fermoso dia. Correm nela as águas de Nordeste-Sudoeste, e por esta causa, e serem os ventos por cima da ilha, com monção, se tinha por opinião que a todo o navio, para tomar o porto nela, convinha ir tocando o Esparavél, e se não que logo desgarrava e perdia o surgidouro, e por essa razão o regimento do Viso-Rei Aires de Saldanha, que deu ao Capitão-mor António de Melo, dizia, como fica referido, que ancorasse na ponta do Esparavél, onde ficava seguro dos inimigos o poderem tornar a buscar, se no pôrto estivessem. Da qual ponta poderia também defender a entrada no pôrto aos inimigos, se o viessem buscar. Porém nêste successo dos holandeses mostrou isso melhor a experiência, e que a antiga opinião não há lugar senão nas nossas naus, que vêm da Índia carregadas e são pesadíssimas e muito metidas, e em que as correntes e ventos fazem grande prêsa, não só na ilha de Santa Helena senão em tôda a parte do mar. E assim também não há lugar de fazer reparo no Esparavél, com artelharía, como o regimento dizia, pois vemos que os inimigos vão na volta do mar e tornam a ferrar por balra-vento, e melhor se afastariam dêsse reparo e tornariam na volta do pôrto, mórmente que o Esparavél é composto de rocha altíssima, e de pedras tão sôltas que dá pouco lugar a êsses reparos; e em tanto, que, lançando-se do galeão Santiago um galgo, que nele trazia da Índia Álvaro Vélho, fugido à terra a nado, atemorizado das batallas, e trepando pelo Esparavél, três vezes o viram tornar por êle abaixo, em tombos, pelo lugar por onde na estampa se mostra, porque não pôde pegar-se pela rocha, por quão sôlta é tôda; e lá se ficou o galgo na ilha.

Depois de partido desta ilha o galeão Santiago e os holandeses após êle, chegaram a ela os dois galeões de

sua companhia, o Salvador e S. João, que partiram de Cochim, e acharam na Ermida de Santa Elena um painel, e pintado nele o dito galeão pelejando com as três naus holandesas, com um leteiro em flamengo que dizia: — *Este galeão, capitânia de vós outros, vai pelejando com estas três naus holandesas.* Ficaram admirados de ver o painel; e por êle, e por acharem corpos mortos, e a âncora no Esparavél e o cabo da rocha. E quanto a mim, na Ilha ficaram holandeses e devia de ser algum o artífice, que levavam para lhes debuxar as terras, como debuxou esta Ilha, porque não teve tempo para pintar, naquela quinta-feira da batalha, o painel, mórmente que o leteiro dizia: *Vai pelejando.* Ir-se-iam depois nas outras suas esquadras, que eram também na Sunda.

CAP. V — Da batalha que o galeão Santiago teve com os holandeses, o dia de sexta-feira, que se desamarrou do Esparavél.

**D**ESAMARRADO o galeão à sexta-feira, lhe amanheceu como fica dito; não caminhou só muitas horas, porque o inimigo se fez após êle à vela com suas três naus, com que em breves horas o alcançou, e pondo-se-lhe pelas quadras com as duas combatentes do dia dantes, levou detrás por sua esteira, sempre pacífica, a terceira nau, a qual, em caso negado, que fôra de outra esquadra e que não tivesse ordem de pelejar (como depois quiseram dizer), ainda que quisera entrar na batalha não tinha lugar; porque com as duas se começou de dar contínua bateria por pôpa, uma de uma quadra e outra de outra, revezando-se e disparando-se a artilharia de uma banda, enquanto a outra refecia; e a cercavam de tal maneira, que não houve em todo aquêle dia hora, nem momento, que no galeão não empregassem contínuos pelouros, reforçados quási todos ao lume d'água, rece-

bendo dele pouco dano, por não trazer peça alguma em pôpa, como por não poder jogar da sua artelharia em forma mui ofensiva, porque, como ia a balravento e o inimigo por pôpa, era forçado, para a sua artelharia fazer pontaria, a atravessar-se, e destas guinadas se desviava o inimigo como queria, porque lhe seguia a esteira quando sentia que se atravessava para dar bateria, e poucas vezes podia o galeão empregar sua artelharia, nem fazer com ela pontaria, sem se atravessar de todo, pela estreiteza das portinholas e empacho da muita fazenda, com que as peças se não podiam bornear senão direitas, de tal modo, que para a pontaria, que a peça havia de fazer, convinha virar o galeão tanto que lha suprisse, e desta maneira recebendo êle do inimigo, por pôpa e pelas quadras, contínua bateria de sua artelharia (que a seu salvo jogavam), se cerrou a noite, havendo alguns mortos e feridos no galeão, que ficou um crivo de pelouradas, e muitas delas mui profundas, por onde recolhia tanta água que ambas as bombas de nenhum modo venciam; e nas velas e enxárcia houve tanto estrago, e o mastro grande passado por tantas partes, que se esperava que cásse, pelo pouco benefício que se lhe podia fazer em tal tempo, e foi necessário pôr na vêrga uns antighos, por se não vir abaixo, segundo estava a enxárcia. Com tudo isto se dobraram aos nossos novos cuidados e muito maior trabalho naquela noite, em que não descansou algum, especialmente por acudirem às bombas, vendo que tinham já mais contra si o mar, porque neste dia o calafate José Diniz andou embalsado pela parte de fora, a tapar buracos, estando por alvo dos contínuos pelouros do inimigo, e com tanto ânimo que admirava a todos; e pôsto que tapou muitos, havia muitos mais, a que com a mareta se não podia chegar por estarem profundos, e nem por dentro era possível chegar-se-lhes, por quão maciço vinha o galeão com fazenda.

Esta nova de se não poderem tapar os buracos, e das bombas não vencerem a água, entristeceu a muitos, vendo que a fortuna lhes punha já obstáculos e dificuldades a que as forças humanas não bastavam a remediar, e em especial porque também o galeão, pelo desconcerto das velas e enxárcias, dava já menos pelo leme. Deu-se fundo aos mortos, e curados os feridos como foi possível, se consertaram as enxárcias e se fizeram outras cousas necessárias, não cessando o cuidado das bombas, já naquele estado mais importante que tudo. O capitão-mor, vendo que o inimigo, com lhe ficar por pôpa, combatendo-o, o não podia ofender com a sua artilharia como convinha, mandou abrir por pôpa duas portinholas e arrombar para isso uns camarotes, e pôs nelas dous sacres, que se trouxeram de proa com assaz trabalho, pelo empacho do galeão e por estar a gente tresnoitada e cansada. E entendendo os nossos que, depois de Deus, a sua salvação consistia em abordar o inimigo e virem às mãos, ordenou o capitão-mor que logo se fizesse uma bandeira vermelha, para que, largada por pôpa em amanhecendo, entendesse o inimigo por ela que tinha ainda muito que fazer, e que não levaria seu intento àvante às bombardadas e lhe cumpria abordar o galeão, se o pretendia render e se a tanto os obrigasse a cubiçada prêsa que dele esperavam.

CAP. VI — Do successo do sábadó, e forma em que o galeão se rendeu.

**A**MANHECEU o galeão ao sábadó na forma que está dito, com sua bandeira vermelha por pôpa, da qual o inimigo parece sentiu o para que se pôs; e entendendo que convinha abordar o galeão, meteu nas vêrgas de ambas as naus combatentes uns contralais com certos vasos de fôgo, que mostravam tenção e prevenção de quererem abordar o galeão, o que os nossos muito festejavam por cuidarem que viriam aos cabelos, como desejavam.

E vindo nesta forma um bom espaço, mudaram conselho e tornaram a tirar os contralais, e continuaram uma nova e terrível bateria de artilharia, com que nesta manhã mataram e feriram algumas pessoas. Os do galeão não cessavam com os seus dous sacres, com que se enxergava que o inimigo recebia algum dano, porque se arredava mais. Porém o galeão fazia tanta água, que lhe eram as bombas já debalde, nem as diligências do calafate, que por serem animosamente feitas sempre foram de muito efeito, se o mar não andara tão picado e o galeão já tão metido, de modo que não chegava aos buracos profundos.

Ajuntou-se a isto o grande estrago das enxárcias e velas, dos muitos pelouros de cadeia disparados nelas de propósito, com que se arruinou tudo de maneira que se não tinha a vêrga já senão nos antigalhos, quando se arrombou um paiol de pimenta, com a qual se entupiu a gala das bombas, e elas de todo sem servirem para nada; com o que, e com a muita fazenda que a noite dantes se tinha alijado ao mar, ficou o galeão desarrumado, e tão descompassado que não governava, e com os balanços que dava, por andar o mar picado, ficou anhoto, e a mais da gente tão desconfiada da defesa que se foram muitos ao Capitão-mor, dizendo-lhe que já que a fortuna os tinha chegado àquele estado, e irremissivelmente se ia o galeão ao fundo por momentos, lhe requeriam que se entregasse, e não permitisse que morressem todos afogados, pois careciam de remédio humano para se poderem defender. O Capitão-mor lhes respondeu que se lembrassem que eram portugueses, a quem em semelhantes successos o temor da morte não fizera nunca perder o ponto da honra e obrigação de cavaleiros, e que esperassem pela noite, com grande confiança em Deus, que tinha muito que dar, porque também era de advertir que os inimigos tinham disparado tanto número de munição, que era cousa impossível terem já com que os ofender, e que

esta falta os obrigava a abordarem ou largarem a prêsa. E com estas e outras palavras acomodadas ao estado em que estavam, os aquietou, animando-os a que cada um tornasse a seu officio, e que, cerrada a noite, alijariam muita fazenda e desentupiriam as bombas, e que em Deus esperava que se haviam de defender com muita honra. E neste passo mostraram os fidalgos e nobres bem a galhardia de sua cavalaria e sangue, ajudando ao Capitão-mor muitos deles a aquietar aquela turba amotinada e descorçoada, esperando todos que, se se defendessem mais um dia, gastariam os inimigos a munição (porque elles não sabiam quão providos dela estavam), e que depois bem se faria.

Quieto êste motim, e tornando cada um a seu pôsto e obrigação, não bastou a sobeja constância dos do galeão a sustentá-lo sôbre a água; porque claramente se enxergava que se ia ao fundo com os novos buracos que recebia de contínuo. E desenganada a gente disto, que lhe balizava o costado por fora e por dentro, se levantou um sussurro entre elles, e, passada palavra que se iam ao fundo, tornaram com grande motim ao Capitão-mor, levando consigo o padre Frei Félis com um Crucifixo nas mãos, o qual lhe requereu, em nome de todo aquêlê povo, que pelas Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo se quisesse entregar, atendendo ao estado em que estavam, e que, se êle tão claramente queria perder a vida, não quisesse perder a alma, deixando morrer tôda aquela gente, que outro remédio não tinham já senão entregar-se à disposição do inimigo. A estas e outras palavras, que naquele passo o padre Frei Félis soube representar, respondeu o Capitão-mor: — *Já V. R. tem muito bem cumprido com o officio de bom rellgioso e prêgador, agora deixe-me a mim fazer o de Capitão*; e pedindo a todos que se aquietassem, e lhe obedecessem como eram obrigados, lhe disse Manoel Ferreira, escrivão do galeão, que pu-

sesse o negócio em votos. O negócio, respondeu êle, não é de votos, no estado em que estamos, maiormente quando se me pede, pela maior parte da gente, que me entregue. Em êste passo se chegou a êle o mestre Simeão Peres, e lhe falou à orelha, e como vinha de ver o porão o não falou em público; coligiram que o desenganava que o galeão se ia ao fundo, por momentos, porque um dos que mais perto ficava ouviu uma palavra ao Capitão-mor significadora disso, que era *«Pois ajudá-lo a ir»*, e o mesmo lhe tornou: *«Pois logo Vossa Mercê quere morrer; pois se isso quere, também eu morrerei com êle»*.

Estas práticas, ainda que eram entre ambos, estava a gente a elas tão atenta, que, coligindo o que passava, levantaram a voz quási todos, com grande motim: *«Pois se Vossas Mercês querem morrer, nós queremos salvar as vidas, pois não aproveita pelejar nem ha remédio de defesa»*. E desobedecendo ao Capitão-mor a maior parte da gente, se subiu o motim ao capitêu, e, por mais brados e diligências do Capitão-mor, se lhe desobedeceu, e se largou por pôpa uma bandeira branca, por um oficial do galeão. A qual sendo vista dos inimigos, cessaram com a bateria e vieram a bordo dele com suas lanchas, onde o capitão-mor não pôde dissuadir a turba amotinada a que não desse pacífica entrada aos inimigos (que êles já desejavam mais grangear por amigos que escandalizá-los). E dados reféns, entrou o capitão Cornelius até à varanda onde o Capitão-mor estava retirado, vendo-se desobedecido, acompanhado de alguns que nunca o desacompanharam. Cornelius o salvou com as palavras costumadas entre capitães, vencedores e vencidos, e consolando-o, que se não agastasse, que eram sucessos de guerra e da fortuna, e que, por quão bem o tinha feito, êle lhe prometia em nome da sua República tôda a fazenda que trazia no galeão, e que lhe entregasse logo o

livro da carregação e as vias, regimento e mais papeis que trazia, com tôda a pedraria. António de Melo lhe respondeu: *«Ésse partido, Capitão, fazei vós com os que vos entregaram o galeão e vos chamaram e deixaram entrar, que eu não hei mister mercês vossas, nem da vossa República, que Rei tenho para m'as fazer; nem eu tenho que vos entregar nada, porque me não dou por vencido, senão quando vós me abordardes e renderdes pelas armas»*. A esta resposta voltou o holandês colérico ás suas lanchas, dizendo: *«Ainda tu, Capitão, não queres?»*. E levando às suas naus as pessoas que tinha nas lanchas em reféns, tornou a voltar trazendo gente sua armada. O que vendo o Capitão-mor, e que sua gente já não tratava das armas, nem havia lugar de outra cousa, tomou as vias e o livro da carregação e bom golpe de pedraria, e, atando tudo, êle com Rui Pereira e com o mestre Simeão Peres, lhe deram fundo com uma corja de porcelanas, estando outras pessoas presentes na varanda, que se espantaram do perigo a que se punha, visto o que passara com o holandês, e êle os satisfez com dizer que percesse embora a sua vida e não percesse um ponto de sua obrigação, nem quisesse Deus que os inimigos soubessem os segredos da sua Magestade pelas suas vias, que botaram no mar, e que, dos que presentes estavam, os que escapassem e fôssem a Portugal seriam testemunhas de como se houvera naquele particular.

Entrando Cornelius com sua gente d'armas no galeão, tornou-se à varanda, e sabendo que não havia vias, nem livro de carregação, e o que o capitão-mor fizera, colerizou-se muito contra êle e o tratou com muitos desprimores, e o fêz logo passar à sua nau com seu filho Francisco de Melo, que estava muito mal das feridas, e pedindo-lhe todos os mais papéis que tivesse e pedraria, o capitão-mor lhe respondeu que êle nem papeis nem pedraria tinha que lhe dar, que no galeão estavam, que o bus-

cassee êle, e que só uma cousa lhe pedia, que muito estimaria pelo que ia nisso, que era o seu regimento, pois êle era Capitão e sabia a obrigação que êle tinha de mostrar que guardara a ordem que se lhe dera, e que, quando o não quisesse dar, que Sua Magestade teria a isso respeito, para a descarga que lhe era êle Capitão-mor obrigado a dar. Cornelius lhe disse que se embarcasse, e que êle lhe prometia de lho dar, (como de feito lho mandou dar na Ilha de Fernão de Noronha, deixando em sua mão o treslado autêntico pelos seus escrivães), e o fêz embarcar e passar à sua nau, com seu filho e com outros que lhe pareceu devia de tirar do galeão. E feito isto começaram logo, amigos e inimigos, a trabalhar sôbre o remédio do galeão, com quantos meios lhes foram possíveis até que se cerrou a noite, que os inimigos não quiseram esperar no galeão, não se havendo por seguros nêle; e retirados às suas naus, ficaram os nossos tão atemorizados aquela noite de se soverter o galeão, quanta era a razão que para isso tinham. E não sossegando até pela manhã, consistia o seu repouso das cansadas noites e dias atrás, em alijar quanta fazenda podiam ao mar, e em outras diligências que entendiam que lhes convinham, que em tais extrêmos, tudo são traças por salvar a vida.

Além das informações que tomei particularmente por pessoas de crédito, de que tirei o que tenho escrito, achei uma certidão de D. Pedro Manoel, que conta o successo desta batalha, até o galeão ser entregue, a qual inseri aqui, e é a seguinte:

«Partindo António de Melo de Castro, Capitão-mor das naus do reino, desta Ilha de Fernão de Noronha em um batel para o Brasil, para negociar remédio à gente da nau Santiago, que os holandeses deitaram na dita ilha, por ir muito doente e arriscado na embarcação me pediu uma certidão do procedimento que na dita nau se

tivera com os holandeses, na peleja que com elles teve. O que passou na forma seguinte.

• Vindo a dita nau demandar a Ilha de Santa Helena, conforme a ordem e regimento de Sua Magestade, e descobrindo o pôrto da dita ilha, vimos nela três naus de cossários holandeses, com muitas bandeiras e estandartes. E indo o Capitão-mor com a dita nau Santiago prestes, na melhor forma que pôde ser para se defender e ofender, pôs a proa na ponta da ilha, onde chamam o Esparavel, que era o lugar em que o regimento de Sua Magestade mandava que surgisse. E antes de chegar a êle se fizeram à vela do dito pôrto de Santa Helena duas naus dos inimigos, e vindo na volta do mar, vieram a surgir quási a um tempo no Esparavel, muito junto à dita nau Santiago, começando-se entre todos uma brava bateria de bombardas, com muita vantagem dos inimigos, assim pela fazerem na diferença da artilharia, por terem muitos canhões de bater e muito maior quantidade, como pelas muitas munições extraordinárias com que nos combatiam; e assim passou todo o dia, até que ao seguinte de madrugada nos fizemos à vela, por poder pelejar no mar e atravessar a nau, o que surtos não podia ser, e os inimigos nos combaterem pela proa onde não tínhamos artilharia com que os ofender. Finalmente no dito dia, e nos dois mais que durou a peleja, o dito Capitão-mor cumpriu com seu cargo, como de tal pessoa e tão experimentada na guerra se podia esperar. E no último dia, sendo a nau de todo desaparelhada de enxárcia, velas, ostais, e estar tudo cortado, o mastro grande passado por muitas partes, tendo-se a vêrga sòmente nos antigalhos que lhe puseram, e sobretudo não se podendo vencer a água que fazia das muitas pelouradas, vendo a gente e officiais da nau que se iam ao fundo, requereram todos ao dito Capitão-mor que se rendesse e não permitisse morrerem todos brevemente afogados. Ao que respondeu que

esperava em Nosso Senhor que tudo teria remédio, que pelessem como tinham feito e que esperassem a noite, na qual alijariam tudo o que fôsse possível ao mar e não lhes ficaria nada por fazer, e que confiava na misericórdia de Deus que se haviam de defender, animando-os com tôdas as mais palavras em tal tempo necessárias; e porque expressamente todos os officiaes disseram ao Capitão-mor que não tinham nau, e que se ia ao fundo, foi requerido por muitas pessoas que tomasse votos e pusesse o negócio em conselho, ao que respondeu que não, resolutamente, e que não havia para que tomar votos, nem era matéria de conselho, senão de nos lembrar que éramos cristãos e portuguezes, e nossas honras, e que era a nau de Sua Magestade, e que, em se render, se perdia muito mais que em morrerem todos afogados ou espedaçados da artelharia, que ainda havia muito que fazer, e que ninguém desamparasse a dita nau nem deixasse seu pôsto. Ao que se replicou geralmente, e algumas pessoas em particular, que, se Sua Mercê queria morrer, que elles não queriam, pois se iam ao fundo, não havendo já neste tempo quem fôsse ao leme nem cadeira, estando a nau no maior extrêmo a que podia chegar. E com a resposta do dito Capitão-mor se subiu muita gente ao capitêu e se pôs uma toalha ou bandeira branca, chamando aos inimigos, sem valer ao Capitão-mor bradar que lhe não desobedecessem, dizendo e fazendo todos os officios que um valoroso capitão, cercado de tantos trabalhos, podia fazer. E por tudo passar na verdade, o certifico pelo juramento dos Santos Evangelhos, e assinei aqui no derradeiro de Abril de 1604. — *D. Pedro Manuel.* »

CAP. VII — Do lamentoso successo do domingo, e do estado em que estava o galeão.

**A**o domingo tornaram os inimigos ao galeão para ver se o podiam remediar, mandando nove calafates, em que entrou José Diniz e oito holandeses, embalsados por fora do costado, a tapar os buracos a que pudessem chegar, com que o galeão estava feito um crivo. A mais gente portuguesa e holandesa entenderam em alijar fazenda ao mar, com tôda a outra cousa que lhes pareceu pesada; e porque as bombas estavam entupidas, se ordenaram muitos gamotes pelas escotilhas, que suprissem a falta das bombas. Os quais gamotes tinham também grande impedimento na multidão de côcos que se vieram acima de água, e impediam encherem-se e dobravam o trabalho aos que nisso se occupavam; e nem com trabalharem nesta forma, uns pela vida e outros pela prêsa, bastou para remediarem o galeão, que cada vez se sovertia mais, pelas muitas e profundas bombardadas que tinha, que nem por fora nem por dentro se lhe podiam tapar. Até que, desesperados os inimigos de algum remédio, parecendo-lhes que se detivessem mais no galeão, se podiam com êle soverter, chamaram pelas suas lanchas com tôda a pressa e lançaram-se a elas com tanta presteza e tão desacordados, que caíram dous deles ao mar e se afogaram.

Aqui se viu um terrível espectáculo, porque, vendo os portugueses a presteza com que os inimigos largavam a prêsa por não perderem com ela a vida, entraram em grande e desesperado temor, e, largando os gamotes e serviço que faziam, uns se despiam, outros vestidos arremetiam os bordos do galeão, e postos pela parte de fora, pelas mesas de guarnição, e pegados às enxárcias, pondo os olhos no céu, o rasgavam com gritos, pedindo a Deus misericórdia, e acrescentando com lágrimas as águas do

naufrágio em que se viam. Alguns se lançaram ao mar após os holandeses, os quais êles mataram cruelmente, como gente inhumana carecente de fé e caridade cristã. Foi um dêstes mortos o pobre do calafate José Diniz, que naquele successo tinha trabalhado com mais ânimo que de calafate. Ao escrivão do galeão feriram mal, e assim ferido se lhes pôde meter na lancha, e, deitando-se nela como morto, enquanto êles se ocupavam na morte dos mais, ficou ali com vida. Afastados os holandeses com as lanchas do bordo do galeão, quanto bastou para lhes não saltarem nelas, encaravam as armas a todo o que isto cometia, e detiveram-se ali um pouco, por algumas vozes que dele ouviam (que tomassem pedraria). E a alguns que lhes mostravam bisalhos dela, tomavam, e a todo o outro que cometia entrar matavam cruamente. Vendo o mestre Simão Peres que o negócio ia por aquella via, mostrou-lhes o apito de prata com sua cadeia, e por êle o tomaram.

Ia neste galeão um bombardeiro chamado Vicente Fernandes, fugido dêste reino para se ficar na Índia, temendo ser enforcado, por um homem do termo que matou mal, a S. Sebastião da Pedreira de Lisboa. Vendo êste que os holandeses não tomavam senão quem tinha pedraria, determinou de se arremessar nas lanchas, de cima da varanda, quando se largassem e preparassem por pôpa; para isso atou nela uma corda em que se embalsou com tais voltas e laços, que ao tempo que se quis lançar em uma lancha, se lhe embaraçou a corda no pescoço, de modo que ficou por ela enforcado; e estando perneando com a morte, lhe não quizeram os holandeses valer, e se afogou e morreu enforcado com as suas próprias mãos, permitindo-o Deus assim por seus secretos e justos juízos. A mais gente, quando viu que os inimigos não tomavam senão a quem lhes dava pedraria (que poucos tinham), e aos outros matavam, entravam em maior desesperação

da vida, e com uma triste desconsolação, postos nús por fora do costado, esperando por momentos gostar a amarga morte, davam desesperados gritos, pedindo misericórdia aos inimigos, que claramente os ouviam e nenhuma piedade tinham deles.

O capitão-mor António de Melo, não podendo sofrer aquêlê triste espectáculo em que via estar a sua gente, se foi ao capitão Cornelius, e lhe disse que, já que o soubera vencer com tanto valor, o soubesse mostrar em se apiedar daquela gente cristã, que via ir ao fundo diante de seus olhos pedindo-lhe misericórdia. A esta petição tão pia acudiu um holandês (que alguns dizem ser Lourenço Bique feitor daquelas naus), e pegando pelo cabeção ao capitão-mor lhe deu abano, dizendo-lhe: « Não peçais tal, que não queremos dar vida a inimigos, e vós os haveis de ir também logo acompanhar ao fundo, pois que podendo-vos render em tempo, os deixastes chegar àquêlê estado ». O capitão-mor parece que, como quem já estimava mais morrer com os amigos que viver entre tais inimigos, lhe respondeu: « A maior mercê que me podeis fazer é mandardes-me meter entre êles, onde eu bem desejei acabar antes a vida que ver-me a mim e êles como vejo ». Os do galeão, assim trespassados, vendo-se na infelice hora da morte, que por momentos esperavam, por o galeão estar já tão metido e cheio de água que parecia milagre não se soverter, e desesperados de acharem piedade em hereges cegos em tudo, tiraram os olhos deles, e pondo-os com tôda a sua esperança no céu, pedindo a Deus misericórdia com grande confiança, se lhes cerrou a noite, e cobrando um novo ânimo, mais descido do céu que de suas fôrças, arremeteram uns aos gamotes, outros a alijar fazenda e artelharía ao mar, e resando de continuo uma devota ladainha, acompanhada de lágrimas e suspiros, prouve a Deus ouvi-los e que o galeão se tivesse sôbre a água até pela manhã, que foi notável maravilha

e grande confusão e espanto para os inimigos, no que lhes Deus mostrou bem que só à sua Divina Magestade se há-de recorrer em tais apertos e pedir piedade e misericórdia.

CAP. VIII - Do successo da segunda-feira

**A** MANHECENDO à segunda-feira o galeão sôbre a água que foi cousa maravilhosa e mais que ordinária, e picados os inimigos da cobiça, parecendo-lhes que, pois o galeão se não sovertera aquela noite, ainda poderia ter algum remédio, e, quando não, tirariam dele alguma fazenda, tornaram a êle muitos para trabalharem, vendo que a nossa gente estaria já cansada (como estava de tantas noites e dias de fadiga), e entrando cortaram logo o mastro grande, que tinham por muito pesado, e que não aproveitava para navegar com êle, por estar tão crivado e espedaçado que não poderia esperar vêrga nem vela, e cortado o lançaram ao mar, com vêrga, gávea e tudo; e após êle alijaram muita fazenda, com assaz má-gua de seu coração, e feita tôda a diligência com calafates por fora do costado, que faziam grande efeito, por estar o mar mais lançado e quieto; e com os gamotes pelas escotilhas chegaram a estado de se desentupirem as bombas, e vazando com elas e com os gamotes a água por grande espaço, a chegaram a vencer. O galeão com estas diligências (e especialmente por ser Deus servido de se apiedar daquela gente, que esta é a verdade), ia descobrindo o costado e os buracos profundos, dando lugar aos calafates de os poderem tapar, até que só com as bombas chegaram a vencer a água, com tanta alegria dos nossos, que choravam com prazer, dando a Deus infinitas graças por tão maravilhosa mercê, conhecendo que de sua infinita bondade lhes resultara o remédio de suas vidas, e não fraca diligência de seus braços, com que se abraçavam uns aos outros, pedindo-se alvíssaras, com

tanto prazer como se se viram dentro na barra de Lisboa a salvamento. Vencida pois uma tão grande dificuldade, se puseram à trinca os inimigos alguns dias, até fazerem navegável o galeão, assim do estanque da água, como de velas de proa, em que havia mastro, pôsto que rôto e desbaratado, e, continuando as bombas, seguiram a derrota da Ilha de Fernão de Noronha, e expediram logo dali a terceira nau, que não tinha pelejado, na volta de Holanda, a levar nova da prêsa, para que se lhes segurasse um paço de Dunquerque, quando lá chegassem.

CAP. IX — Do que passaram até a Ilha de Fernão de Noronha, do modo com que os holandeses trataram os portugueses, e os lançaram nela.

**D**EPOIS de pacíficas as trovoadas e tribulações que houve no nosso galeão, se admiravam os holandeses de o ver tão cheio de fazenda, e vendo que só o que dele se tinha alijado era bastante para carregar uma grande nau, diziam aos nossos: — «Dizei, gente portuguesa, que nação haverá no mundo tão bárbara e cobiçosa, que cometa passar o Cabo de Boa Esperança na forma que todos passais, metidos no profundo do mar com carga, pondo as vidas a tão provável risco de as perder, só por cobiça; e por isso não é maravilha que percais tantas naus e tantas vidas; e o que mais nos espanta é ver que não vindo êste navio, nem para navegar, nem para pelejar, vos ponhais muito de siso a quererdes batalha connosco». Basta que estavam admirados de ver o galeão naquele estado; que fizera se o viram como partiu de Goa, porque não sendo êle de porte das naus de carga, senão muito mais pequeno e fraco, trazia mais fazenda que a maior delas; e só no porão quatro mil quintais de pimenta que era outra tanta como as duas naus inimigas com que pelejou, que traziam por carga da Índia

dia dous mil cada uma sòmente, sem mais nada, pôsto que foi pela razão apontada no capítulo segundo. E assim vinha o galeão a mais rica nau que muitos anos havia partido de Goa.

Puseram até a Ilha de Fernão de Noronha vinte e dous dias, nos quais foram os portugueses tratados cruelmente dos inimigos, com todos os desprimores possíveis, que se não puderam esperar de gente bárbara; e antes de os lançarem em terra elegeram dous holandeses, que entenderam que eram para aquêlle efeito apropriados, os quais foram passando aos nossos um e um pela busca do corpo e vestidos, por verem se desembarcavam com alguma pedraria ou peça de ouro. E digo pela busca do corpo e vestidos, porque não sòmente os despiam e descalçavam e davam busca pelos vestidos e partes exteriores, mas ainda pelas interiores, até lhes meterem por elas os dedos; e contra sua vontade lhe faziam beber um copo de vinho para lançarem da bôca alguma pedra, se nela a levassem; e só o capitão-mor António de Melo por mais honestidade o buscaram dentro em um camarote, e os próprios capitães holandeses o descalçaram e o buscaram sem lhe acharem cousa alguma; e o que os nossos mais que tudo sentiram (e com razão) foi o estrago que estes hereges fizeram em algumas imagens, que alcançaram à mão, e vestirem-se por ludíbrio em uma casula sagrada que no galeão vinha, fazendo farça do traje, procurando com grande gôsto que até êste opróbrío os portugueses tivessem para mais os magoar, o que a Divina Magestade sofre em semelhantes ocasiões pelos respeitos a seus oculos e justos juízos notórios. Diferente termo teve Francisco Draque, capitão inglês, com ser luterano, quando por batalha rendeu a nau da Índia S. Filipe (com nove naus com que andava entre as Ilhas dos Açores), da qual era capitão João Trigueiros, porque, trazendo-lhe da nau um Crucifixo de ouro, o tomou e lhe tirou o barrete, di-

zendo que a sua religião lhe defendia adoração das imagens, e como aquela era de Cristo, e de ouro, o poderia obrigar ao que se lhe defendia; que lhe parecia, por se tirar de dúvida, lançá-lo ao mar; e assim o fêz. E a tôda a gente da nau da Índia deu liberdade que de seus caixões levassem o que sôbre suas pessoas pudessem, de vestidos, e que se lhe não impedisse; e assim houve homem que sôbre si levou dous vestidos e pedraria e outras cousas, e até colchas e alcatifas tiraram envoltas em escravos; e quando desembarcaram na Ilha Terceira de uma urca em que mandou lançar a gente, ataviada de todo o necessário, não pareciam roubados, senão que desembarcavam da sua nau com muito gôsto; pôsto que o capitão João Trigueiros não quis sair senão com o seu vestido do mar, de pano de Portugal, como quem tinha razão de sentir o successo. E parece que se quis nisto haver Francisco Draque com esta gente com tanto primor, havendo que lhe bastava uma tão grande prêsa, para não cobrar nome de pirata formigueiro, como fôra se a despira e fizera o que fizeram os holandeses.

Não hei-de deixar de tocar, a êste propósito, outro primor, quanto a mim bem digno de ser contado, que usou o Conde Cunberland, inglês, andando com umas suas naus entre as mesmas ilhas, onde tomou uma urca que ia de Lisboa para a Ilha Terceira, em que entre outros passageiros ia Ventura da Mota, meirinho geral delas, com sua mulher e filhos, em uma câmara da urca com muito fato seu. Sabendo-o o Conde, *ante omnia* ordenou que um capitão seu de confiança fôsse diante, à urca, e lançasse na câmara em que ia aquela mulher nobre um cadeado, e que cinco palmos da porta da dita câmara não chegasse inglês algum, nem se lhe tocasse em fato que dentro tivesse, e fizessem conta que dentro na dita câmara não estava cousa alguma, por muito que se entendesse que podia estar dentro, e assim se fêz inviolâ-

velmente; e não cumpriu ao capitão o contrário por não passar pelo que em semelhante successo passou o capitão Arpar, que o mesmo Conde em Pôrto-Rico mandou enforçar sem remissão, sobre uma mulher, que desacatou. De modo que a mulher de Ventura da Mota esteve e se ficou em paz na câmara fechada, com tudo o que nela tinha, e nem o rosto lhe viu o capitão nem pessoa alguma, enquanto a urca se saqueou e largaram: primores certo dignos de memória de um Conde luterano ( que é mágua não ser católico ), e que o fazem tão famoso como a Trajano ser justo, se não fôra perseguidor da Igreja. E, tornando a nosso propósito, foram os do galeão Santiago lançados naquela Ilha de Fernão de Noronha, buscados e despojados (como dito é), sem cama nem cousa com que pudessem reparar a vida, e só a Francisco de Melo de Castro deram uma alcatifa, em que fôsse levado e deitado, por estar muito mal das feridas; e a todos os escravos que vinham no galeão dêram liberdade, e levaram consigo para Holanda os que se quizeram ir com êles.

CAP. X - Do sítio e qualidade da Ilha de Fernão de Noronha, e o que nela passou a gente do galeão Santiago, e como foi ter ao Brasil, e daí a êste reino, e como Sua Magestade tomou a perda e successo do galeão.

**D** ESEMBARCADA a nossa gente na ilha de Fernão de Noronha, se fêz nela resenha da gente, e se achou que dos nossos morreram na batalha e successo dela quarenta pessoas, sendo a maior parte escravos; e dos holandeses morreram dezoito. Esta ilha está em três graus e dois têrços do Polo Antártico, dista da costa do Brasil oitenta léguas, e alguns querem que cento; é pequena, áspera e pedregosa, tem alguns regatos de água muito salobra e ruim e alguns arvoredos silvestres,

e nenhuns de fruto, e muitos de algodão; não há nelaervas algumas de comer; tem gado vacuum, cabras e porcos, tudo bravo e nenhum doméstico; tem muitos pássaros marinhos e muitas rôlas, mais pequenas que as que arribam a Espanha. Estavam treze ou 14 escravos pretos, machos e fêmeas, e com êles um homem branco português por feitor. Eram todos baptisados, cristãos no nome, mas carecentes de Sacramentos e pasto espirital, e também de tôda a caridade, pela pouca ou nenhuma que nelles acharam os nossos roubados, por mais que lhes viram padecer necessidades.

Desembarcados nesta Ilha, cada um se acomodou como pôde, fazendo choças de ramos e camas de feno, apanhado tudo à mão, porque não tinham ferramenta alguma. Deram-lhes os holandeses obra de um moio de milho pilado, em barris, que era de sua matalotagem de Holanda, e um barril de arroz, e um pouco de biscoito podre, e um quarto de vinagre, sem mais outro mantimento; e ainda, para darem isto, foram muito instados dos nossos com muitos rogos, lembrando-lhes que só dos mantimentos do galeão se podiam prover a si até Holanda, e êles até Espanha, e sobejar; e para cozerem o milho lhes deram quatro caldeirões, dos muitos que no galeão havia. Com êste milho cozido, sem mais manteiga, nem azeite, passavam os nossos; e com tanta regra e provisão padeciam fome, porque o gado era muito bravo e o não podiam matar; e pedindo para isso uma espingarda aos holandeses, lha negaram, dizendo que a sua lei lhes defendia que não dessem armas a inimigos. Foi necessário aos nossos fazerem muitos mimos ao feitor, que estava na ilha com os negros, pedindo-lhe que os não desamparasse, parecendo-lhes teriam nêle abrigo; e porque não tinham que lhe dar, lhe prometeu o capitão-mor vinte cruzados por seu assinado, de lhos pagar no Brasil (como depois pagou), se lhes quisesse mandar pescar peixe pe-

los negros, e elle o fez pesadamente alguns dias, levado do interêsse, até que disse que se lhe gastavam os anzóis que tinha, sem terem ordem de matar uma rez, até que souberam que o feitor da ilha tinha um arcabuz sem serpe e uma pouca de pólvora, com a qual Simão Ferreira matou três vacas, apontando elle, e pondo-lhe outro o fogo com um tição; e tomaram à mão um bezerrinho, porque vendo a mãe morta não se quis ir de cima dela, até que chegaram e o tomaram. Desta carne se fez muita provisão, porque não havia mais pólvora; vendo-se com tão pouco mantimento, e já desenganados dos holandeses, que lho não haviam de dar, se entregou o que havia a Baltazar de Barbuda, com juramento de o dar por grande regra.

Neste apêrto acabaram com os holandeses que lhes dessem ferramenta; e havia muitos para fazerem um barco, em que mandassem ao Brasil pedir embarcação; o qual barco se fabricou com grande trabalho, pelo mau aviamento que tinham. Enquanto o ordenavam, os holandeses entendiam em baldear nas suas naus muita fazenda do galeão, e em o calafetarem e lhe fazerem mastro de umas antenas das suas naus, as quais consertaram do dano da batalha; e andando nestes consertos viram ao mar uma nau, que cuidaram ser da Índia, e houve entre elles grande alvorôço de irem a ela, com tenção de a tomarem, mas ela os tirou dêsse pensamento, porque se foi governando ao Sul, e desapareceu antes de elles fazerem vela, do que se mostravam em extrêmo magoados, dizendo que lhes escapara outra nau da Índia.

Padeciam os nossos nestes dias grandes necessidades, que não podiam remediar por não terem com que matar gado, nem peixe, nem pássaros, senão uns que eram chamados rabiforcados, da feição de minhotos, que se mantêm de peixe, e eram por isso de malíssima carne, e de tal natureza que se não deixavam depenar, senão esfolar

como coelhos; dêstes há muitos, e nos primeiros dias esperavam que os tomassem com a mão sem fugirem, de tal maneira que, trepando-se um homem com um pau na mão sobre uma árvore em que estava grande quantidade dêles, às pancadas derribou quarenta e oito, mortos, e mais matara se lhe não foram à mão os companheiros. Outro homem deu no campo com um pau num dêstes pássaros, e grasnando êle com a dôr da pancada, lhe acudiram tantos, que se não podia o homem valer, e por se defender dêles matou doze. Não durou muito esta facilidade de tomar êstes pássaros, porque, pondo êles côbro em si, se fizeram ariscos, não se deixando tomar, nem com o pau, o que deu cuidado àquela gente, porque, se não eram êstes pássaros, não tinham com que passar, por a terra ser muito estéril, sem fruta nem erva de comer; e quando em maior cuidado estavam, começaram os campos de brotar beldroegas em quantidade, e cresceram brevemente, das quais faziam pasto, cruas, e cozidas com os pássaros, e como cada um podia, ajuntando a isto alguns caramujos, de que havia boa quantidade, como também a havia de caranguejos, que criavam e habitavam em terra, fora do mar, em covas, por cuja razão tinham grande asco dêles e os não podiam comer.

Há também naquela ilha grande quantidade de ratos, que tem os pés tão curtos, que não andam nem correm, e o seu fugir e maneo é em saltos como pulgas, e assim os matavam fâcilmente, e houve pareceres que os não matassem e os poupassem para comer, se tal fôsse a necessidade a que receavam chegar. Ajudavam-se também de algumas tartarugas, que tomavam de noite ao longo das praias, saíndo elas à terra a pôr seus ovos, como têm por natureza, e como fazem as hemas, que os põem, e encovam na areia, e nunca mais os vêem, e ali a natureza os choca, e tira as tartarugas e as hemas, que por si depois se criam. Destas tartarugas tomaram algu-

mas tão grandes, que não podiam dois homens fazer mais que levar um quarto de uma. Tinham havido à mão um pouco de milho zaburro, do feitor da ilha, a trôco de camisas, que lhe deram; assentou o capitão-mor que o semeassem, por que, se tal fôsse sua dilação naquela ilha, recolhessem a novidade; e assim o fizeram, e todo o dia o vigiavam dos ratos, e de noite com fogos acesos e fochos, que só para isso faziam, e quando se embarcaram ficava já o milharal muito fermoso.

Destas más comidas, e da maldade das águas daquela ilha, vieram a inchar alguns, dos pés, e outros a enfermar de febres e sezões, como foi o capitão-mor, para o qual se houve do feitor da ilha uma galinha, a trôco de camisas, sem os holandeses lhe quererem dar uma das muitas que ficaram no galeão; e porque esta galinha, em chegando, acertou de pôr um ôvo, pareceu que a não matassem enquanto pusesse, e se aproveitassem do ôvo para o capitão-mor e para seu filho que estava muito mal das feridas; e assim se fêz muitos dias, tendo por ordem de Domingos Pereira, criado d'El-Rei, que não se desse ôvo, senão a qual dêles se visse que tinha maior necessidade dêle. Estando nestes extrêmos fabricando o seu barco a tôda a pressa, lhe escreveram os holandeses uma carta, cuja cópia me pareceu pôr neste Tratado, com a própria linguagem e ortografia; e é a seguinte: « Senhor capitão-mor: Vm. há-de saber que havemos aqui entendido que D. Filipe que andou alguns dias passados com uma cadeia de ouro, o qual há visto nossa gente, que foi a terra, que não nos aparecer bem, não por valia de cadeia senão por fanfalaria, que fêz em na trazer a dita cadeia, e faça-me mercê de mandá-la, essa que se tem visto. O portador desta, que é o mestre Simão Peres, mando dois mastros e cabo para a estoupa. O qual não houvêramos de mandar, se não fôra por pedimento do dito Simão Peres, e que êle anda sempre suplicando aos senhores Capi-

tães. A 21 de Abril, da nau Jelandia, ano de 1602. *El Escrivano* ».

A esta carta respondeu o capitão-mor que de tal cadeia se não sabia parte, nem a viram. E logo daí a cinco dias escreveram outra carta, cuja cópia se segue, na forma que está: « Capitão-mor e aquêl portuguez, que aqui está por guarda desta Ilha, hão de saber que havemos sofrido até hoje que não nos tem mandado nenhuma cabra, nem uma vaca, pelo que avisamos a Vossas Mercês que não queremos esperar mais; em vindo êste nos mandem vacas e cabras, e se assim não fizerem, nós mandaremos nossa gente com armas, para que as tomem por fôrça, e faremos todo o mal e dano que pudermos, assim na terra, como no demais, e queimaremos o barco, que temos mandado fazer; por onde o que se pode fazer por bem procurem Vossas Mercês, que não hajam de fazer por êstes termos, e seja a resposta desta as cabras e vacas, e não por cartas, que assim convém. Desta nau Jelandia, hoje 26 de Abril de 1602 anos. Por mandado dos nossos Capitães, *El Escrivano* ».

A esta carta respondeu o capitão-mor que a êles lhes não faltava já por fazer mais que executarem as ameaças daquela carta, que fizessem o que lhes desse gôsto, porque êles, nem vacas, nem cabras tinham, nem com que as matar, por serem mui bravas; e por isso pereciam à fome.

E acabando com os holandeses: depois de gastarem nesta ilha muitos dias em se aparelharem para viagem, e tendo passados às mais naus a maior parte da fazenda do galeão, de que se não fiavam pelo estado em que estava, se partiram com êle na volta de Holanda, levando consigo muitos escravos, que se com êles quizeram ir, e alguns marinheiros forçados. E um florentino chamado Francisco Carlete, que tendo ido à Índia, por via das Filipinas, vinha neste galeão com muita fazenda e encomendas de muito preço, que êle dizia serem do seu Gran-

-Duque, com cujas armas trazia muitas peças, alegava aos holandeses que lhe não podiam tomar a dita fazenda, por ser vassallo do duque de Florença; altercadas as dúvidas se foi com êles a Holanda, confiado em que se lhe havia de tornar tôda sua fazenda, e houve grandes dares e tomares se o levariam ou não. Aos marinheiros que levaram forçados, prometeram de lhes dar suas fazendas em Holanda, e lá zombaram deles.

Acabado o batel, que os nossos com trabalho puseram em perfeição, e tão bom e bem acabado, como de tal lugar se não esperava, ajuntou o capitão-mor a sua gente, e lhe pôs em prática que escolhessem o mais acertado, de quem havia de passar naquele barco ao Brasil a procurar embarcações que os tirassem daquele destêrro, e que, se quisessem que êle fôsse e levasse consigo a seu filho Francisco de Melo, pelo estado em que estava, iria de boa vontade, ou que elegessem quem fôsse. Ao que respondeu por todos o padre Frei Félix, que eram de parecer que êle capitão-mor fôsse, porque com sua autoridade seriam do Brasil mais presto socorridos; porém que seu filho Francisco de Melo havia de ficar com êles, para com lhes deixar tal penhor se espartar mais em lhes acudir; ou que enviasse seu filho e ficasse êle. Em resolução, o capitão-mor se embarcou com D. Pedro Manoel, e com o mestre Simão Peres e o pilôto Ramos e alguns marinheiros, deixando aquella gente com a esperança de suas vidas, depois de Deus, postas naquele barco chegar a salvamento; e elegeram por seu capitão a Francisco de Melo, em ausência de seu pai, e na noite seguinte tornou o barco a arribar porque fazia tanta água que se ia ao fundo. Tornou a ser calafetado e breado de novo, como foi possível, pelo pouco breu e estôpa que havia; e por o capitão-mor quando se embarcou ir mal convalecido, recafu de modo, que não pareceu se devia tornar a embarcar, e foi só D. Pedro Manoel com o mestre e pilôto e marinhei-

ros. E deu-lhe Deus tão bom successo, que ao segundo dia viram a terra do Brasil e tomaram o pôrto de Paraíba, donde D. Pedro Manoel avisou ao governador Diogo Botelho, que estava em Pernambuco, do a que ia. E o governador com grande diligência fêz expedir duas caravelas, aviadas do necessário, a buscar a gente da ilha, até onde puseram oito dias, por ser contrário o vento. Recolheram a gente com assás alegria, que não esperavam tão breve socorro. Embarcaram-se todos dando fim àquêl destêrro, mas não aos trabalhos, porque, apartando-se as caravelas com o tempo, a do capitão-mor viu terra por lugar que não foi conhecida, e lançado ferro onde se via uma cruz, sem o barco poder ir a ela, por estar o mar ro-leiro de travessia, prometeu o capitão-mor cinqüenta cruzados a quem se atrevesse a ir a nado reconhecer a terra, como foi um soldado que sabia a língua dos brasis, o qual saíndo a nado em terra ficou nela, porque aquella noite apertou tanto o vento que quebrou a amarra à caravela e a constrangeu a ir na volta do mar; e o mesmo fêz em outra parte à outra caravela, que também deixou em terra a D. Manoel de Lacerda e João Pereira, os quais, caminhando atrás, foram ter com o capitão-mor ao Rio Grande, onde ambas às caravelas se ajuntaram, e onde veio ter o soldado que ficara em terra a noite passada, contando os trabalhos que passara em escapar aos brasis, que lhe acorreram. As caravelas se partiram dali para êste reino, sem trazerem ninguém consigo, por falta de mantimento, que não tinham mais que para sua provisão.

Neste Rio Grande, que dista da Paraíba quarenta léguas, se viu esta peregrina gente em apêrto, por falta de mantimentos, que não havia, nem os soldados que ali residiam naquele Rio os tinham para lhos darem, antes padeciam necessidade. Acharam na nova cidade de Santiago, que ali se principia, e tem ja três casas de pedra e cal, D. Beatriz de Menezes, mulher do capitão dali, João

Rodrigues Colaço, que naqueles dias era ausente, e ela os agasalhou e proveu com grande caridade como lhe foi possível, e de tal modo, e com tanta honra, que supriu a falta que a ausência do capitão seu marido podia fazer. Por aldeias dêste Rio e nova cidade, andavam na conversão do gentio dous padres da Companhia de Jesus, que com sua santa doutrina e religioso exemplo tinham feito muito fruto naquele gentio, com ser o mais bruto e inconstante do mundo todo, como êles costumam fazer em tôda a parte. Alegraram-se em extrêmo os padres de ver aquela gente, desejando metê-los a todos na alma, compadecendo-se em extrêmo de seu trabalho e mau successo da fortuna, agasalhando-os com grande amor e caridade com tudo o que lhes foi possível e o sítio em que estavam se compadecia, até lhes darem dous cavalos, que levavam para o caminho. Dali caminharam para Pernambuco, que são sessenta léguas, onde estava o governador, e passaram pela Paraíba, que dista do Rio Grande quarenta léguas, e trinta de Pernambuco; pelo caminho passaram muitos trabalhos, por não ser seguido, e pelos rios e atoleiros grandes em que davam, que passavam lançando nêles muitos troncos, e ramos de árvores, e para os dous cavalos passarem, os atavam de pés e mãos, e como mortos os iam arrastando por cima da tranca e rama até a outra parte, onde os tornavam a selar. O capitão-mor ia tal das seções e febres, que tomava por refrigério, para matar os ardores das calmas e febres, meter-se nos rios até o pescoço. Em Pernambuco, o governador Diogo Botelho os agasalhou a todos com tanta honra e liberdade, que parecia querê-los restaurar das máguas e trabalhos passados, provendo-os de tôdas as cousas necessárias abundantemente, e vestindo, a todos os que queriam vestidos, daquilo que êles queriam e pediam, e até de veludo vestiu alguns consolando-os de seus trabalhos com um amor e grandeza de ânimo magnânimo, e a todos embarcou

para êste reino providos do necessário, em diferentes embarcações, que cada um escolhia como melhor lhe parecia. E no mar ainda foram alguns tomados de ingleses, em especial D. Pedro Manoel, que experimentou ainda mais aquêlê toque da fortuna, com ânimo pronto a outros maiores. O capitão-mor, foi ter à Galiza, donde veio por terra a Lisboa muito enfermo, e em chegando foi notificado, por um corregedor da parte de Sua Magestade, não entrasse na côrte de Valhadolid sem sua licença; que parece que quis Sua Magestade, em razão de Estado, saber primeiro de seu procedimento e como se tomara o seu galeão; sôbre o que mandou tirar devassa pelo doutor Melchior de Amaral do seu conselho e Desembargo do Paço, e pelo que dela constou, escreveu Sua Magestade a D. Cristovão de Moura Côrte Real, Marquês de Castel-Rodrigo, Viso-Rei e general dêstes reinos, em carta de 15 de Julho de 1603, o capítulo seguinte:

« Vi a consulta do Desembargo do Paço, sôbre a perda do galeão Santiago, em que vinha por capitão-mor António de Melo de Castro, e o parecer do doutor Melchior de Amaral, com a nova devassa que tirou por meu mandado do mesmo successo, para se saber dos culpados, e com ela me conformo, ficando muito satisfeito do bom procedimento do dito António de Melo, e de ter êle cumprido com a obrigação de seu officio, e com a que tinha a meu serviço, conforme a confiança que dêle fiz, quando o escolhi para êsse cargo (o que lhe direis de minha parte), e porque enquanto se averiguava esta verdade, pelo muito que importava a meu serviço, se lhe impediu de minha parte, que não entrasse nesta côrte, o que agora cessa, por não resultar contra êle culpa alguma, antes prova mui bastante de me ter servido bem na dita ocasião; lhe direis também que livremente pode vir a ela, quando lhe parecer, e tratar de suas pretensões, e que nelas terei lembrança de lhe fazer mercê,

conforme a seu serviço e à satisfação que tenho de sua pessoa; &c.

A qual carta copiei aqui, para que se veja o modo que Sua Magestade teve de honrar ao seu capitão-mor, por termo tão extraordinário, poucas vezes visto em semelhantes ocasiões, que parece que se andaram buscando palavras com que lhe agradecesse o zêlo que mostrou a seu serviço; que assim o ordena Deus com todos os que singelamente desejam acertar em suas cousas, como se prova bem que desejou António de Melo, em quem tôda a honra de Sua Magestade foi bem empregada por seu valoroso e honrado procedimento; e pôsto que El-Rei Nosso Senhor teve tenção de mandar castigar e proceder contra os que se motinaram e entregaram o galeão, desobedecendo ao capitão-mor, contudo, sendo certo do estado em que já estava naquele dia, pareceu que já não estavam obrigados a mais. Pelo que, houve por bem que cessasse o castigo que se ia começando, havendo que todos chegaram ao termo do que eram obrigados e cumpriram com sua honra como deviam.

CAP. XI — Do horrendo espectáculo, batalha e successo da nau Chagas, capitânia da carreira da Índia, que ardeu entre as Ilhas dos Açores no ano de 1594.

**P**ELO que fica dito do galeão Santiago se pode coligir a causa de sua perdição, que cada um julgue a seu arbítrio e considere os trabalhos e misérias que padeceu aquela gente, e os maus tratamentos que lhes fizeram os holandeses, depois de rendidos, que é cousa que bárbara nação não costuma fazer. No que bem se manifestaram serem inimigos capitais da nação portuguesa, e tais se mostraram já na queima da nossa cidade de Faro, que pode ser não sucedera se naquela armada não vieram holandeses, sendo esta nação holan-

desa a que melhores obras recebeu sempre dêste reino, que tôdas as outras nações. Mas basta serem hereges, cegos e errados, rebeldes à Santa Madre Igreja e a seu Rei e Senhor natural, para não haver que fiar deles e haverem os nossos que, caíndo nas suas mãos, caem nas dos maiores inimigos que a nossa nação tem. E imitem antes os valorosos e memoráveis cavaleiros que, combatendo na nau Chagas contra os ingleses, morreram abrasados e afogados, antes que entregarem-se-lhes, como logo veremos brevemente, e a causa porque se perderam à vinda da Índia três naus juntas, no ano de 93, cujo capitão-mor era Francisco de Melo, irmão do monteiro-mor dêste reino, e como esta capitânia com a gente de duas naus de sua companhia se viu no mais horrendo espectáculo que já-mais aconteceu, não digo eu em nau da carreira Oriental, mas não sei se em outra alguma depois que há navegação pelo Oceano; o que tocarei brevemente, emendando o que me estendi no successo do galeão Santiago.

Partiu de Goa no ano de 1593 o capitão-mor Francisco de Melo, de torna-viagem para êste reino, na famosa nau Chagas sua capitânia (ou nau das chagas como cedo a veremos), uma das maiores naus que houve naquela carreira, carregada de muita riqueza e pedraria e bom da Índia. Trazia muita gente e alguns fidalgos como em seu lugar se declara; e juntamente partiram de Cochim as mais naus de sua companhia, como é estilo, uma das quais era Nossa Senhora de Nazaré, capitão Julião de Faria Cerveira, carregadas ambas no profundo do mar de muita riqueza, gente, alguns fidalgos e pessoas nobres. E vindo demandar o Cabo da Boa Esperança, nêle teve a Chagas, capitânia, tantas tormentas e ventos contrários, que a constrangeram depois de muitos trabalhos a arribar a Moçambique, onde invernou. As outras duas naus também vinham da mesma maneira, tão sobre-carregadas por cobiça (que tanto mal tem feito a

este reino), que a de Santo Alberto abriu pelas picas de pôpa, fazendo tanta água, que, por lha tomarem, lhe cortaram uma caverna (conselho inconsiderado, e que a muitos tem custado bem caro, porque cortar madeira em todo o caso é defeso, e assim fique por aviso, por mais que se cuide que é remédio), o qual corte de caverna acrescentou o dano de modo que não puderam vencer a muita água, nem com bombas, gamotes e barris, nem bastou alijar tudo o que havia sôbre as cobertas e debaixo delas, de dia e de noite, para não deixarem de tomar por último remédio (e por grande mercê de Deus) darem com a nau à costa no Penedo das Fontes, cujo naufrágio e roteiro escreveu João Baptista Lavanha, e cuja gente, como êle conta, foi ter a Moçambique por entre aquela bruta Cafraria, 300 léguas por terra, levando por capitão a Nuno Vélho Pereira, capitão de Sofala, que os governou e levou, tão largo e occulto caminho, com o recato e prudência que convém por entre aquêles bárbaros.

A nau Nazaré, tendo caminhado quinze graus da parte do Sul, como era nau de grande reputação e de bons oficiais e capitão de experiência, foi tanta a carga e gente que nela se meteu, que vinha por baixo do mar, e dando-lhe um temporal, começando a trabalhar, abriu também pelas picas e delgados de pôpa, descozendo-se por muitas partes, e cuspiendo a estôpa e calafetado, e fazendo tanta água que se ia ao fundo, sem bastarem bombas, gamotes, baldes, nem alijarem de dia e de noite, e com grão temor de se soverter antes de poderem chegar a alguma terra em que ancorassem por salvar a vida; até que, com o favor de Deus e com as muitas diligências do capitão, que além de grande soldado era muito melhor marinheiro, puderam chegar a Moçambique, véspera de Nossa Senhora de Março, onde com diligência foi descarregada, e, dando-lhe querena, se não pôde remediar; e foi encalhada, e se viram as grandes aberturas, e muitas cos-

turas em tal modo que estavam nelas recolhidas grande soma de caranguejos; e isto de costuras nasce das madeiras serem verdes e de as não cortarem na lua velha de Janeiro, que é sua verdadeira sezão, e na minguança do dia.

Junta a gente destas duas naus perdidas em Moçambique com a da Chagas, sua capitânia, o capitão-mor Francisco de Melo os agasalhou, ora com lágrimas da dôr de seus trabalhos, ora com rôsto alegre pelos ver livres deles, oferecendo aos necessitados o necessário e aos ricos sua nau, com grande amor, consolando-os a todos como foi na sua mão; e muitos se tornaram para Goa, outros se embarcaram na nau em que se meteu tôda a fazenda da nau Nazaré, que foi possível, até meter o cizbordo debaixo da água, pelo qual logo no pôrto começou de fazer água.

Era mestre desta nau Manoel Dias, e pilôto seu filho João da Cunha, que sendo sota-pilôto, sucedeu no cargo de pilôto por morrer Sebastião Fernandes; e chegado o tempo, fêz vela para êste reino aquela nau, famosa não só no nome mas no corpo e riquezas e tôda a pedraria de três naus, com obra de quatrocentas almas, de que as duzentas e setenta eram escravos, e os cento e trinta portugueses, em que entravam alguns fidalgos e soldados, como eram D. Duarte Deça, que foi capitão de Goa, Nuno Vélho Pereira, capitão de Sofala, Braz Correia, capitão da nau Nazaré, Julião de Faria, capitão da nau Santo Alberto, António de Póvoas, capitão-mor da armada de Dio e capitão do mesmo Dio por morte de seu cunhado Manoel Furtado de Mendonça, D. Rodrigo de Córdova, castelhano, João de Sousa, Pedro da Costa de Alvelos, João de Valadares Soto-Maior, que foi na Índia capitão muitas vezes de navios, Paulo de Andrade, Henrique Leite, Luís Leitão, António Godinho de Beja, Bento Caldeira, Marcos de Góis, Diogo Nunes Gramaxo, Mel-

chior Martins do Barreiro, Gregório Gomes Galego. Vinha mais o padre Frei António, sacerdote, frade franciscano, e Dona Francisca da Fonseca, filha de Bernardo da Fonseca, vedor da fazenda da Índia, e mulher de D. Tristão de Menezes, capitão de Goa, com três filhos, um deles já homem, chamado D. Simão, e dous moços pequenos, e duas filhas, uma já mulher, chamada D. Luiza de Menezes, donzela fermosa, e outra menina; vinha com esta Dona um seu irmão. Também vinha nesta nau Dona Isabel Pereira, filha de Francisco Pereira, capitão e tanador-mor da Ilha de Goa, e mulher que foi de Diogo de Melo Coutinho, fidalgo de muitos merecimentos, que por vezes foi capitão de Ceilão, e trazia consigo sua filha Dona Luisa de Melo, moça donzela e fermosa, que pouco havia tinham escapado do naufrágio da nau Santo Alberto, no Penedo das Fontes, caminhando pela Cafraria a pé mais de trezentas léguas; e vinha herdar esta moça em Évora um morgado por parte de seu pai, e por isso, tendo escapado daquele naufrágio, se não quis ela, e sua mãe, tornar para a Índia.

Fêz a nau vela, e passou o Cabo de Boa Esperança com grandes tormentas e trabalhos, fazendo muita água pelo cisbordo, sôbre que se faziam grandes vigias; e alijaram muita fazenda, que vinha por cima, e mantimentos que depois lhes fizeram bem minguar, e pode ser que foi isso a causa de seu dano, como adiante se verá. Passado o Cabo, como muitos, ou todos, esperavam ir à Ilha de Santa Helena, fêz o capitão-mor junta e mostrou o regimento, em que lhe proíbiam não tomasse a dita Ilha, por sua Magestade ter nova de irem a ela ingleses, e que, se houvesse falta de mantimentos e de água, tomassem o pôrto de S. Paulo, de Luanda, e não fôsem ao Brasil. E porque em Moçambique, passando para a Índia D. Luís Coutinho, capitão-mor das naus, souberam nesta nau, que os ingleses tinham tomado no Corvo a nau capitânia Ma-

dre de Deus e feito queimar a nau Santa Cruz, que levavam o mesmo regimento que o capitão-mor mostrara, entendeu que mais certos seriam os ingleses em Angola, que em Santa Helena, vendo pelo regimento de Fernão de Mendonça, capitão-mor da nau Madre de Deus, como os mandava Sua Magestade ir a Loanda e não tomar a ilha de Santa Helena; e com se averiguar que menos perigo haveria nela, que em Loanda, e ainda que o capitão-mor assim o entendesse, não se quis desviar do regimento de Sua Magestade, e tomou Angola, e no pôrto de Loanda esteve alguns dias. E provido de água e mantimentos se fêz à vela, acrescentando-se as bocas com muitas pessoas de escravos, que tomaram; e gastaram muitos dias nas grandes e doentias calmarias daquela enseada de Guiné, onde lhe adoeceu do mal de Loanda tôda a gente e morreu quási a metade, e da que escapou vinha a maior parte tão doente, que mal podiam tomar as armas quando chegaram às Ilhas dos Açores. E como estiveram em sua altura, houve junta e conselho do que se faria (se nas cousas e successo do mar o pode haver); e se averiguou por quási todos que a nau não houvesse vista do Corvo, pôsto que Sua Magestade mandava em seu regimento que a buscassem e achariam nela sua armada.

Tomado pois êste assento, e indo caminhando com a proa onde lhes convinha, parece que como não podiam fugir da dura sorte, daí a três dias alguns homens do mar folgazões (que são os que ordinariamente danam no mar todo o bom conselho), suspirando pela água fresca e frutas das Ilhas, passaram palavra com alguns soldados, que não havia de haver no mundo não tomarem as Ilhas; e lançando uma voz motinadora, que não havia mantimentos para passar ao reino, se foram ao capitão-mor fazer-lhe requerimentos pacíficos, que tomasse as Ilhas, e com grandes protestos. O Capitão-mor, que contra a forma de seu regimento as deixava já de tomar, pelo que se

tinha assentado, temeu aquela voz pública, e parecendo-lhe que de não tomar as ilhas, sucedendo-lhe algum mau sucesso, podia ser repreendido de Sua Magestade, pacificou a turba motinada e fêz segunda junta, desejoso de acertar com o melhor conselho (que nunca no mar é certo se não desce do céu); e como na junta havia homens de tanta experiência, tiveram mão no primeiro conselho, se na nau houvesse mediocrementemente mantimentos com que buscassem a costa sem ver Ilhas; para isto se visitou a nau por Diogo Gomes Gramaxo e Luís Leitão, pessoas de confiança para isso eleitos, que orçaram e balizaram os mantimentos e água que havia e assentaram que não bastavam para se escusar de tomar as Ilhas. Isto junto ao motim e ao regimento, não pôde o Capitão-mor fazer outra cousa senão pôr a proa no Corvo, e nisso vieram os mais bem forçados, e o mesmo capitão-mor, do que entendiam lhes convinha. E pondo todos o rosto à fortuna, se pôs a nau a ponto de guerra, assentando todos que, encontrando inimigos, antes se abrasariam e soverteriam, que renderem-se. Com esta resolução, o Capitão-mor repartiu as estâncias, encomendando a pôpa a D. Rodrigo de Córdova, e a proa a António das Póvoas, e o convés a Braz Correia, ficando o capitão-mor no lugar do perpau. Nuno Vélho não quis lugar certo, pedindo ao capitão-mor o deixasse livre para acudir onde mais necessidade visse, e nessa liberdade ficaram alguns capitães; e por fim Nuno Vélho no tempo da batalha lançou mão do capitéu, lugar depois muito acometido dos inimigos; outros escolheram a proa com António das Póvoas, por ser lugar mui importante.

Cumprindo o capitão-mor com o que lhe tocava no provimento das estâncias e repartições da gente, e providos ministros e capitães para as gáveas, e Diogo Gomes Gramaxo para o cuidado da pólvora, que é cousa de grande confiança nas batalhas do mar, cumpriu também

a nau com seu caminho e chegou à vista do Corvo, que não pôde ferrar pelo vento contrário, e indo na volta do Faial, em vinte e dous de Junho do ano de 1594 houve vista de três naus grossas, conhecidas logo por inglesas, e eram tôdas dum porte, de trezentas para quatrocentas toneladas, e uma delas do Conde Cumberland, das quais era general Ckeve, capitão de infantaria, e seu almirante o capitão António. Estavam guarnecidas de muita gente de guerra e muita artelharía grossa de bronze, de que cada nau tinha duas andainas, em que entravam canhões reforçados de bater, e de muitas armas e petrechos de guerra, e eram naus de sorte, que podia cada uma só por si combater com a nossa nau Chagas, cuja gente vendo chegada a hora, já tantos dias antevista, e que sua sorte não fôra outra, tornaram a passar palavra que se não renderiam sem primeiro renderem as vidas, e o mar e fôgo comesse a nau; e com esta determinação dos mais valorosos, alguns, se o não eram, vieram nela, dando fim à sua sorte e mau grado à fortuna, encomendando cada um sua alma a Deus. E chegada a hora do meio-dia, se travou com os inimigos uma cruel e medonha batalha, de bombardas e mosquetes, sem em todo aquêlê dia e tôda a seguinte noite até ao outro dia, em tôdas aquelas vinte e quatro horas, haver hora nem momento em que cessasse a terrível bateria, com muitos mortos de parte a parte, sendo a nossa nau mais acometida e mal tratada pela pôpa, onde lhe sentiram menos artelharía, e aonde por essa falta lhe foi pôsto de noite um falcão em cima, e na tolda se abriu uma portinhola para uma peça de artelharía, que nela se pôs com trabalho, e alistaram-se as duas peças do leme, que vinham recolhidas, por haver poucos bombardeiros, pelos muitos que foram mortos da doença de Loanda, e na batalha já neste tempo alguns, de tal maneira que Nuno Vêlho Pereira, Pedro de Alvelos da Costa, António Godinho e Braz Correia serviram de bombardeiros.

Vendo os inimigos a nau armada por pôpa, donde eram muito ofendidos pela grande diligência com que se meneavam nela aquelas poucas peças, e desenganando-se que não fariam com ela efeito às bombardas, antes lhes tinha já a êles morta muita gente, se ajuntaram tôdas as três naus, e assentando que abalroassem a nossa nau, a investiram a horas do meio dia; a capitânia tomou a nau pelo meio, e a almiranta pela pôpa, e a nau de Cumberland pela proa, atravessada; investindo assim tôdas três, se disparou artilharia de parte a parte, com roqueiras, pelouros de cadeia e de picões; houve em todos grande estrago, juntamente com a mosquetaria e munição; das gáveas choviam as panelas e alcanzias de fogo, os dardos, e pedras; e pelos bordos ardiam as bombas, e lanças de fogo, caindo de tôdas as partes muitos mortos e feridos, estando tôdas as quatro naus feitas um vivo incêndio e rios de sangue, quais eram os fortes combatentes, ateimados os ingleses pela prêsa e os portugueses pelos desenganaram dela. O mar estava roxo com sangue caído dos embornais, os conveses juncados de mortos e o fogo ateado nas naus por algumas partes, o ar tão occupado com fumaças, que não só se não enxergavam uns e outros, mas mal se conheciam muitos de tismados e mascarados do fogo e pólvora.

Os da Ilha do Faial, que viram investir estas naus, não as enxergaram durante a batalha porque as cobriu uma grossa nuvem negra de fumaças, dentro na qual ouviam os temerosos estrondos da batalha, com que D. Rodrigo de Córdova foi espedaçado pelas pernas de um pelouro de bombardas, em que mostrou tanto valor, que, levando-o para baixo morrendo, levantou a voz dizendo: *Senhores, isto recebi em meu officio, haja bom ânimo e ninguém desampare seu lugar, e antes abrasados que rendidos.* Sucedeu-lhe na pôpa Pedro de Alvelos da Costa, tão valeroso soldado qual depois pareceu aos ini-

migos que por ela cometeram a entrada, começando pelo perpau, aonde Nuno Vélho acudiu com uma lança de fogo, e ajudado de Luís Leitão e Melchior Martins do Barreiro, com outros, os fizeram retirar, pondo-lhes o fogo na sua vela; aonde também acudiu Pedro de Alvelos com uma espada larga, cujos fios os inimigos provaram, e até a relíngua da sua vela lhes cortou com ela. Retirados os ingleses de arremetida e má entrada que fizeram, os começou Pedro de Alvelos de apertar com o falcão da pôpa, com roqueiras de pelouros, ajudado do mestre e piloto e sota-piloto, que não ousava algum parecer nem descobrir-se, pelo grande dano que recebiam.

Os ingleses da capitânia, por emendarem o mau successo da entrada dos da almiranta, cometeram duas vezes a entrada pela xareta, com tanto ímpeto e confiança como se na nau não houvera já quem lhes resistira; porém Braz Correia, que no convés estava com sua quadri-lha, os recebeu de modo (e juntamente Nuno Vélho, de cima da pôpa, com seus companheiros, e António das Póvoas com os seus da proa), que por mais que os ingleses trabalharam por se retirarem, o não puderam fazer todos, sem alguns com a pressa caírem ao mar e outros ficarem mortos na xareta; e os que escaparam, desenganados de tornarem lá. Em uma destas entradas foi morto Melchior Martins do Barreiro, com uma mosquetada, tendo mortos alguns ingleses, e em seu lugar entrou na pôpa Bento Caldeira, por ordem do capitão-mor, que corria e provia as necessidades, desenganando a todos que a nau se não entregaria sem primeiro morrerem todos, e animando-os com grande valor.

Os ingleses da nau da proa, parecendo-lhes que não cumpriam com a sua obrigação sem fazerem também entrada, cometeram uma, que lhes custou tão cara, quais eram os combatentes que defendiam aquêl lugar, os quais naquela nau inimiga, que lhes ficava atravessada,

fizeram notável dano; e havendo os ingleses da capitânia que, estando pelo bordo e raso da xareta, não faziam o que deviam sem render por ali a nau, cometeram terceira entrada com grande ímpeto, mui cobertos de rodela de aço e capacetes e outras boas armas, deliberados a morrer ou render a nau, e levantaram na xareta da nossa nau bandeira branca de paz, parecendo-lhes que os nossos folgariam de abraçar-se com ela; e o primeiro que os nossos mataram foi o da bandeira, a tempo que já da nossa nau o sota-pilôto João da Cunha levantou da pôpa outra bandeira branca, a qual Nuno Vélho, e os do capitão, lhe romperam logo e lançaram ao mar, querendo-o matar a êle pelo atrevimento, dizendo-lhe que o negócio se não havia de averiguar com bandeira branca, senão de sangue, e morte de todos, e que se desenganassem os ingleses; e em tôdas as estâncias corria o mesmo voto, pôsto que alguns mercadores, que ali vinham, desejavam mais paz do que folgavam de ver tanto sangue; e começou de correr uma palavra, que se ia a nau ao fundo, e logo outra, que ardia a nau; e ouviam-se os écos: « Abra-se-se, vá-se ao fundo; mas não se ha de entregar ».

Retirados os ingleses que escaparam da entrada, a briga se porfiava, como se começara, sem haver em que pôr os olhos, senão em mortos, fogo e sangue, aturdidos todos do grande estrondo, e com uma sanha e bravaza terrível. E duas vezes se pegou e apagou o fogo na capitânia inimiga, e uma vez na nau da proa, que se afastou ardendo sem remédio, mas a tempo que o mesmo fogo tinha saltado no cochim de cairo da nossa nau, que tinham no gurupés para guarda da vela do traquete, que os nossos se descuidaram de tirar (inadvertência que lhes custou tão caro, que não custara se êste cochim não fôra). Estando os inimigos já de todo desenganados de vitória, desejosos de se poderem desembaraçar dos nossos, foi tal a fúria do fogo no cochim, por estar mui sêco

do sol e guarnecido e cercado de alcatroados, e foram tão altas as chamas que se atearam na vela, e por ela acima até a gávea, como por estopas, abrasando vela, enxárcia, e gávea, com tanto ímpeto e brevidade, que se lhe não pôde atalhar, porque além de não terem para isso ordem, nem instrumentos com que lançar a água tão alta (como devia de haver em semelhantes naus, porque os há), os inimigos da nau da proa, enquanto se foi afastando às mosquetadas matavam qualquer dos nossos que aparecia para apagar o fogo; nem com êle assim ateado cessava a batalha, de parte a parte, até que as naus inimigas se afastaram, havendo bem quatro grandes horas que estavam abordados, e deram lugar aos nossos de arremeterem a apagar o fogo, e os nossos a êles para se afastarem, por evitarem o perigo em que se viam; mas foi isto já a tempo sem remédio algum, porque além de se ter o fogo apoderado da gávea e de tôda a enxárcia da proa e do castelo, com infernal ímpeto, vinha a enxárcia com polés, e com tudo, ardendo e levantando pelo castelo e pelo convés e costado tão grandes lavaredas, e com uma posse tão sôfrega e impetuosa que não houve remédio para se lhe atalhar.

Desenganados os nossos, que ardia a nau, absoluta e irremissivelmente, começaram muitos de se lançar ao mar em jangadas e paus, e os que não sabiam nadar a entrar em desespero e temor da morte; outros, especialmente a escravaria, abraçando o lugar em que estavam com suspiros e gemidos arrancados da alma, perguntando uns aos outros por remédio, clamavam ao céu por misericórdia, com tantos brados, que suspendiam os ares, e ora correndo a um bordo, ora a outro, não sabiam se se lançassem ao mar ou se se deixassem abrasar do fogo. O padre Frei António se abraçou com um Crucifixo, pedindo a Deus misericórdia por todos; e apertando o fogo com todos, começou de os obrigar a lançar ao mar, como fizeram os que

sabiam nadar, e os que não sabiam entrando em maior temor, lançando diante paus, barris e jangadas, e afogando-se muitos primeiro que nêles pegassem; e quando o apêrto era maior, os ingleses acudiam com suas lanchas armadas, aos quais muitos dos nossos pediam misericórdia, que êles não usavam com êles, antes, trespassando-os de parte a parte com as armas cruelmente e como carneiros, mataram todos os que puderam alcançar.

Que direi aqui do triste lamento das pobres fidalgas e daquelas donzelas e meninos e das trespassadas mães, porque, como carecentes de remédio, se abraçavam umas às outras, tão trespassadas e sem acôrdo, que não havia nelas alguma determinação, dizendo à fortuna tantas máguas, que cortavam os corações dos aflitos ouvintes, por lhes não poderem valer, dobrando-se-lhes sua pena pelas verem naquele estado; e começando a entrar que lhes convinha despirem-se para se lançarem ao mar e esperarem a misericórdia dos ingleses, estiveram em termos de se deixarem antes queimar que despirem-se. Começou D. Luísa de Melo de fazer queixas à fortuna, dizendo: — «Ah, cruel, que me enganaste no naufrágio da nau Santo Alberto, para me pores neste apêrto; se nêle me afogara, não me vira nesta aflição. Ah, pés, que trezentas léguas caminhastes por terra de cafres, quanto melhor vos fôra comidos de uma serpente, que agora aqui abrasados de fogo. Oh, ingratas areias da Cafraria, que comestes e cobristes D. Leonor de Sá, ¿porque me negaste sepultura em vós, quando três meses e trezentas léguas vos caminhei a pé? Ah, vida de desasseis anos mal lograda, ¿que determinação tomais com esta amarga e forçada morte de fôgo ou de água ou de armas de hereges? Ficai-vos embora, vida triste; apartai-vos de mim, esperanças enganosas».

Nestas e outras semelhantes máguas, passaram as aflitas mulheres e meninos aquêle breve espaço de vida, e, tomando por melhor conselho lançar-se ao mar, se atou

D. Luísa de Melo com sua mãe, com um cordão de S. Francisco, com que ambas liadas e afogadas saíram à terra na Ilha do Faial, onde foram sepultadas. E finalmente aquela valerosa gente portuguesa pereceu nadando pelo mar e passando dentro na água pelas armas daqueles cruéis luteranos, contra tôdas as leis da guerra, que não tiraram a vida a gente rendida e posta em tal estado. Quanto mais importara aos ingleses tomar tôda esta gente e lançá-la naquela Ilha, a trôco de muita pedraria que por isso lhe puderam pedir, que lhes valera um conto de ouro; mas cegou-os Deus por quão injusta guerra fizeram a esta nau, que vinha seguindo sua quieta viagem; de maneira que, abrasada a nossa nau em chamas vivas, cercada de sangue católico e perto de quinhentos corpos de católicos chagados, estavam êles e ela em tal forma, que com razão lhes pertencia bem o nome da nau das Chagas. Êste foi o mais triste e horrendo espectáculo que nunca no mar aconteceu, com tão estreita perseguição e cruéis extremos de gostar a triste morte entre fogo e mar e armas de he-reges inimigos.

E pois o temos ouvido, bem será que vejamos como escaparam dele treze pessoas, por grande mercê de Deus, e que gente perderam os ingleses nesta batalha. Estando Braz Correia com quatro homens do mar ao perpau, sem se saberem determinar, apertando já com êles o fogo, disse um marinheiro chamado Matanaus que se passassem à proa pela parte de fora, pela cinta do costado, e esperassem lá que caísse o gurupés, que era boa jangada.

Caminharam os marinheiros pela cinta, e após êles Braz Correia, e vendo o capitão-mor que êles puderam passar, disse a Nuno Vélho que se fôssem para lá também, e êle lhe respondeu que tanto montava morrer numa parte como na outra, e contudo foi-se com o capitão-mor, e indo após êle pela cinta, lançou mão de uma corda, que cuidou ser fixa, e indo-se com êle caíu ao mar, onde se deu

por afogado, sem saber nadar, e por grande ventura se pegou a um pau que achou na água, já meio afogado. O capitão-mor passou pela cinta, e pegado na proa a uma das cadeias, das de guarnições, que já estava solta da enxárcia, como a nau arfava, ora o levantava, ora o tornava a levar ao fundo, e porque não sabia nadar estava mais avante com os marinheiros, e pegados por baixo do grão fogo, metidos também no mar, esperavam todos a caída do gurupes, e como caíu por tal modo, arremessados a êle uns marinheiros, grumetes e escravos, fizeram dele jangada; e como o pé lhe ficasse chegado ao costado da nau, pegado a Braz Correia, se arriscou arremessando se a êle, e o alcançou trabalhosamente, e ajudado dos que nêle já estavam se pôs em cima. O capitão-mor, que ficava mais afastado, querendo-se também arremessar, como era mal visto errou o pau e se foi ao fundo, afogando-se logo aquêle honradíssimo fidalgo, que tão valorosamente tinha feito seu officio, deixando magoados os que o viam morrer sem lhe poderem valer.

Neste tempo passava uma lancha dos ingleses, com as lanças apontadas nos que estavam no gurupés, a qual como encontrasse na vêrga da cevadeira, que estava em cruz nêle fixa pela ostaga, deteve-se nela a lancha, e ainda ali valeu o Sinal da Santa Cruz a estes aflitos, porque naquela dilação houve lugar de um grumete lhes mostrar um bisalho de pedraria, e acenar-lhes que lho daria se o não matassem; êles, vendo o bisalho, desviaram as pontas das lanças, de modo que pareceu a Braz Correia que davam lugar ao moço que fôsse entrar na lancha, e porque não ousava de o fazer lhe bradou Braz Correia que entrasse, com o que animando o moço, que estava na dianteira do pau, arremeteu com a lancha e entrou, e êles o recolheram; os mais foram cometendo e entrando, e Braz Correia também. Matanaus lançou uma corda do seu rebém a Nuno Vêlho, que estava pôsto na curva, e

puxando por êle para o gurupés o ajudou a pôr nêle, e lançando a correr, se foi meter na lancha, que com grande pressa se afastou dele, temendo que chegasse o fogo da nau à pólvora, e voando as cobertas os alcançassem. Braz Correia, vendo ficar Nuno Vélho no gurupés, fêz grande instância com os da lancha, que o tomassem, porque lhes montaria muito o que por si lhes daria, e o não quizeram fazer com o grão temor que tinham do fogo, mas bradaram à outra lancha, que também vinha fugindo, que o tomassem, como tomaram, e logo o despiram da roupeta e lhe tomaram um relicário, e nú o passaram à outra lancha, que era da nau de Cumberland, onde foram levados. E nesta forma se salvaram treze pessoas, convém a saber: Nuno Vélho, Braz Correia, e Gonçalo Fernandes, guardião da sua nau Nazaré, e o estrinqueiro António Dias, e Pedro Dias, soldado da Índia, e dois calafates e dois marinheiros e quatro ou cinco escravos. Os quais, da nau inimiga, viram acabar de arder a sua, até que já quási noite chegou o fogo à pólvora, que com horrendíssimo estrondo, levantando uma grande nuvem de fumo, se concluiu aquêle espectáculo, indo-se o casco ao fundo, e acabando de perecer os que por seu bordo ainda estavam pegados, cujas almas permitiria Deus levar logo à glória, pois permitiu que seus corpos passassem por tal trânsito. Dos treze lançaram os ingleses os onze na Ilha das Flores, e Nuno Vélho e Braz Correia levaram consigo, por serem capitães, para testemunho do successo e por esperarem deles resgate; porém trataram-nos muito mal, com todos os desprimores e maus tratamentos possíveis. Na batalha morreram logo perto de noventa ingleses, ficaram como cento e cinqüenta muito mal feridos, dos quais foram depois morrendo muitos cada dia, e morreu na briga o capitão António, almirante; e o general Ckeve ficou tão mal ferido nos joelhos, que nunca mais se ergueu da cama, e foi disso morrer a Inglaterra. O capitão da

outra nau do Cumberland foi passado, pela barriga, de uma arcabuzada, de que depois em Inglaterra muito tempo andou; e pasmavam que tão pouca gente, como era a da nossa nau, lhes pudesse matar tanta gente, sendo os nossos, quando muito, setenta homens portugueses, pelos muitos que lhes morreram na viagem, do mal de Loanda, porque, pôsto que os escravos eram muitos, eram boçais e desmazelados, e só quatro ou cinco deles prestaram para armas.

Assim ferido à morte se deixou o general Ckeve andar entre as Ilhas mais de um mês, esperando successo de prêsa, corrido de haver de aparecer sem ela em Inglaterra, com tanta perda de gente, até que uma manhã viram a nau capitânia da Índia, capitão-mor D. Luís Coutinho, com o qual pelejaram às bombardas aquêlle dia, até que o general Ckeve mandou atar Nuno Vélho e Brás Correia, e metê-los em uma lancha, que enviou a D. Luís, dizendo que amainasse, da parte da Rainha de Inglaterra, se não que lhe queimaria a nau, como fizera à nau Chagas, para cujo testemunho lhe mostravam ali os capitães Nuno Vélho e Braz Correia, que dela escaparam. D. Luís mandou à lancha que falasse de largo, e respondeu à embaixada que não conhecia a Rainha de Inglaterra, senão El-Rei de Espanha, D. Filipe, Nosso Senhor, cuja era aquella nau capitânia da carreira da Índia, e capitão-mor dela D. Luís Coutinho, que na Ilha do Corvo tomara e desbaratara a Ricarte de Campo Verde, general inglês, e que dissessem ao seu general que fizesse o que pudesse, que êle lhe responderia em forma, e que chegasse a bordo, porque a nau vinha carregada de muita riqueza e pedraria. O inglês, vendo a resposta, determinou de queimar a nau, e para isso mandou que logo se despejasse a nau de Cumberland, por ser vélha, e que lhe sobrecarregassem tôda a artelharia, levando dentro em si dez pessoas para a marearem, com a lancha por pôpa em

que se saíssem, depois de abordada e ferrada com arpéus, deixando espias acesas na pólvora, e que, arremetendo todas três naus com a nossa, aquella só abalroasse na dita forma para que ambas se abrasassem. Tomado êste assento, ordenou Deus outro, porque, continuando-se aquella tarde a batalha às bombardadas, deram da nossa nau uma bombardada no mastro do traquete da nau do Conde, com que lho quebraram, e após isso sobreveio uma trovoada com que a nossa nau se foi saindo e as duas após ella, às quaes D. Luís aquella noite fêz farol; e como amanheceu não viram a outra, que por não ter mastro não pôde velejar; tornaram-se a ella, desistindo da contenda, e seguiu D. Luís sua viagem em paz, porque, quando Deus quere, tudo ordena como cumpre.

Ckeve, enfadado dos maus sucessos, e muito mais da morte que o apertava pela ferida dos joelhos, se foi na volta de Inglaterra, onde em breves dias morreu, e onde Nuno Vélho e Braz Correia foram prisioneiros do Conde Cumberland, que os tratou muito bem, tendo-os por hóspedes um ano, em que se resgataram por três mil cruzados, os quaes Nuno Vélho pagou só por ambos, não querendo que Braz Correia pagasse nada deles; e vindos a Espanha, Sua Magestade lhes fêz algumas mercês, e a Braz Correia tornou a enviar à Índia por vèdor da fazenda de Goa neste ano de 1605.

CAP. XII — Da causa e desastres porque se perderam muitas naus da Índia.

**É** cousa que muito magoa considerar na perda de tantas naus desta carreira da Índia, e quasi tôdas por desastres e cobiça insaciável; e não quero dizer o porque mais. Só digo que os que andam nela ponham os olhos em quantos perderam vidas e fazendas, e o porquê, e se advirtam do que lhes cumpre nesta matéria; e não

chamo desastres às que tomaram os cossários e fizeram perder; porque isso são casos fortuitos de guerra, como vimos na nau S. Filipe, que Francisco Draque tomou entre a Ilha Terceira e a de S. Miguel com nove naus de guerra, e na nau Madre de Deus, que na Ilha das Flores tomou outra esquadra inglesa, e na nau Santa Cruz, que por lhe escapar das mãos à mesma armada deu consigo à costa na mesma Ilha, e se lhe pôs fogo para o inimigo não levar dela nada, como não levou, e na nau S. Francisco, que vindo de arribada no ano de 97 deu consigo à costa na Ilha de S. Miguel por se livrar de 14 velas de armada inglesa. Nem chamo desastre o da nau S. Valentim, que ancorada em Cezimbra no ano de 1602 foi ali tomada de ingleses, nem menos o da naveta Santo Espírito, que saindo de Lisboa para a Índia, só, em Outubro ou Janeiro do ano de 1590 a tomaram cossários às bombardadas. E se, no que fica contado do galeão Santiago e da nau Chagas, se pode atribuir algum desastre, do discurso da história se deixará coligir que, pelo que eu entendo da nau Chagas, desastre foi pegar-se o fogo pelo cochim e não se advertirem dele para o tirarem antes da batalha, porque em semelhantes sucessos o capitão do fogo ha-de ser mui advertido em afastar todo o modo de acendalha. Esta é a razão por que convém tirar logo as monetas das velas, e não só para desembaraçarem a vista, mas para ficarem as velas levantadas do fogo, nas quais é sempre mais perigoso porque se não pode apagar, como vimos nesta nau.

Desastre bem sentido foi partir-se da Índia Manoel de Sousa Sepúlveda, não só tão tarde como partiu, em dous de Fevereiro do ano de 1552, de Cochim, que era o tempo em que para bem houvera de estar no Cabo de Boa Esperança, mas partiu-se sem velas, com umas velas que para as remendar amainou tantas vezes que pôs até treze de Abril (que são dous meses e dez dias) em che-

gar a trinta e dous graus no Cabo, sendo já inverno nêle, onde se perdeu; e maior desastre foi entregar as armas aos cafres, que tão caro lhe custou a êle, e mulher e filhos, e a todos. Desastre grande foi o da nau Santiago, capitânia, que deu no Baixo da Judia, sendo Baixo tão conhecido. Desastre foi também dar à costa na Ilha Terceira o galeão Santiago vindo de Malaca o ano de 98, sem tormenta, e por falta de amarra, que não tinha, estando no mesmo pôrto seis naus de viagem, de que era capitão-mor João de Tomar Caminha, e o galeão S. Lucas capitânia da frota do Brasil, de que era capitão-mor Braz Correia; e nenhum deu à costa senão o dito galeão, por não ter amarra. Desastre seja também perder-se a nau S. Luís no parcel de Sofala no ano de 1582, indo de viagem para a Índia, por ruim pilotagem. Desastre foi bém grande o da nau Nossa Senhora da Encarnação, que no ano de 96 levou de Lisboa à Índia o Conde da Vidigueira, almirante; porque, tendo-a no pôrto de Cochim carregada para se vir nela para o reino o Viso-Rei Matias de Albuquerque, ardeu assim carregada por ocasião de se chegar a ela um barco em que se ateou o fogo, levando barris de pólvora e de alcatrão; e por mau tento ardeu a nau carregada e morreu nela alguma gente. Também seja desastre partir de Goa a nau Nossa Senhora do Castelo, e ir-se perder a sessenta léguas das ilhas de Anjoja, através de Moçambique, onde foi ter o capitão com alguma gente; e não foi menor desastre da nau Madre de Deus, feita na Índia, que, partindo de Goa para êste reino no ano de 1595, aos treze dias de viagem foi dar nos Baixos das Desertas de Arábia, de que só dezasseis pessoas se salvaram, e os mais mataram os arábios. Seja também desastre o de três naus que partiram de Lisboa para a Índia, a saber: a nau Santo António no ano de 1589 (que dizem que ardeu) e o galeão S. Lucas no ano de 1590 e o galeão S. Felipe no ano de 1600, sem de nenhuma delas

haver mais novas, nem como se perdessem, mais que desaparecerem.

Porém ainda que de tôdas as naus já nomeadas podemos coligir que quasi tôdas se perdessem por desastres, as outras que agora se seguem, não por desastre mas por cobiça se perderam, que é mal antigo e conhecido nesta carreira, e de todos chorado e de ninguém remediado, sendo o remédio disso tão necessário como é haver naus e ministros para elas; porque realmente pela maior parte nesta carreira anda gente de insaciável cobiça, e tal, que do naufrágio da nau Santiago no Baixo da Judia se conta que, vendo um uma grande soma de *reales de oito* lançados por cima do Baixo, não havendo nêle esperança de salvação, tomou uma saca grande e os apanhou todos e meteu na saca e a atou, e não tardou muito que a maré enchendo cobriu a saca, e a êle e a todos afogou. De um marinheiro da nau Santa Clara, que deu à costa no Brasil, se conta que, vendo que todos se despiam nús, por se salvarem a nado, e deixavam na nau cadeias de ouro e outras peças, êle se carregou delas, esperando nadar com elas à terra, e em tocando na água, antes de poder nadar, era tal o pêso, que com êle se foi a pique ao fundo e perdeu a vida. Pontualmente assim são os que carregam ou sobre-carregam na Índia as naus com tanta cobiça, que parece que não esperam de chegar a êste reino, senão em fazendo vela irem-se a pique ao fundo. E é cousa lastimosa, e para chorar com lágrimas de sangue, ver a multidão de naus que em poucos anos se perderam por cobiça, em que não só é de considerar a grande soma de riqueza que nelas comeu o mar (que fique no arbítrio de cada um), mas a perda de tanta gente, não só fidalgos, soldados de grande valor, mas pilotos, mestres, nautas e bombardeiros, gente tôda feita nesta carreira, que lá fazem notável minguá. E seja a primeira parte desta cobiça, a que muitos mur-

muram, da querena italiana, que se dá a estas naus não por melhor fim, mas por se poupar parte do custo que fazem pondo-se a monte, como importa a estas nossas caracas; e às naus de Levante baste embora a querena no mar, porque a sua carga é de vidros e espelhos, e o seu mar diferente do Oceano e em que cada três dias podem tomar pôrto; basta que é mar de galés, aonde bastam umas naus vazias como tôrres. E as nossas naus da Índia atravessam o mar Oceano, de Polo a Polo, e passam o Cabo de Boa Esperança, não carregadas de vidro, senão sôbre-carregadas de grandes máquinas de caixões e fardos e drogas pesadíssimas, e contendem com a fúria dos quatro elementos, e caminham cinco e seis mil léguas com todo o successo do tempo; e a querena para elas é tão danosa como se tem visto pela multidão das naus que, depois que ela se usa, se perderam, na forma que logo se verá, não por desastre, como algumas das já nomeadas, mas por cobiça e pouco tento, e por se cuidar que é provisão a querena, e provisão dar-se o consêrto das naus de empreitada, e que se poupa na bôlsa dos contratadores. Em esta forma perde-se o reino assim pela surda, porque a querena desencaderna tôda uma nau, e é forçado calafetá-la molhada e mal vista pela quilha e partes importantes, e a empreitada conserta-se como quere e não como deve; e a nau para ser bem consertada, há-de ser pondo-se a monte e secando-se primeiro muito bem, porque não cuspa o calafêto, começando-se a ver pela quilha, o que não se pode fazer da querena; e em tais adereços se há-de proibir tôda a empreitada e advertir com grande tento que se lhe não meta pau nem tábua senão muito sêca, enxuta e colhida de vez, qual é a lua vêlha de Janeiro.

A terceira causa que bota a perder as naus, e o reino e a Índia e tudo, é a dos que navegam nesta carreira sobre-carregarem as naus e as arrumarem mal, com o leve

em baixo e o pesado em cima, o que não só descompassa as naus, mas basta qualquer ocasião para abrirem, e se perderem tantas, como temos visto, abertas tôdas indo-se ao fundo. Deixemos as antigas, porque êste mal é já muito vélho, como lemos daquelle grande naufrágio da nau de Fernando Álvares Cabral, que abriu, e deu à costa no Cabo de Boa Esperança, que só sôbre uma das cobertas trazia mais de setenta caixões mui grandes de fazenda; mas vamos às que agora há poucos anos, por sôbre-carregadas e mal aviadas da querena italiana, se perderam, indo-se ao fundo. E começemos pela nau S. Lourenço, que no ano de 1585 foi de Lisboa à Índia, e tornando de iá sôbre-carregada abriu, e foi fazer naufrágio em Moçambique. Idem, o galeão Reis Magos, que vindo de Malaca abriu, e foi fazer naufrágio em S. Tomé. Idem, a nau Salvador, que foi de Lisboa no ano de 1586, que na volta da Índia abriu, e fêz naufrágio em Ormuz. Idem, a nau S. Tomé, que partiu de Lisboa no ano de 1588 e tornando para êste reino abriu, e com grande tripulação foi dar à costa na Terra do Natal, onde morreu muita gente, e alguma que se salvou foi a Sofala, com assaz trabalho. Idem, a nau S. Francisco dos Anjos, feita na Índia, vindo para êste reino, no ano de 1591, abriu, e fêz naufrágio em Moçambique. Idem, o galeão São Luís, que no mesmo ano foi de Lisboa a Malaca, na volta abriu, e fêz naufrágio em Moçambique. Idem, a nau Santo Alberto, de que já tratei, que aberta, no ano de 1593, fêz naufrágio no Penedo das Fontes, cuja quilha era tão pôdre, que a desfazia Nuno Vélho Pereira com a cana de bengala. Idem, a nau Nazaré, no mesmo ano aberta, fêz naufrágio em Moçambique. Idem, a nau S. Cristóvão, que de Lisboa foi no ano de 1593, na torna-viagem abriu, e foi a Moçambique, onde não quis descarregar, senão tornar para Goa em companhia da nau S. Paulo, em que a gente se salvou, porque ela foi-se a pique ao fundo.

Item, a nau Nossa Senhora do Rosário, que foi de Lisboa no ano de 1595, quando tornou abriu, e fêz naufrágio em Moçambique.

Tôdas estas onze naus se perderam, abertas, indo-se ao fundo com carga, porque é tanta a que lhes põem, não só dentro em seu bôjo, mas sôbre as cobertas e por fora do costado, que não sômente abrem (como está dito), mas inteiras se vão a pique ao fundo, com a sôbre-carga, como fêz a nau Relíquias no pôrto de Cochim, que foi o pêso da sôbre-carga tanto, que se foi a pique ao fundo. E ainda mal, porque não pararam as perdas dêste reino só com as naus já nomeadas, porque dentro nos mesmos anos perdeu mais oito naus, que, partindo da Índia assim sôbre-carregadas, nunca mais apareceram, nem nova delas; e ainda das atrás nomeadas, que fizeram naufrágios, de muitas escapou a gente tôda, e de outras alguma fazenda; mas destas oito, de que não houve notícia, nem fazenda nem gente escapou, o que é mágua que basta para espêlho dos futuros estimarem mais suas vidas e carregarem mais temperada e cômodamente, por se não verem em tais extremos, nos quais se deviam ver estas naus, convém a saber: a Reis Magos, que no ano de 1582 foi de Lisboa à Índia, e na volta desapareceu. Item, a nau Boa Viagem, que foi para a Índia no ano de 1584, quando tornou desapareceu. Item, a nau Bom Jesus, em que no ano de 1590 foi de Lisboa o Viso-Rei Matias de Albuquerque, tornando nela o governador Manoel de Sousa Coutinho com sua mulher, filhos e muitos fidalgos, desapareceu, sem haver novas dela. Item, a nau S. Bernardo, foi de Lisboa à Índia no ano de 1591, e, tornando de lá para êste reino, desapareceu. Item, a nau S. Bartolameu, que foi de Lisboa no ano de 1594, quando tornou da Índia desapareceu. Item, a nau S. Paulo, foi no mesmo ano de Lisboa e à volta da Índia desapareceu. Item, a nau Nossa Senhora da Luz, partiu de Lisboa no ano de

1595, e tornando da Índia desapareceu. Item, a nau Nossa Senhora da Vitória, foi no mesmo ano de 95 de Lisboa, e à torna-viagem desapareceu. Das quais oito naus não houve notícia de como se perdessem, e há-se de presumir que abriram e se fôram ao fundo na forma que tôdas as mais fizeram naufrágios, que foi abertas, às quais fêz Deus mercê que chegassem à costa, e a estas últimas antes disso comeu o mar. Assim que em vinte anos, que há do ano de 1582 até 1602 perdeu êste reino trinta e oito naus da Índia, na forma que tenho apontado, algumas por desastre e as mais delas por cobiça de sôbre-carregarem na Índia. E tôdas estas perdas da Índia e sua carreira se encerram em duas causas: uma, que por partirem de Lisboa tarde arribam; a outra, por partirem da Índia sôbre-carregadas se perdem; e ambas estas causas são bem remediáveis; e assaz de prova temos disto, mui bastante, no que vimos neste pôrto de Lisboa, no ano presente de 1604, que chegaram a êle seis naus da Índia a salvamento, sem se perder alguma, porque, como na Índia não houve muita carga, carregou cada uma a carga ordinária e pôde com ela e montou a viagem a salvamento; e após estas naus entraram pela barra as naus que partiram dela para a Índia, que arribaram por partirem a vinte e nove de Abril, que é muito tarde; e também as naus que partem da Índia muito tarde têm trabalho, porque vão demandar o Cabo já no inverno.

O verdadeiro partir de Lisboa há de ser antes que o sol passe a Equinocial; bem de experiência há disso. E porque isso se não previne a tempo, arribam tantas naus, como arribaram no ano de 1601, que de nove que partiram arribaram cinco; e também se arriscam a muito as naus que não partem da Índia dentro em Dezembro para passarem o Cabo de Boa Esperança no verão da-quele Polo, em que então está o sol. E, finalmente, a felicidade desta carreira, mediante Deus, está em as naus

não serem feitas de madeira verde, senão muito sêca e colhida na lua vélha de Janeiro, no último da minguan-te, e na minguan-te do dia, porque é a verdadeira sezão de ser cortada (como as uvas vindimadas em Setembro); tem então a madeira madurez, tem menos humor, é leve, seca mais de pressa, dura mais, e não revê nem empena; e não só as naus de tal madeira serão mais leves e mais duráveis, mas mais fortes e estanques, porque a prega-dura nesta madeira colhida de vez é fixa, e fixo o calafetado. Consiste em serem as naus varadas a monte, para que se enxuguem, e não se consertem húmidas; e bom é o consêrto não ser de empreitada, nem cortando, porque tudo se fará à provisão, que nisto desarma e não convém. E as naus a que não fôr necessário consêrto, é muito im-portante, em descarregando, serem mui bem lavadas por dentro, e muito bem esgotadas, passado o lastro acima para isso, porque o lôdo e as águas chocas que trazem, lhes apodrecem as quilhas e picas. Consiste finalmente em partirem em Março de Lisboa, antes do Equinócio, e da Índia dentro em Dezembro; e com carga ordinária e não sôbre-carregadas. Tôdas estas cousas são factíveis, e, podendo-se fazer, podia ser que não houvesse tantas perdas, que magoam até as pedras.



## Nota final

Com o presente volume fica concluída a reimpressão da *História Trágico-Marítima*, colectânea de *relações* de naufrágios publicada por Bernardo Gomes de Brito, em 2 volumes, nos anos de 1735 e 1736. Crê-se que Gomes de Brito tinha em mente publicar mais alguns volumes daquela colectânea, mas tudo o que viu a luz da publicidade, como fruto de edição sua, está contido nos seis volumes que compõem a presente reedição. Em algumas bibliotecas existem colectâneas de opúsculos, encadernados em volume como continuação da *História Trágico-Marítima*. Trata-se, porém, de uma inexactidão.

O nome *História Trágico-Marítima* foi criado por Bernardo Gomes de Brito, e não pode — com probidade literária — aplicar-se senão àquilo que Gomes de Brito efectivamente publicou.

A tal respeito, escreveu um bibliotecário ilustre, o falecido Gabriel Pereira, as seguintes considerações: «Afirma-se que Bernardo Gomes de Brito tencionava publicar cinco volumes; só imprimiu os dois primeiros. Aparece às vezes um pseudo-terceiro volume, que é uma reunião de *relações* de naufrágios, de várias impressões, formada pelos amadores, ou por negociantes, mas que não é o 3.º tomo da *História Trágico-Marítima*». Mais modernamente (1928), Carlos Passos, num valioso artigo da revista *Bíblas (Navegação Portuguesa dos séculos XVI e XVII)*, defendeu igualmente, com bons argumentos, a mesma doutrina: «Certo é que aparece, às vezes, um pseudo 3.º volume a acompanhar alguns exemplares desta obra. Mas a sua autenticidade limita-se à declaração da lombada, não só não corroborada pela fôlha de rôsto, como por outros dados que assim o fizessem reconhecer. Todavia, Inocêncio, no *Dicionário Bibliográfico*, parece querer reconhecê-lo como autêntico. Além da falta de elementos comprovativos, aparecem — e isto julgo concludente — neste pseudo 3.º volume narrações já inclusas nos dois volumes da *História Trágico-Marítima*. De-certo Gomes de Brito — dado o zêlo com que se houve na compilação que nos legou — não inseriria noutro volume da sua obra, narrativas que já tivesse inserto em volume anterior».

Na presente colecção de *Crónicas e Memórias*, faremos seguir à *História Trágico-Marítima* uma nova série de *relações* de naufrágios, a qual permitirá aos leitores dominar completamente o âmbito das tragédias que acompanharam as navegações portuguesas. Denominaremos essa nova série: *Naufrágios célebres dos séculos XVI, XVII e XVIII*.



## ÍNDICE GERAL

	Vol.	Pág.
Notícia histórico-bibliográfica	1.º	5
I — Naufrágio do galeão S. João	»	15
II — Naufrágio da nau S. Bento	»	47
III — Naufrágio da nau Conceição	2.º	5
IV — Sucesso das naus Águia e Garça	»	49
V — Descrição da cidade de Colombo	»	79
VI — Naufrágio da nau S. Maria da Barca	3.º	5
VII — Naufrágio da nau S. Paulo	»	39
VIII — Naufrágio da nau S. António	4.º	5
IX — Naufrágio da nau Santiago	»	57
X — Naufrágio da nau S. Tomé	5.º	5
XI — Naufrágio da nau S. Alberto	»	59
XII — Naufrágio da nau S. Francisco	6.º	5
XIII — Batalhas e sucessos do galeão San- tiago e da nau Chagas	»	101
Nota final	»	183



H. G.  
30907

INDICE GERAL

ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTA OBRA  
NAS OFICINAS GRÁFICAS DA COMPA-  
NHIA EDITORA DO MINHO — BARCE-  
LOS — EM 31 DE AGÔSTO DE 1943.

101  
102  
103  
104  
105  
106  
107  
108  
109  
110  
111  
112  
113  
114  
115  
116  
117  
118  
119  
120  
121  
122  
123  
124  
125  
126  
127  
128  
129  
130  
131  
132  
133  
134  
135  
136  
137  
138  
139  
140  
141  
142  
143  
144  
145  
146  
147  
148  
149  
150  
151  
152  
153  
154  
155  
156  
157  
158  
159  
160  
161  
162  
163  
164  
165  
166  
167  
168  
169  
170  
171  
172  
173  
174  
175  
176  
177  
178  
179  
180  
181  
182  
183  
184  
185  
186  
187  
188  
189  
190  
191  
192  
193  
194  
195  
196  
197  
198  
199  
200



